

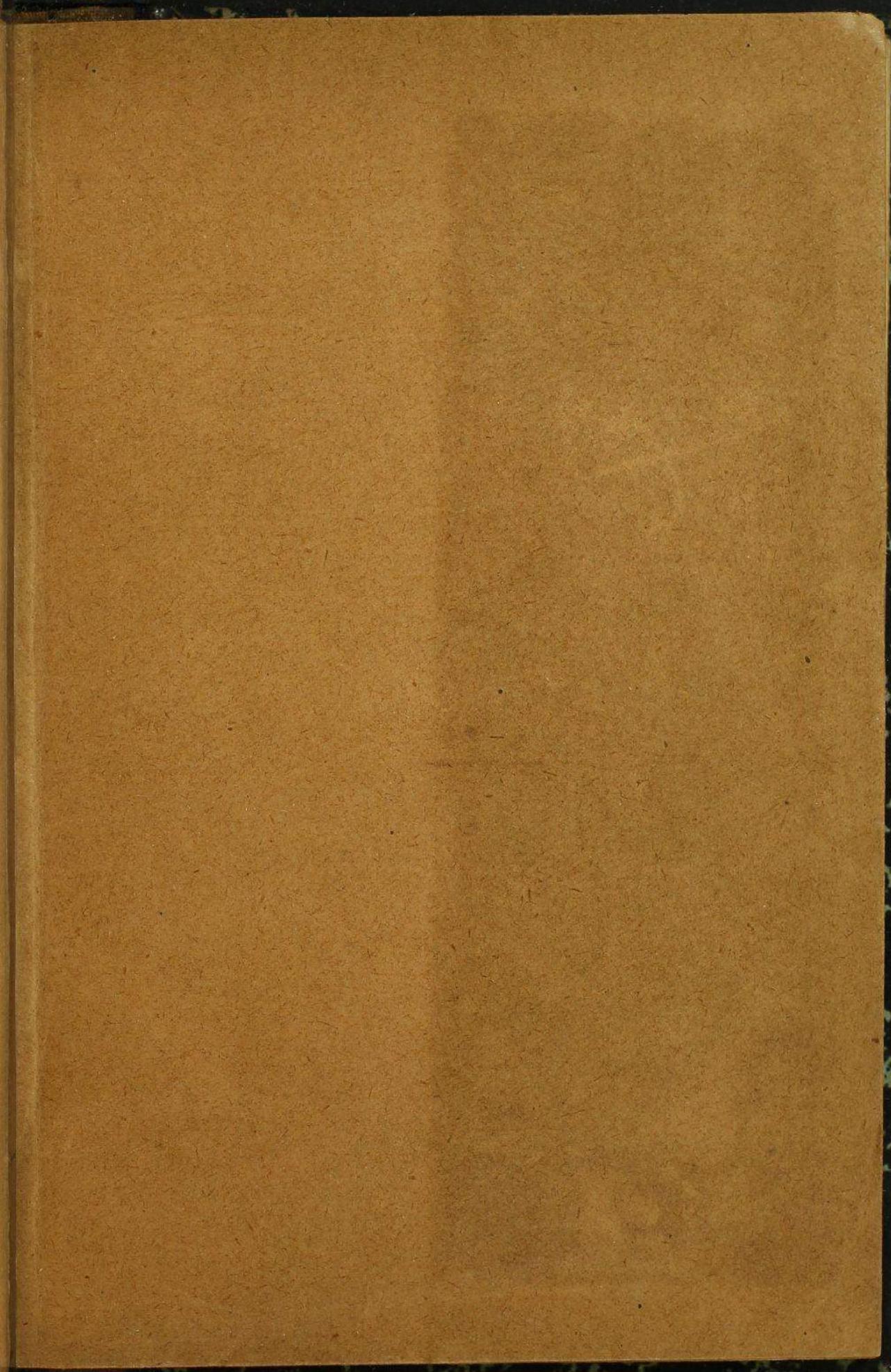


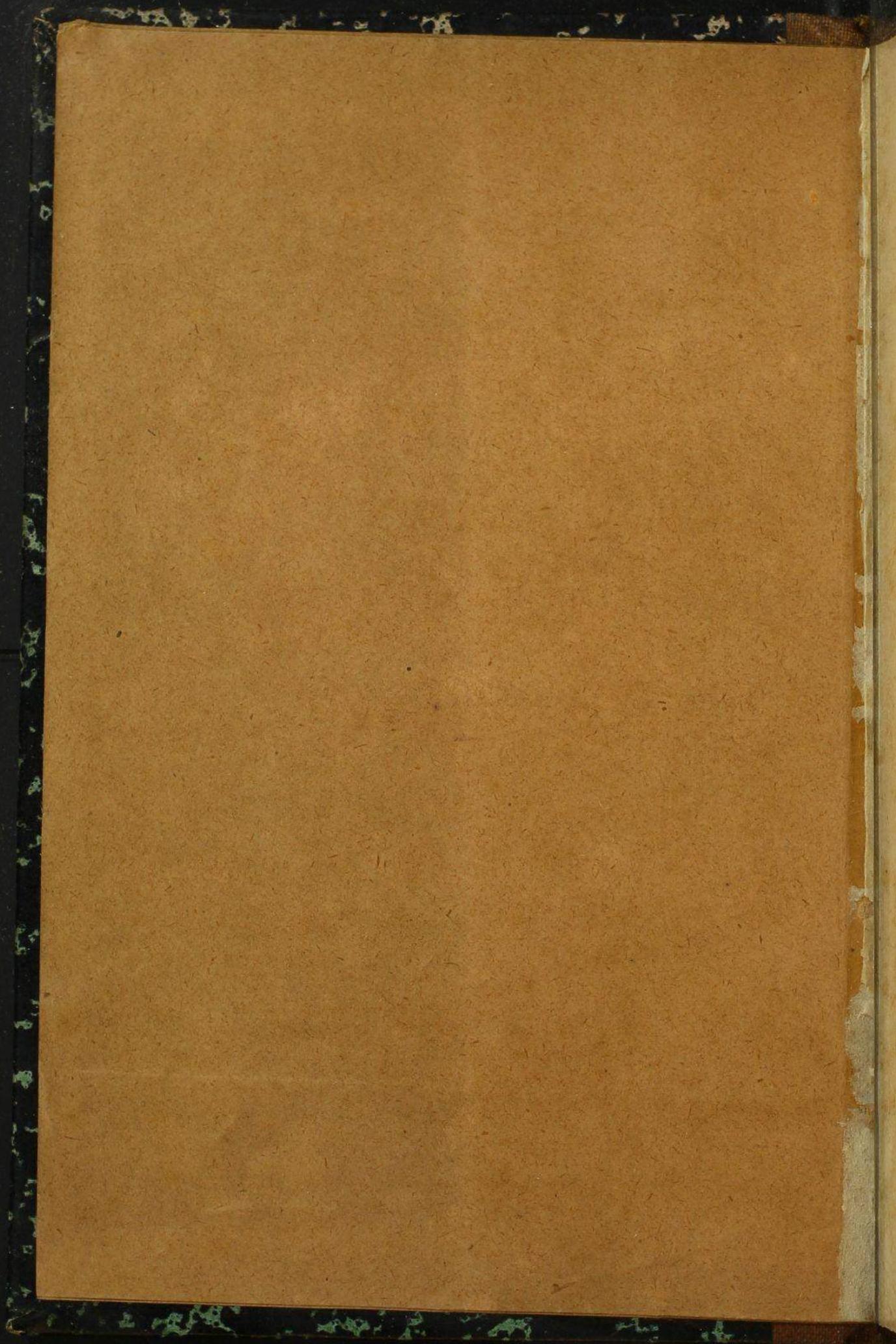
Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





*José Félix*

SÉSAMO

DE JOÃO DO RIO :

Chronica social

RELIGIÕES NO RIO—10º. milheiro	} editores Garnier & C
ALMA ENCANTADORA DAS RUAS — 2º. milheiro. . . . .	
VIDA VERTIGINOSA—2º. milheiro	} editores Lello & Irmão.
CINEMATOGRAPHO . . . . .	
OS DIAS PASSAM . . . . .	} editores Villas-Boas & C.
CHRONICAS E FRASES DE GO-	
DOFREDO DE ALENCAR —	
PALL-MALL RIO DE JOSÉ ANTO-	
NIO JOSÉ . . . . .	
NO TEMPO DE WENCESLAU . . . . .	

Inqueritos

O MOMENTO LITERARIO — editor Garnier.

Contos

DENTRO DA NOITE — 5º. milheiro — editor Garnier.  
A MULHER E OS ESPELHOS — a apparecer.  
JUCA DE S. JORGE E OUTROS TYPOS — a apparecer.

Theatro

A BELLA MME. VARGAS, peça em 3 actos — editor Briguiet & C.  
EVA, peça em 3 actos — editor Villas-Boas & C.  
HORROR, TRISTEZA E RISO, a apparecer, peças em 1 acto —  
editores Villas-Boas & C.

Conferencias

PSYCHOLOGIA URBANA — 3º. milheiro — editor Garnier.  
SÉSAMO — editores Francisco Alves & C.

Viagens

FADOS e CANÇÕES de PORTUGAL } editor Garnier.  
PORTUGAL D'AGORA . . . . . }  
SENSAÇÕES DE VIAGENS — a apparecer.

Traducções

Obras de OSCAR WILDE :

SALOMÉ . . . . . } já publicadas pela  
INTENÇÕES . . . . . } Livraria Garnier  
O RETRATO DE DORIAN GRAY.. } a apparecer.  
THEATRO . . . . . }

Romances

DESEJO . . . . . } de proxima  
PROFISSÃO DE JACQUES PEDREIRA } publicação

JOÃO DO RIO

Da Academia Brasileira e da Academia  
de Sciencias de Lisboa

# SÉSAMO

---

---

*José Trizinho 11/9/17*

Oração à Mocidade  
Elogio dos Perfumes  
Oração dos Pharóes  
Apologia da Dança  
Heroismo — Razão da Vida  
Oração da Gratidão  
Portugal-Brasil  
Patriotismo

---

---

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

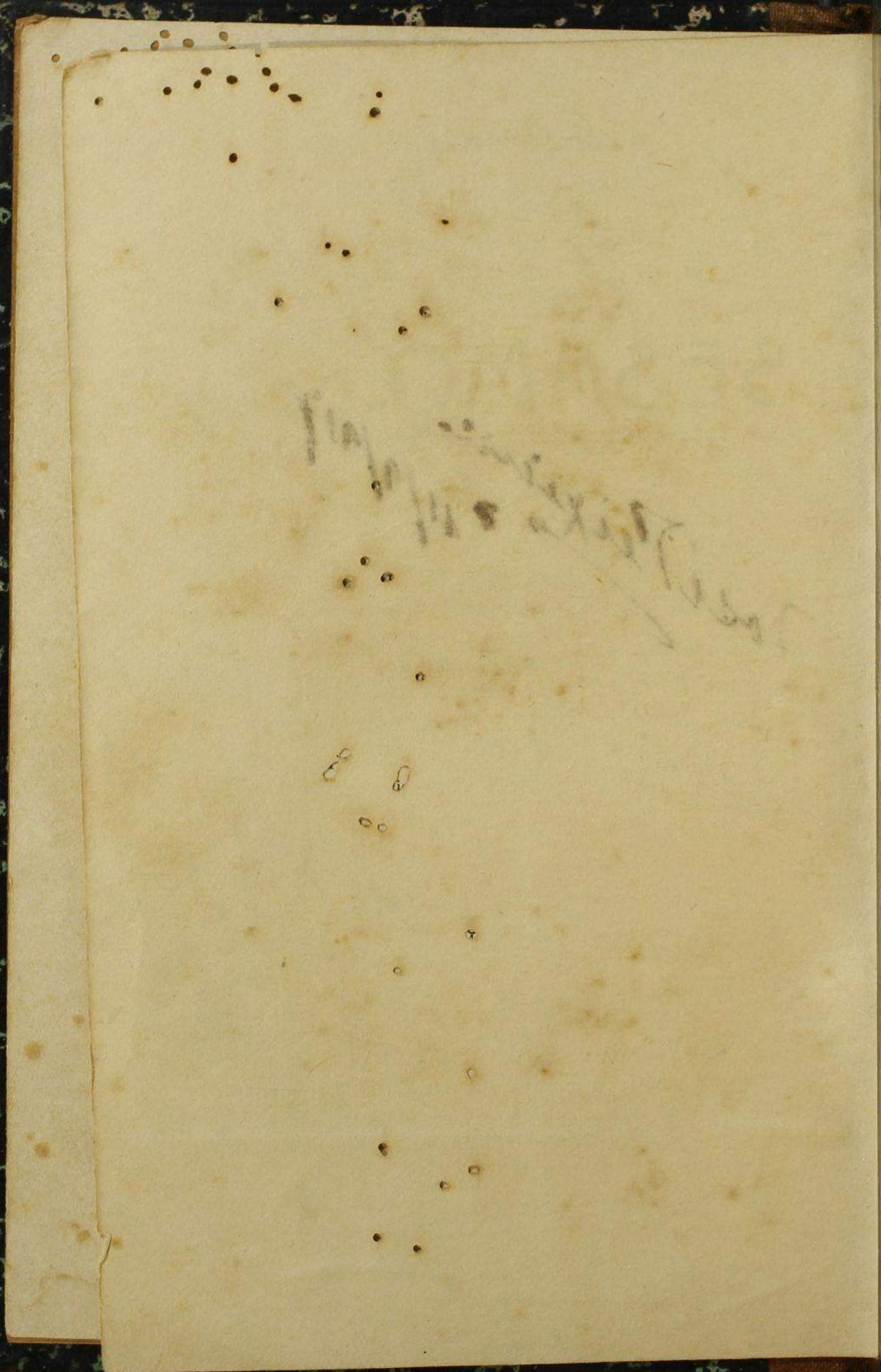
Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

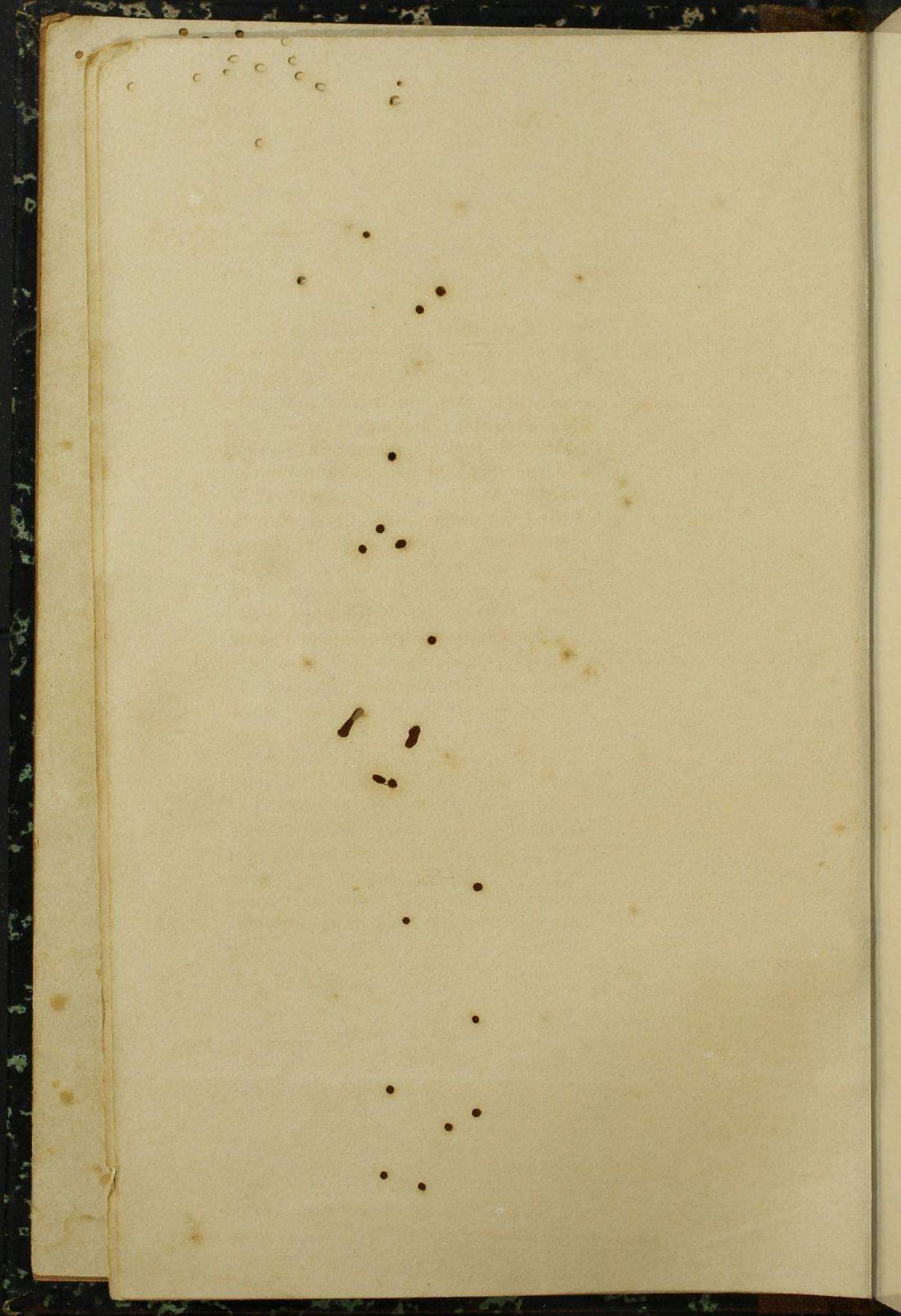
129, Rua Libero Badaró | Rua da Bahia, 1055

1917



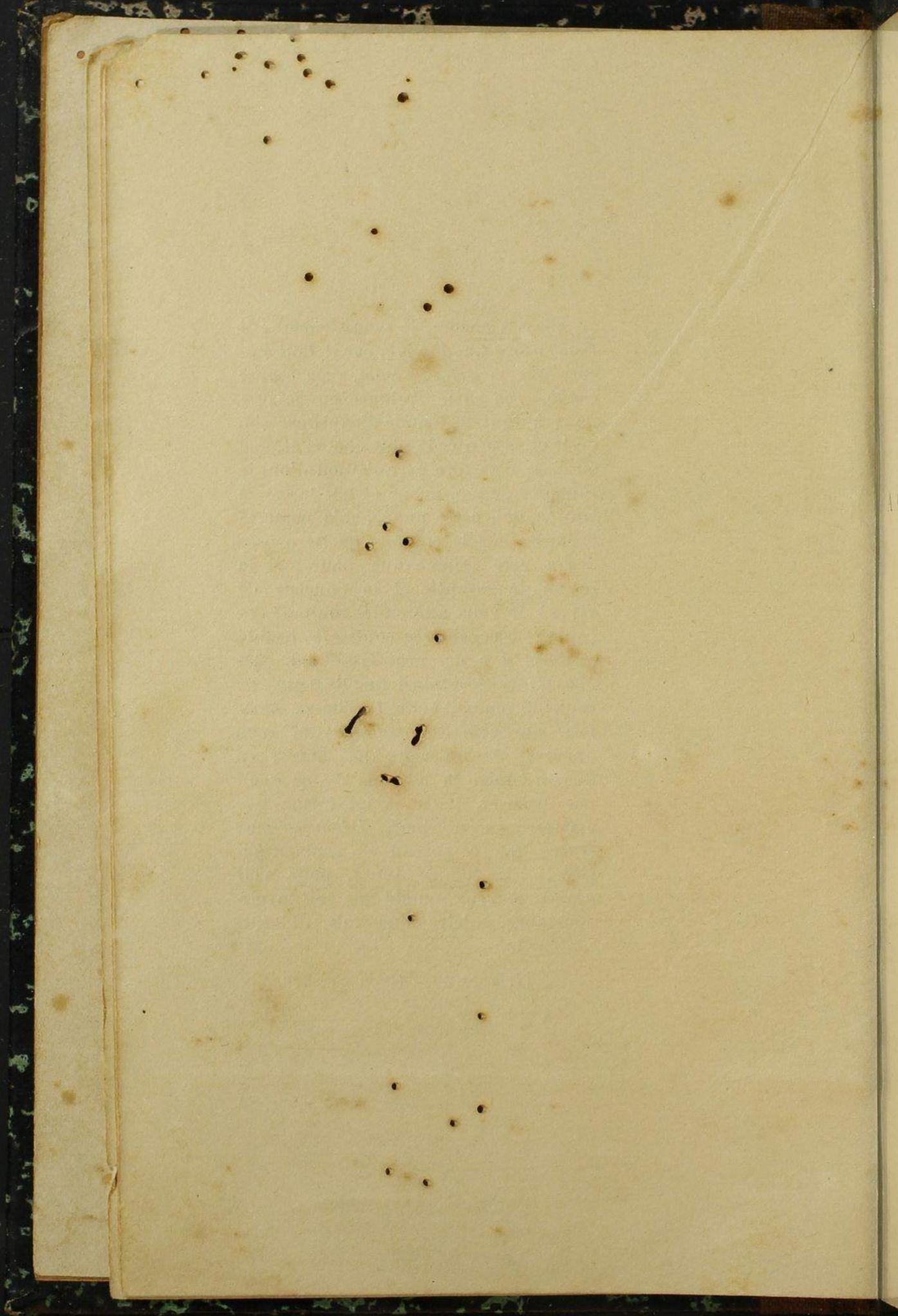
Sésamo: — da familia das begoniaceas.  
Cultivada nas regiões tropicaes. A especie  
typo: o *gençili* da India. Das sementes extraem  
oleo que cura chagas, ulceras, e muita vez re-  
anima o doente...

*Grande Encyclopedica.*



Je vis encore, je pense encore : il faut encore que je vive, car il faut encore que je pense. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum.* Aujourd'hui je permets à tout le monde d'exprimer son désir et sa pensée la plus chère : et, moi aussi, je vais dire ce qu'aujourd'hui je souhaite de moi-même et quelle est la pensée qui, cette année, m'a passé la première sur le cœur — quelle pensée devra être dorénavant pour moi la raison, la garantie et la douceur de vivre ! Je veux apprendre toujours davantage à considérer comme la beauté ce qu'il y a de nécessaire dans les choses : — c'est ainsi que je serai de ceux qui rendent belles les choses. *Amor fati*: que cela soit dorénavant mon amour. Je ne veux pas entrer en guerre contre la laideur. Je ne veux pas accuser, je ne veux même pas accuser les accusateurs. *Détourner mon regard*, que ce soit là ma seule négation ! Et, somme toute, pour voir grand : je veux, quelle que soit la circonstance, n'être une fois qu'affirmateur !

NITZSCHE — *Gaya Scienza.*



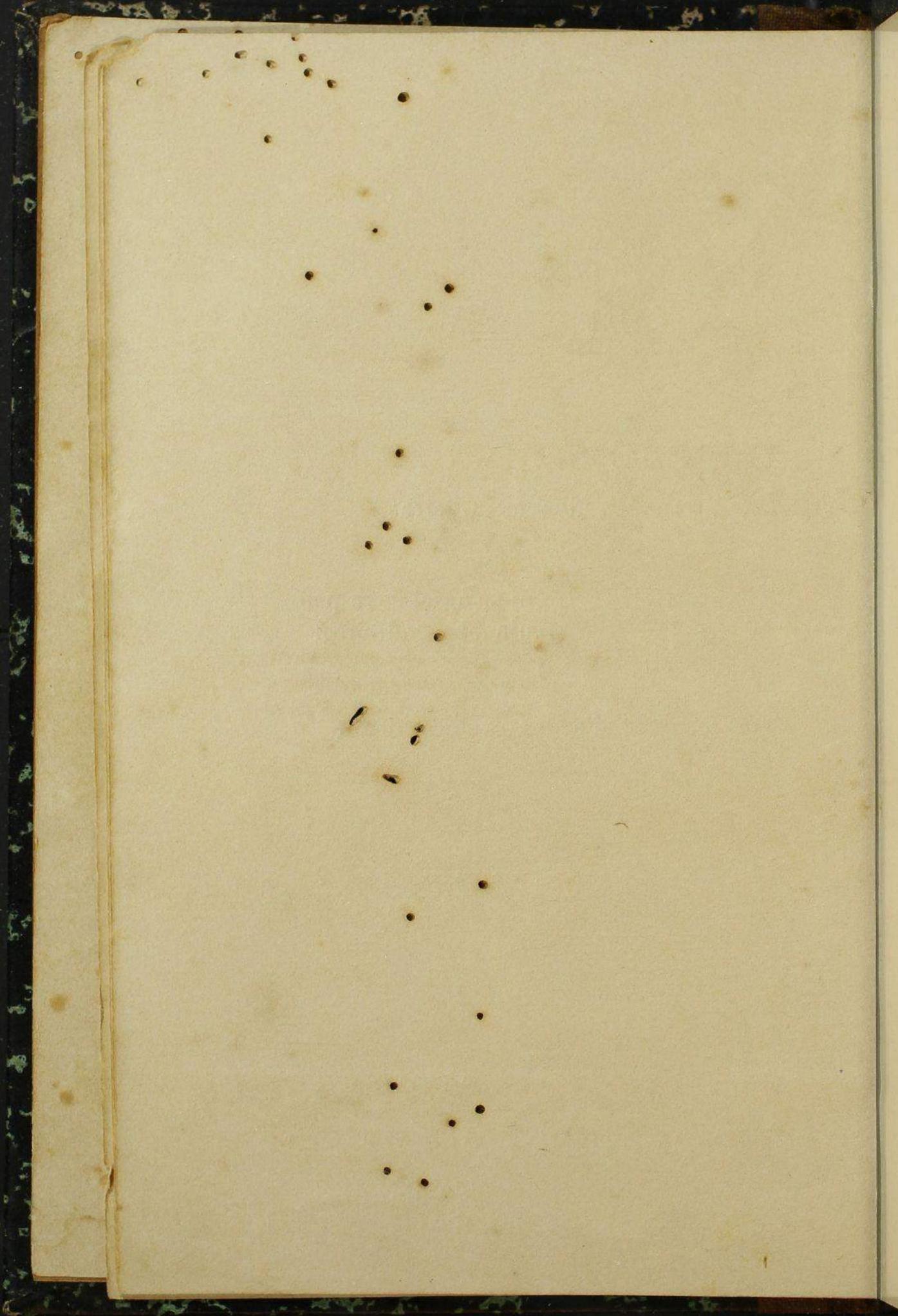
# OFFERTA

A CELSO VIEIRA, — homem de letras,

cujo caracter respeito,  
cuja obra admiro :

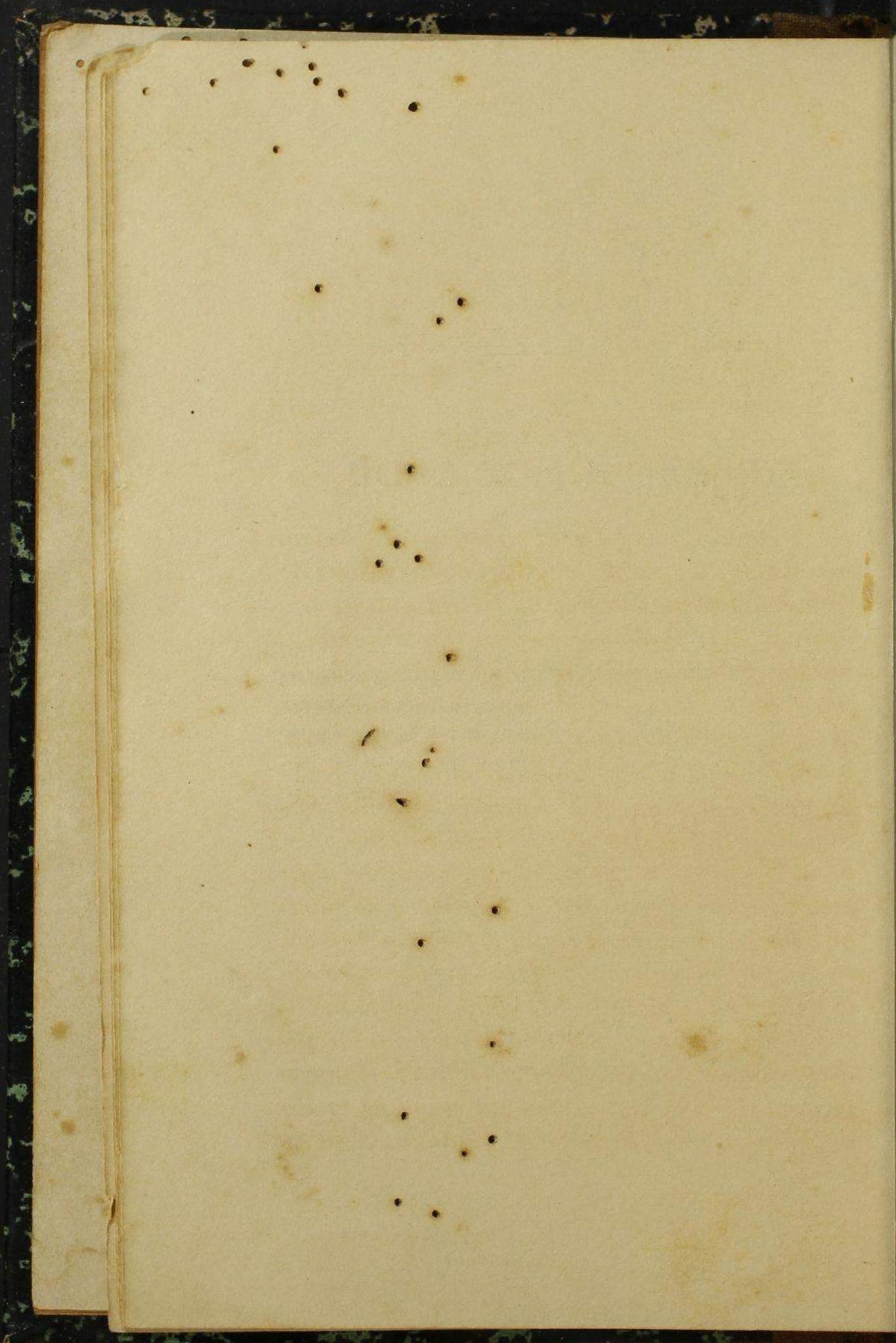
estas paginas d'ardor e sinceridade.

JOÃO DO RIO.



## ORAÇÃO Á MOCIDADE

Em S. Paulo, na cidadella  
sagrada, em face de quinhentos  
jovens, de intelligencia e gene-  
roso coração. =====



M  
O  
espe  
aula  
sobre  
lides  
mas  
gra  
brad  
da n  
um  
come  
terio  
ge  
to q  
de c  
bre  
dad  
virg  
da t

### *Mocidade...*

*O milagre é a força encadeada do crêr, do esperar e do querer. Nas silvas educativas de autores christãos haveis de ter lido muita vez sobre a eternidade da fé casos que a immoralidade da ignorancia denominaria anedotas mas que de facto foram maravilhas ou milagres. E, entre tantos esquecidos e tantos lembrados, todos escriptos com a pureza do rocio da madrugada que é o suor da lua a expirar, um ficou na nossa mente desde a infancia, como o exemplo cheio de intenções, de mysterios e de refulgencias: — o milagre do monge e do passarinho. O santo deixára o convento quando o céu começa a se fazer no oriente de carmezin e de ouro. O santo meditava sobre a vida terrena, o tempo fugace e a eternidade divina. Em de redor a terra era como a virgindade que se entrega ao calor primeiro do beijo solar. Um passaro cantava. O santo*

ouvia-o embevecido. O passaro, seta sonora, para mais longe voou. O monge, resonancia intima da benção universal, seguiu-o. O passaro pousou e continuou de gorgear. O frade sentou e continuou de ouvir. E quando voltou ao mosteiro horas depois, bateu e o irmão que veio abrir não o reconheceu nem elle ao irmão. A ouvir cantar a ave do suave gorgoio passára o santo mais de um seculo...

O tempo é nada. Já delle disse Aristoteles, genio tão grande que foi o primeiro a ser chamado de plagiario: — “constando do preterito que não é e do futuro que vai ser em mais não consiste senão em ir-se”. Sentir a obra de Deus, fazer da vida o louvor da Belleza é não sentir o tempo e eternisar-se na eternidade. Esse santo comprehendera. Ficou por tal tocado da maravilha. O abemolado som dourado da garganta de um passaro fixou-lhe a roda do tempo e fixou-o na memoria das éras depois, com o fulgor estellar do milagre-exemplo.

Mocidade...

Não tive e não terei nunca a segurança d'alma capaz do extase que é não absorver e deixar-se absorver, vibrar como atomo no todo não desejando guiar o todo — maxima

perfeição do verbo admirar. Mas longe de crêr os deuses filhos do Pavor, no dizer amargo do vate romano, sinto a vida um perpetuo assombro de Belleza e vejo em cada canto deuses formosos e propicios — deuses que são os nomes engrinaldadores das energias humanas. E todos esses nomes eternos que erguem aos astros as paixões da terra e virilizam de animo celeste as acções do homem, eu os condenso no principio de todos os enthusiasmos, de todas as generosidades, de todas as energias, de todos os desejos, de todas as nobrezas, de todos os amores: — à juventude.

E quando a esperança me anima, oro ao thesouro de virtudes que a palavra adolescencia encerra; quando a tristeza me entenebrece corro á fogueira da alegria que são os vinte annos das arvores humanas; quando a torpeza me alanceia com o seu vesgo cortejo de calumnia e miseria accendo no coração a candelaria juvenil; quando o desastre anda no ar eu tenho fé, esteio do labor e volvo a alma com ancia para a forja que sois vós.

O santo sahiu do mosteiro e passou um seculo a ouvir o passaro. Eu venho á juventude para não sentir o tempo. O santo voltou á vida e achou-se desconhecido, diante de uma porta que difficilmente se lhe abriu, Eu volto á mocidade e acho-me na eternidade. Que im-

porta não sejais os mesmos de ha um seculo neste mosteiro? Que faz serem diversos os nomes nas embaterias que se renovam de lustro em lustro? Os outros já andam pela vida, deixaram de adivinhar, morreram para a revelação. A mocidade é a flôr que sabe o segredo da raiz e o segredo da semente no annuncio do fructo. A mocidade é a aurora que desfaz a lagrima da noite no calor do dia. A mocidade reconhece e quando não reconhece adivinha.

O santo veiu do encanto para o amargor, eu retempero o amargor com o vosso elixir inebriante: — juventude, incentivo da vida, bem maravilhoso, esperança dos povos, principio vital da existencia, unico Deus eternamente bom!

Mocidade!

Não é a primeira vez que me encontro no carinho da vossa companhia ardente. Ha dez annos aqui vim. Era joven tambem. Tivestes o dom de comprehender o fervor de quem não revelára nem talvez possa jámais revelar o turbilhão de sensações que só têm valor quando se cristallisam no diamantinismo das idéas. Eu balbuciei apenas. Ha cinco annos voltei. Perdera a juventude physica na intem-

perie da existencia. O vosso acolhimento foi tão luminoso, que nem sequer balbuciei. As lagrimas dos olhos meus eram aos vossos olhos o rosario da fé. Hoje ainda aqui estou.

Por que ? Para pedir-vos a attenção, o auxilio ? Não ! Para pedir fé e alegria ! A nossa psychologia é a nossa linguagem. A cada desmaio mais prolongado corro a vós para reformar e illuminar a alma como a phenix ! Poderia ir a outras escolas. A mocidade é a flôr da terra. Brota em toda parte. E ha outras academias hoje em que os bachoreis são em legião, mesmo sem serem moços e principalmente sem ter estudado... Mas vim a esta, venho sempre a esta — porque ainda é a cidadella sagrada do espirito da raça no coração da patria.

A terra de S. Paulo é o berço de todas as conquistas da nossa civilisação de acampamento; é o theatro dos dramas da nossa energia; é o fóco do ensinamento da nacionalidade. Daqui partiram os defloradores das florestas, os chantadores de cidades nas bandeiras que levavam a audacia, a ambição e a coragem gigantesca contra um continente cheio de horrores. Aqui pela primeira vez o largo grito da Independencia écoou. Aqui surgiram os maiores factores do paiz na conquista das idéas, na conquista do sólo, na organisação do

*Estado. A missão desta terra é guiar as suas irmãs. No grande simulacro que se chama Historia e de que o jornal é a fraudulenta eleição diaria, ella ensina, ella conduz, ella é duce. Revelou um mundo, cristallisou uma raça, fez as leis, organisou os governos. E centro de civilisação, num immenso agrupamento a civilisar, ensina a conservar, a respeitar e a admirar.*

*Este mosteiro de S. Paulo, na sua rota civilisadora, tem sido continuamente o templo, cujas paredes são de esmeralda, cujas portas sangram o escarlata mineral dos rubis. Para elle, formador dos conductores futuros, voltamo-nos á espera da revelação. E nunca o templo deixou de dar homens á raça e nunca esta terra fraquejou viril e orgulhosa pela intelligencia, forte pela ambição, pelo conhecimento, pela audacia; artista pela cultura, ponderada pela reflexão.*

*Os heróes, os poetas e a mocidade têm o mesmo fundo generoso. Do poeta já disse Vigny: que era estudante eterno. Do heróe já disse o philosopho que elle é o renovo do mundo. Heróe, poeta e mocidade são as projecções das patrias, porque nelles crepita a fogueira do idéal!*

*Apenas o heróe tem horas de abandono e de ingratidão das raças, e a mocidade fica*

com elle. Apenas o poeta tem momentos de descrença e é a mocidade que o soergue com o largo riso forte que tem a divina Certeza.

Eu venho á vossa porta e clamo:

— Mocidade, o meu scepticismo é a mascara do desalento. Nunca a patria que ides continuar desceu tão baixo. Eu tenho medo!

Lá fóra, por um milhão de leguas quadradadas, a estupidez rebentou em cataclysmas. Ha fome, ha miseria e a indignidade, curvando as espinhas como barbatanas, fez da patria uma copa colossal em que lacaios se disputam os restos do festim destruidor do legado dos nossos ancestraes. O descaro, a cobardia, o medo das responsabilidades, a inveja, a ignorancia abalaram os esteios sociaes. A' intelligencia abafa-se porque poderá mais, ao merito não se respeita por que ninguem o comprehende; a honra, despedaçam-na por que a honra ultraja o vicio e a função da lama é macular. Os gestos generosos são torpezas, as palavras da Belleza dispauterio, o pensamento irrisão. Tudo rue, aos poucos. O paiz é um fandango de toupeiras que só sabem cavar e dilaceram e enfraquecem nos sub-solos da terra as raizes ainda pouco profundas da nacionalidade, sem saber que dilaceram e enfraquecem. O pudor desbotou nas faces das classes e das instituições. Não ha chefes. Elles

são bonecos. No craneo, em vez de cerebro, ha papelão molhado, o preconceito que a tudo se molda por não poder se suster só. Não ha homêns livres. Ha escravos que tráem e libertos que enganãm. E' o fim. E' o sossobramento. A maior coragem é resistir solitario á tentação de ser infame no assalto em que roncam insultos a parodiar honra os patifes medularmente canalhas, atracados ás gorduras e aos copos dos restos da orgia.

Mas vós desnastraes o riso da segurança, vós sabeis acolher os que em vós acreditam; vós conseguis incutir a coragem de resistir, á espera da vossa acção — vós que não tendes ainda o coração maculado e consideraes o idéal a unica realidade essencial.

### Mocidade!

Creio em vós, que refulgis como espada nova, como a lança sagrada do cavalleiro Percival, a unica que o Senhor julgou capaz de conquistár o sangue do Senhor.

A vida é uma corrida de espadas. Da Acropole onde estaes, podeis vêr a floresta rumorejante d'aços que tinem. São as espadas que domam a terra e a fecundam, arados e enxadadas e focês e machados, são as espadas que

*decepam arvores e ajudam as colheitas, são as espadas longas de larga lamina ou curtas de estreito aço, direitas ou recurvas, achas, tallhantes, cimitarras, lanças, adagas, gladios e toda a polyforme apothese do aço que é o scenario do mundo, todo o segredo incomprehendido desse tremendo elemento, desde que houve um mal contra um bem — morte e transfiguração, carnificina e gloria.*

*De tal fórma e tanto que a força maior dos homens divinos está na espada, que a posse da belleza depende do dardo, que a Intelligencia se apoia na lança e que em todas as religiões, os raios são espadas de fogo dos deuses e que os archanjos no livro dos livros, rutilam as chaminas ardentes das espadas.*

*As escolas são as acropoles em que a mocidade acera o gume da intelligencia, aprendendo a manejar ou os aços de guerra que matam nas operações sociaes, ou os aços que dominam a terra com o numero, ou os aços da cirurgia que salvam os mortaes.*

*Vós, entretanto, estaes no próprio templo da filha de Zeus, que sahiu armada de casco, de broquel, de lança, do cerebro do pai dos deuses para fazer surgir da terra a oliveira de verde prata. A espada, metro da vida para os gaulezes, é para vós duplamente espiritual: gume do entendimento aereo e immenso, gla-*

dio da justiça pesado como a consciencia que defende a raça.

Como ir bater a outra porta num instante de desanimo? Por isso voltei ao templo augusto, no desejo humano do reconforto. Quizerá ter um estylo como o do Dante, em que as palavras são plasmadas de idéas e soam com o vigor uno da pedra, para vos offertar o meu coração, para dizer a crença que me acalenta a esperança para clamar: tomai das espadas e reuigorai a patria!

*Mocidade.*

A patria é o rei ferido. Nós em torno assistimos-lhe a agonia que é a nossa agonia. Mas entre vós está a lança salvadora, lança que trará o graal das virtudes.

*Eu creio em vós, roseiral do mundo!*

*Eu creio em vós, esperança generosa dos povos!*

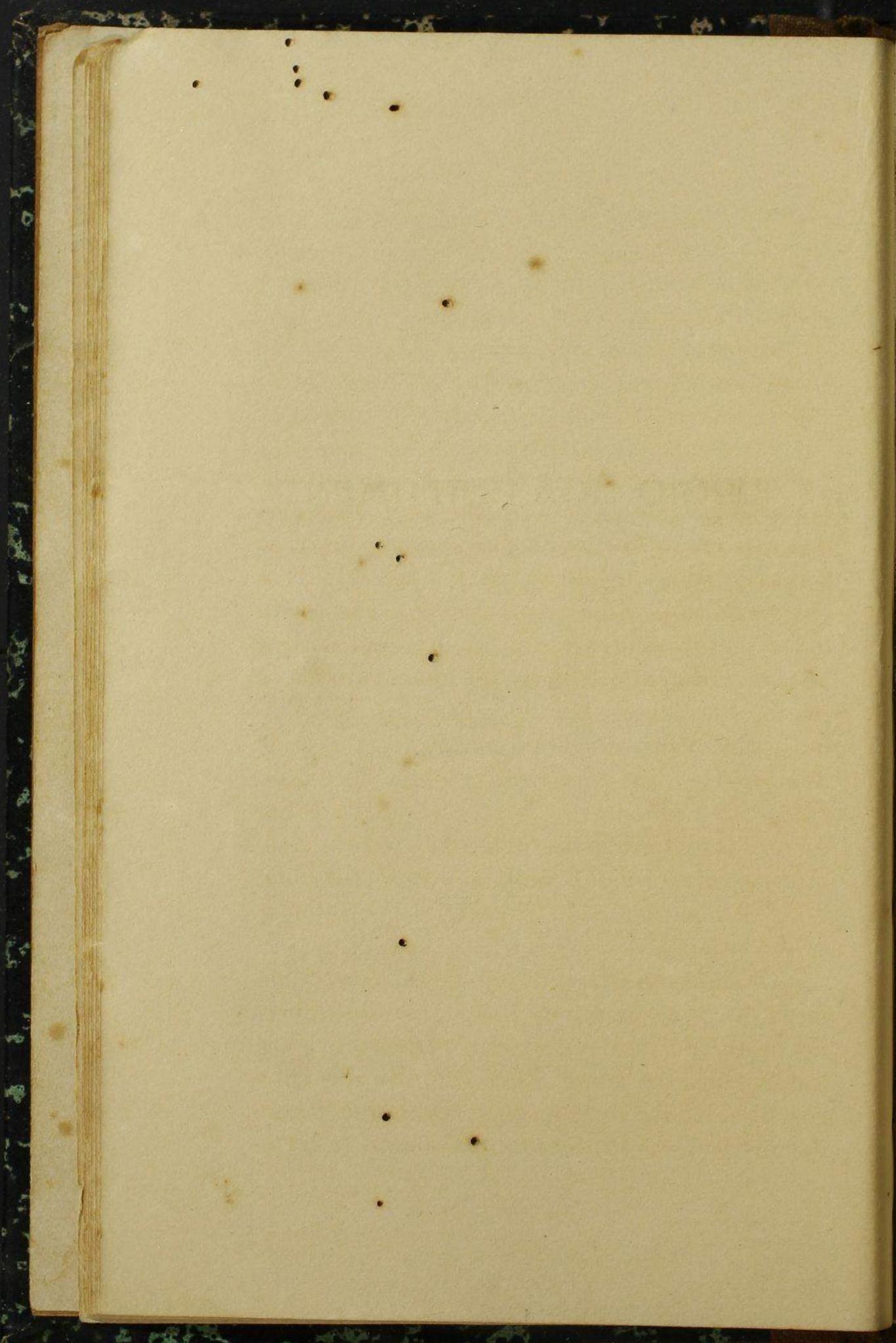
*Eu creio em vós, bem maravilhoso!*

*Eu creio em vós — Juventude, unico Deus eternamente bom!*

*Mocidade!*

---





lea  
ou  
ser  
che  
lea  
asa  
po  
ma  
de  
fil  
me  
gin  
do  
so  
lav  
no  
lad  
ros  
de

O cheiro de uma rosa. O cheiro de um lenço esquecido. O cheiro do mar. Tapai os ouvidos como Odysseus para não escutar as sereias, fechai os olhos para não ver. E o cheiro da rosa dir-vos-á amor, e o cheiro do lenço esquecido revelará uma pequena dôr abandonada, e o cheiro do mar cantará o poema inquietante da vida. Trez estados d'alma, trez visões diversas, um infinito mundo de sugestões que o cheiro, protheu do ar, infiltra em cada um de nós... Ha para o homem dominador mais forte? Ha para a imaginação mais agudo, mais continuo fecundador? Ha para a vida expressão tão intensa, sonho maior?

Atheneu nos "Deipnosophistas" e o respeitavel Porphiro falam da influencia dos odores no moral do homem. Assim pensaram legisladores severos acreditando o abuso dos cheiros dissolvente de energias. Os homens modernos julgam futilidade. Eu tenho a certe-

za do profundo mysterio transformador do perfume. E neste momento com a herança das idéas antigas, a minha voz treme. Treme do receio de não ser comprehendida no louvor, treme de lhe ser attribuido o desejo da frivolidade mundana, treme de exagerar o elogio no delirio dos perfumes, offendendo com o peccado — Deus.

Mas que importa ? Se os homens sorrirem, responderei com um velho poeta de Chiraz, Mousheriff ed Din que escreveu o “Gulistan” para ser lido por Saad, rei dos reis arabes e barbaros, sultão do mar e da terra, herdeiro de Salomão-Mozhaffer Eddonia Oueddin Abou Berks Ebn Saad Ebn Zenghi.

Saadi escreveu:

— “O vento curva o ramo dos salgueiros e não os rochedos. Tudo o que vês na natureza celebra a grandeza de Deus. Um nobre coração ouve melhor as melodias que murmuram as coisas. O mundo sonoro de harmonia, treme de um eterno e apaixonado ardôr. Mas o cêgo pôde lá vêr o que reflecte o espelho ?

O rouxinol morre a cantar louvores á rosa. Cada espinho da rosa é uma lingua que agradece ao rouxinol.”

Se as senhoras pensarem que trago o in-

citamento á garridice, recorro a Ovidio, que, escrevendo um poema inteiro de receitas de unguentos, assim logo de principio se desculpou:

— “Talvez no reino de Tatiús as antigas sabinas preferissem cultivar os campos paternos. Nessa éra remota, a matrona de côres fortes fiava o dia inteiro numa cadeira, fatigada de tanto peso.

Ella mesma fechava no aprisco as ovelhas que as filhas haviam andado a pascer. E era ella quem punha lenha ao lume. Mas vossas mães criaram filhas frageis. Usais vestidos bordados d’ouro, desejais penteados diversos para o vossos perfumados cabellos, mostrais as mãos fulgindo pedrarias, ornais o pescoço de perolas d’Oriente, algumas tão grandes que são um peso para as vossas orelhas. Não devemos acusar o vosso esforço de agradar neste seculo testemunha do mesmo cuidado por parte dos homens. Vossos maridos seguem a moda das mulheres, e o esposo nada tem a invejar na esposa. Que cada uma se enfeite como deseja. Hoje até nos campos distantes ninguem ha que não cuide do corpo para agradar. E todas as mulheres occultas de todas as vistas pelo monte Athos, o monte Athos as veria enfeitadas.”

Hoje, como no tempo de Ovidio, as mu-

lheres perfumam-se... Não serei eu que as ensinaria.

Mas se ainda na recordação dos cheiros for pezado de pecado o meu louvor aos perfumes, se as palavras feitas para sugerir o que está nos outros, as palavras, vasos preciosos e esquisitos para Santo Agostinho, extravasarem a sensualidade condemnada por Deus, eu recordarei a Deus as que elle disse a Moysés. E directamente, certo da impunidade, falarei ao Paé Veneravel:

— Lembra-te do que disseste ó Deus severo. Tu disseste com luxuria:

— Tomã perfumes, o pezo de quinhentos ciclos da melhor myrrha, a metade menos de cinamono e canna aromatica.

— Quinhentos ciclos de canella ao pezo do santuario e uma medida d'oleo de oliva.

— Farás de todas essas coisas um perfume composto conforme a arte do perfumista, "compositum opere unguentari".

Depois, ó Deus, continuaste sem bondade:

— Toma o staté, o onix, o gabano odorifero, incenso brilhante em qualidades iguaes.

— Farás de tudo um perfume, o qual será puro e digno de ser-me offerecido.

— Esse perfume tornar-se-á santo e sagrado.

— Não comporás igual para teu uso porque é consagrado ao Senhor.

— E seja qual fôr o homem que o fizer para ter o prazer de lhe sentir o cheiro, perecerá do meio do meu povo.

Tu foste exclusivista depois de ter dado ao homem o paraíso e a mulher que o resume desde que ao paraíso não podemos voltar. Tu foste monopolizador depois de condensar o mundo e de crear todos os odores da terra. Eu estou na terra. Um dos teus eleitos no psalmo 84 falou da terra como de um valle de lagrimas. Os homens descobriram no valle de lagrimas apenas um valle das balsaminas que em hebreu se chamam baca e ainda hoje estendem aos pés de Jerichó o seu perfume intenso.

A terra, onde depois de a fazer, escolheste perfumes — não é o valle de lagrimas; é o valle dos odores, porque no hebraico sagrado o balsamo senhor dos oleos tem o mesmo som e as mesmas letras da lagrima, balsamo das chagas do coração.

Do seio dos perfumes eu não te suplico o perdão. Eu medito. Eu oro. E a minha alma louva a criação no elogio. Dá que os comprehenda e os penetre. O melhor elogio está em melhor sentir. As minhas mãos ele-

vam no fumo dos incensarios, a perscrutação do pathos que és tu !

Tenho a absoluta certeza de que Deus não me ouviu nem ouvirá. Deus não ouve para não se aborrecer e não aborrecer aos outros. E' o mais vasto exemplo da neutralidade, após a criação. Faz muito bem. Todos nós fariamos o mesmo, se tivéssemos a superioridade divina para ao cabo de alguns dias de trabalho conseguir uma eterna dominga de tranquillidade. Mas se Deus não se incommoda ouvindo-me, — muito menos os homens insensíveis a todas as ironias dos poetas inclementes. Neste minuto dramatico eu penso nas senhoras.

Só as mulheres e os poetas comprehendem as immensas coisas importantes que o resto da humanidade julga inuteis por não as sentir. As mulheres perfumam-se quasi tanto agora como no tempo de Salomé ou no tempo de Amenoteph. Apenas, enquanto os homens obedecem sem reflectir ao instincto, as mulheres intelectualisam o instincto.

Eu desejaria a bondade das senhoras. O tempo é sempre o mesmo. A especie é sempre a especie. Só imaginando caminha-se. A mulher imagina e caminha, arrastando

pós si a arrogancia dos homens. A facil facilidade da sciencia enche-a de ataques obtusos. Para cumulo, neste tempo de burguezia scientifica, de sciencia funcionaria, os sabios na furia de a denegrir, chégaram a explicar o facto divino da reproducção como dependente da insensibilidade da mulher. Esses cavalheiros tão assustadoramente relatoriaes esquecem estar na mulher o segredo reflexo do sentimento que pensa e do pensamento que sente. A mulher sorri. A sensibilidade é a razão de ser do sexo. O mundo é um “gulf-stream”; a mulher um “stradivarius”. A torrente passa; a mulher fica vibrando. E, sentindo mais rapida e intensamente a dôr physica como a dôr moral, ella é tão fina que comprehende o milagre sem espanto; e guia, amparo, protecção, bem, ella tem a doçura de se deixar crêr protegida, guiada, amparada para ensinar o homem e conseguir o impossivel. Por isso os espiritos divinos fizeram-nas conductores das idéas. Jesus venceu pelas mulheres. Perdoando faltas d’amor demonstrou o seu amor; e era acompanhado por Joanna mulher de Chusa, e por Magdala, de cujo corpo tirou sete demônios sem que ella deixasse de lhe enxugar os pés com os seus doirados cabellos cheios de perfumes. Quando Jesus morreu, Joanna e

Magdala beberam-lhe o sangue e as lagrimas, para ficar cheirando bem por dentro, e Jesus ao resuscitar, antes d'apparecer, appareceu a Magdala, certo de que o prodigio só seria crido se dito o fôra por mulher.

A mulher imagina, adivinha, irradia. Que importa a colera de Tertuliano: — “Mulher, tu és a porta do Diabo. Convenceste mesmo aquelle que o Diabo não ousava atacar de face?”

— Ella fez Adão conhecer o mundo e fez o mundo amar Jesus. Ella sabe sem o saber tudo quanto ignoramos, ella é inferno e céu, escada de luz e precipicio. E onde esteja, seja Lilith ou Eva, em Babylonia ou nos livros sagrados dos Vedas, em Jerusalem ou nas remotas dynastias da China, vibram os perfumes. A mulher adivinha o mysterio dos odores. Não vejo os homens. Esqueçamos Deus. Deante das senhoras, elogiando o perfume, quero ser sem magia o mago, o Klingsor dos Klingsors que no mundo do odor entreveja deliciosamente o delicioso segredo da vida!

O segredo da vida está inteiramente no cheiro.

O velho Aristophanes, falando á populaça assegurou que o nariz foi dado ao homem

apenas para assoar-se. O Ceramico devia ter rido; o Acropole certo não o ouviu. Os deuses antes do mais, começaram sempre, em todas as religiões as suas exigencias exigindo o contentamento do seu divino olphato. A oração subia até elles no cheiro do sangue, no fumo das carnes assadas, no odor dos insensos. Hesiodo, o protegido das musas de voz do lirio e de canto ambrosiaco, depois de escrever a Theogonia, escreveu os hymnos orphicos, correspondentes aos perfumes preferidos pelos deuses. Assim ao verso em que celebrava Protysaia correspondia o styrax agradável ao demonio de mil nomes; o perfume do Aithér era o açafraão; o incenso agradava ao Sól, o maná a Apollo e as Nuvens gosavam a myrrha. Em Roma essas preferencias foram mesmo decretadas. Zeus teve o benjoim e a cassia, Marte o aloes, Mercurio o cinamono e Aphrodite o ambar. Com a certeza de que o olphato era o mais sensível sentido dos numes, a humanidade pensou nos grandes momentos de civilisação, em perfumar-se mais. No Imperio Romano então, perfumavam as mobílias dos lares, perfumavam as paredes, perfumavam o vinho, a agua e até os logares secretos segundo Clemente de Alexandria, santo austero. O delirio dos odores chegou a tal ponto que occidentaes to-

maram o habito de conservar os cadaveres com aromatas, como era d'uso no Oriente; e as romanas matronas recém-convertidas á fé christã, desejosas de não abandonar os unguentos, repetiam á saciedade o caso de José de Arimathéa empenhando-se para collocar no sudario de Christo com libras de myrrha e cem de aloes.

E' que palpita no cheiro o mysterio indizível. Tudo tem uma explicação utilitaria. O desenvolvimento do olphato não n'a tem. Quando muito pensando nos animaes nossos irmãos, como os chamava o santo de Assis, diremos que é a sentinella avançada. E, entretanto, para o homem da cidade, segundo Maurice Maeterlinck: o olphato é o sentido que não está em regressão, o sentido do luxo que a Natureza nos deu.

E' que "nós somos seres aereos e os perfumes ornamentos do ar?" Não só. O homem recebeu o ultimo sentido como o dom maximo de comprehender a symphonia maravilhosa em que vive, como incentivo ás forças do coração e do cerebro, como o mais subtil prazer do corpo. O cheiro é o turbilhão vital da terra, e sua miragem no ar.

Ha pilherias antiquissimas e vulgares em que acreditamos por preguiça de saber. Uma dessas pilherias é attribuir a Deus a criação

do mundo. A verdade é outra. O proprio Deus nunca disse semelhante coisa. Salomão no “Livro da Sabedoria” informa que Deus realisou. A versão samaritana emprega mesmo o verbo condensar. Quando Salomão exclama: “a vossa mão poderosa que realisou o mundo de materia invizível” essa materia é o ether, onde rodopiam vertiginosamente os atomos, que, aggregando-se, formam os corpos. O cheiro é attracção das moleculas que de longe são gravitação mas de perto adhesão ou cohesão. Deante da molecula, intangível e inconcebível, a unica e verdadeira materia de que se serviu o notavel formador do mundo, sentimos pelo olphato os effeitos dos seus movimentos, sentimos na phrase de Mille: a possibilidade permanente da sensação. O olphato nasceu do desejo de sentir o que se não pôde nem ouvir, nem palpar, nem ver. O cheiro toca todos os sentidos e enlaça-os na imaginação.

Quando uma grega do tempo de Pericles officiaava no altar do agrado, lavando em bacias de ouro as mãos e os pés com perfume do Egypto, usando para as faces o perfume da Phenicia, para os braços o mento, para as sobranceilhas mangerona, para os joelhos e o pescoço serpol, para os pés bacharis — é claro que tão agradavel dama não pensaria

nestas explicações. Queria apenas tentar. Claro também quando Heraphilo escrevia o seu "Tratado dos Perfumes" notando a excellencia do iris em Cysico, o odor da rosa em Capua, a preferencia do açafão em Rhodes, a gloria do metopion em Memphis e do nardo em Tarso — mais não desejava senão explicar a utilização de cousas suaves, sem pensar no profundo arcano dos odores.

Mas sentimos nós assim, hoje? Nem vós nem eu. Porque confusamente percebemos que o cheiro é a mais intima revelação do segredo da vida, é a palavra immensa dos silencios, é a harmonia, a dissonancia, a correspondencia, a realidade no sonho e o sonho na realidade — é a expressão invisivel e rara do segredo da vida.

Aspiremos uma antiga essencia entre as tapeçarias de um salão, ou o largo do ar do mar, ou os mil cheiros da terra. O turbilhão de sensações, de evocações, de desejos, de harmonias!

No olphato está o goso no infinitamente pequeno, o viver no infinitamente invisivel. Pelo cheiro fazemos de cada atomo um mundo, afinamos pelos sons mais suaves a capacidade de comprehender os arrepios da immensidade, tudo quanto ha de delicado no vocabulario da terra. Para amar os aromatas,

os perfumes, é preciso amar todos os cheiros. O cheiro é o resultado da tensão extrema da superficie dos corpos. Todos. A pedra, o metal, a arvore, o animal, em volatilisação continua. Tudo tem cheiro. Não sentimos a maior parte delles, por falta de tempo, falta de acuidade ou falta de intelligencia. Mas elles existem. Não ha cheiros impuros. Nada é impuro na natureza. Nós é que levamos dentro de nós a impureza, como o escreveu S. Paulo aos Romanos.

O homem, impalpavelmente moldam-no os cheiros. O olphato é o ultimo sentido que perdemos no ultimo suspiro. Os cheiros são as almas das cousas. Na respiração de uma cidade, que diversidade de tons de rua para rua, de casa para casa. Na respiração dos campos que estranha e myrionima polyphonia de arvores, plantas, hervas, flores ! O cheiro muda de rua para rua, de casa para casa, de homem para homem, de arvore para arvore, de folha para folha. Respirando, sabeis, vedes, ouvis. Aos nossos olhos colorem-se quadros immensos sem os ter visto o nosso olhar. E aos nossos ouvidos parecem vir os ruidos mais diversos, sem os ter ouvido o nosso ouvido. Attendei. O cheiro não accorda apenas no cerebro quadros, scenarios, como o cheiro da polvora, como o cheiro do sangue, como

o cheiro dos campos. O cheiro é confissão involuntaria, é alma do que se move e do que não se move. Qual de nós estudou os diversos cheiros das casas vazias? Ha algumas dolorosas e tristes como amantes abandonadas. Ha outras terriveis como as mulheres que não amam. Senti o cheiro das mesmas casas quando chegam moradores novos. E' o cheiro de abraços, de quem recebe contente... Ha cheiros que exprimem saude: o cheiro dos morangos, o cheiro dos estabulos. Ha cheiros que exprimem desequilibrio, loucura, desvario: o ether, as gardenias. Ha cheiros que segredam o precario estado do ambiente. Conversae numa casa onde haja um doente grave sem que o saibais. Ha cheiros que exprimem diabolismo, perversão e fazem mal, sejam alma das flores como a das magnolias, guardem succubos delirantes como a de certas hystericas. E estejamos em Paris, em Constantinopla, no Rio, em New York, ha cheiros typicos que exprimem em qualquer latitude, exactamente da mesma fórma o mesmo sentimento: o cheiro dos miseraveis sempre igual, o cheiro do Infortunio, porque se a Abundancia desenvolve a personalidade, a Desgraça confrange e esmaga e nivela na Dôr...

E' preciso fazermo-nos olphato no pathes universal para sentir infinitamente a expres-

são aerea da criação. Compreenderemos então. E quando uma mulher sentir o cheiro de antipathia de um vestido ou um poeta assegurar que um pedaço de aço tem alma, e que a alma do aço se revela pelo cheiro, acreditemos sem sorrir.

Olaus Borrichius, homem desconfiado, quiz um dia certificar-se dos conselhos de Galeno, que mandava pulverisar pedras preciosas para applicações topicas. Fechou-se numa sala com esmeraldas, saphiras, rubis, jacinthos, perolas, e começou de esmagal-as num pilão. Ao cabo de tres semanas, a sala estava impregnada de varios e exquisitos cheiros; e, cheirando o pó de perolas, Olaus sentiu o perfume das violetas. As pedras, que no peitoral dos sacerdotes, symbolisam, segundo o Rational, as lagrimas do céu coaguladas, tambem tinham alma como o maguado cheiro triste das perolas esmagadas. E depois dessa revelação, Olaus de certo comprehendeu todos os perfumes, todos os cheiros, todos os odores, todas as almas mysteriosas que exhalam suspiros na immensidade do ar, alma da terra...

A vida é côr, é som, é cheiro. O profundo genio de Baudelaire sentia a vida grave do

pezo dos mundos, quando escreveu os versos das Correspondencias. Aspirando a vida d'olhos fechados, sem ouvir, isolando-nos na polyphonia dos cheiros, cada um de nós sente a divina correspondencia e o segredo do mysterio e da belleza terrenas.

Os versos do Poeta dizem:

La nature est un temple, où de vivants piliers  
Laissent parfois sortir de confuses paroles;  
L'homme y passe à travers de forêts de symboles  
Qui l'observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent  
Dans une ténébreuse et profonde unité,  
Vaste comme la nuit et comme la clarté,  
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Perfumes, côres, sons...

A côr é a luz feita sangue, é o visível da vida. Tudo tem côr. A intelligencia procura ao iris o infinito das emoções, das intenções. Sobre os nossos nervos as côres, a mistura das côres, a morticôr exercem o poder de refazer-nos a alma. A côr vive em tudo e tudo modifica, e o grito solar dos rubros, o abemolado verde raio de lua, o esmaecer dos ocasos, o brilho matinal da aurora agem em metamorphoses sobre o animado e o inanimado — pedra, folha, ser vivo ou flôr. A côr tem em si todos os sentimentos; e como a luz, a cada segundo de segundo se transforma, a côr, san-

gue da vida, é a própria expressão da mutabilidade...

O som é a fala da luz, a linguagem do iris. Tudo tem som. Se a côr é sangue, o som é mais, age mais, é o suspiro, é o ai, é a ancia, é a dôr, é a alegria no quebrar das pedras no sussurro das folhas, na luxuria das petalas, nos vagalhões do mar, no gemido do vento. Como o homem, como os animaes tudo grita, tudo canta, tudo geme. A musica nasceu da intelligencia dos sons como a noção da vida da côr. O seu poder é terrivel porque nada mais animal nem mais absurdamente abstracto. Distensão violenta dos nervos no illimitado, tem do filtro e da hypnose, embriaga e ordena, excita e anniquila. E' o pollen da alegria e a miragem do sonho, o facto e o vago, a cantharida e o extase, tudo o que se pensa e não se diz, tudo o que se diz mas não se pensa — confissões, mysterios, impetos, pureza, brutalidades. O som é o rithmo...

Mas o cheiro é o suor da terra, a "aura" das coisas. O cheiro exterioriza o secreto amago dos seres — desejo infinito, voluptia sem corpo, luz do som, som da luz, grilhão da sensibilidade que á imaginação aguça. Arripios de prazer, arripios de horror, crime, goso, todos os sentimentos o cheiro nos faz pensar, aviso, projecção, memoria universal,

Ariel do mysterio, Merlino dos corpos, corpo  
astral da terra...

"Prisma, disse a Harmonia, dá-me as tintas  
Com que no iris a luz etherea esgotas".  
Responde o Prisma: "Dá-me as sete notas  
Com que os humanos sentimentos pintas".

Intervem o Perfume: Inutilmente  
Unir-vos-eis sem mim, alma das flores:  
Das sete notas e das sete cores  
Guardo a alliança no meu seio ardente.

Ha com effeito accordes no perfume,  
De intenso colorido harmonioso,  
Que, no deliquio do supremo gozo,  
As sensações universaes resume...

Côres, sons, cheiros, perfumes...

Se os cheiros são a aura dos corpos, os  
perfumes são o cheiro distincto, as auras  
agradaveis, os cheiros que têm poderes deli-  
ciosos. Os perfumes ficam assim entre os  
cheiros, oblações da terra, expressões magi-  
cas, encantamentos. Como nasce o perfume  
das flores? Os scientists explicam. O per-  
fume nasce da oxidação da chlorophila. A  
chlorophila é o sangue vegetal. Na flor é  
primeiro glucose, substancia igual ao tanino.  
Nas petalas a acção do ar e da luz fal-a côr.  
Na face interna protegida pelo botão a glu-  
cose dá os oleos essenciaes que se oxidam na

eclosão. O perfume nasce dahi como um suspiro.

Mas o perfume não vive só nas flôres, pequenas caçoilas, incensarios de amor. O perfume está nas raizes — o iris, a angelica; está nas arvores — aloes, sandalo, cedro; está no derma dos troncos — cassia, canella; está na folha — verbena, rosmaninho, genciana; está nos fructos; está nos grãos: — o cuminho, a amendoa; está nos sucos — a cana odorifera; está no animal, está no residuo, o ambar. Quando os homens descobriram e sentiram o seu agrado e o seu poder de attrair, logo o fizeram transmissor de pedidos aos numes, logo se aprofundaram no odor de cada especie. A principio era a procura das especies privilegiadas. Foi depois a reunião dellas em jardins fechados. Perfume, o seu nome o diz, é meio de elevar-se pelo fumo a deus — porque era o odor das especiarias queimadas nos altares. Os perfumes estão nas prescripções liturgicas de todas as religiões.

Os sacerdotes, antes dos mais viram os poderes dos odores admiraveis — os multiplos poderes: o de aplacar doenças internas, o de desfazer doenças externas, o de matar, o de enlouquecer, o de afastar, o de attrair, o de conservar, o de perseverar, o de resuscitar. E os aromatas, as drogas preciosas foram o segre-

do privativo dos sacerdotes. No poemas vedicos já encontramos o monte Guadamana onde se acha o stractor de flechas e é um adivinho, um sacerdote que indica a Mamnumat o lugar onde se poderá descobrir a flôr que dada a cheirar ao exercito inteiro faz o exercito resuscitar. Os egypcios conservavam os cadaveres com aromatas; Hypocrates salvou da peste Athenas queimando perfumes, e do intimo conhecimento dos effeitos do suco das plantas e dos suores mil da terra fizeram-se os milagres de todos os templos, os delirios, os somnos subitaneos, os extases, as repulsões, os frenesis. Os mysterios de Eleusis dependiam dos perfumes que entonteciam os assistentes, como a coragem de certos martyres christãos a que as fêras não chegaram nos circos romanos, era uma coragem untada de oleos cujo cheiro afastava como o gladio do Senhor os animaes com fome.

Os sacerdotes sagrados, os christãos prudentes, a Idade Media, os viu como feiticeiros terriveis. Mas, antes de documentos claros de um começo de historia em qualquer povo, o perfume apparece não só natural, tambem producto de combinações, não só talisman sacerdotal mas tentação da mulher que o divulgou. E a ambição dos perfumes sempre foi tão aguda no homem que antes da chimica

já se falsificavam perfumes e antes dos roubos sensacionalmente elegantes, os trabalhadores não sabiam das manipulações de incenso sem serem previamente revistados. E' preciso lêr Plinio para ver de como o homem estudou as correspondencias dos cheiros no desejo de illudir aos outros com perfumes artificiaes. Plinio ignora quem inventou o perfume, mas conhece as falsificações.

Em todos esses odores de eleição — resinas, lenhos, unguentos, pomadas, liquidos, fumigações, seria talvez curioso indagar qual o primeiro perfume sagrado. Como, porém, sabel-o ? Nos elucidarios de perfumes em que se mumificam as relações de innumeradas receitas, e de nomes de perfumes que seria impossivel reconstituir, não ha um que assegure ou invente um nome. Fôra de certo preciso remontar ao Hymalaia e interrogar as upsaras que se esfregavam de sandalo vermelho, fôra necessario inquirir a sombra do primeiro adivinho. Teria sido o incenso ,a lagrima divina dos escriptos mosaicos ,o lebomotos de Theophrasto caro a Alexandre em Gaza ? Seria a myrrha do Mar Vermelho, a “mors” hebraica que até hoje perfuma o deserto de Glid' Haz — aquella divina Myrrha amorosa que os deuses fixaram em arvore e de dentro da qual saiu Adonai, o breve inebriamento da

primavéra ? Foi o balsamo, “bal shamim”, oleo senhor, sempre verde, todo olente do lenho á flôr, perfume de amor entre os romanos, com que as persas perfumam os cabellos e os turcos perfumam as mesquitas ? Mais facil é descobrir o segredo das estrellas mortas e cuja luz ainda illumina a nossa pupilla.

Quando voltamos ao passado e encontramos a especie, ella já industrialisou o perfume, já conhece os primeiros processos de extracção das essencias nas arvores e nas flores, já combinou, e se não fez as aguas perfumadas, já fez os unguentos, misturas d’oleos, os aromatas, os pós, as pomadas e o perfume é o requinte da sumptuosidade, o commercio do luxo. Quando em Troya o occidente afastou o oriente já o perfume era o oleo suave de que fala Homero. Quando Alexandre entrou pela Asia os perfumes eram fortuna. Quando Antonio se deixou embalar nos braços de Cleopatra, já Cleopatra havia inventado a pomada de lombo d’urso. Quando Jesus vivia, um vaso de nardo custava 330 dinheiros — isto é dez vezes mais do que a vida do Salvador para o discipulo Judas, se dermos credito actual á conhecida e antiquissima calumnia.

O commercio do perfume passou como um legado do Oriente para o Occidente sem sair

do Mediterraneo, mar bacía de todos os en-  
genhos, de todas as perversões, de todos os  
bens. Dos phenicios aos carthaginezes, dos  
carthaginezes aos venezianos, dos venezianos  
aos genovezes, dos genovezes aos florentinos,  
dos florentinos aos francezes, os emporios de  
perfumes vindos d'Asia e d'Africa, aboletados  
no Egypto seguiram as curvas das ondas do  
Nilo ao Sena, fizeram tragedias e mortes atra-  
vez da Idade Media, assassinaram, enlouque-  
ceram, apaixonaram, abriram fogueiras, en-  
cerraram espiritos diabolicos, até de todo in-  
dustrialisarem-se na França, de Francisco I,  
amigo de Da Vinci á Josephina, esposa de  
Napoleão, da cõrte perfumada de Luiz XV á  
mme. de Tallien, de Maria Antonietta aos  
perfumistas da rua da Paz... Atravez dos se-  
culos as receitas multiplicaram-se. Atravez  
do tempo, a imaginação trabalhou. Atravez  
dos annos as descobertas scientificas pode-  
ram criar, inventar, parodiar perfumes. Va-  
mos mergulhando aos poucos na imagina-  
ção e no artificialismo. Quando o perfume  
é a emanação directa da arvore ou do cor-  
po? Mas que importa que o odor de feno  
cortado possa ser arranjado com a reacção  
do anidrido acetico sobre o haldeido salyci-  
lico sodado? Que importa que o cheiro do  
morango esmagado seja produzido pelo una-

mato de metyla e de tyla e que o “musc” seja um producto industrial de Baur ha vinte annos? Que importa o vario e doloroso tormento por que passam as flôres e as plantas para render a alma ao homem? A chimica vem da alchimia, a alchimia vem do desejo de comprehender o mysterio. Longe de perdermos a veneração pelo perfume, o desejo de desvendar-lhe o arcano é maior á proporção que o conhecemos e o sentimento da belleza ainda mais intenso. Producto artificial, illusão de uma coisa feita da alma de outras coisas, producto natural suspiro da vida em holocausto ao encanto, os que o conhecem tendem a consideral-o amuleto, como os hebreus o theraquin, como os romanos as “proba servatoria”, como as raparigas de Jerusalem os sachets de Myrrha guardados entre os seios...

Eu li graves livros em varias linguas; estudei em palimpséstos antigos tratados angustiosos e relações innumeradas de perfumes inventados e perdidos; decifrei em volumes industriaes os processos de extração dos odores, as machinas, os vapores, os alambiques, o torcionarismo fisico que arranca das flôres o olor; eu conheço as dosagens chemicas que

vos podem dar o cheiro das violetas, sem violetas... A minha illusão augmentou porque comprehendí o sentido das correspondencias.

Eu estive nos centros de cultura dos perfumes, na Costa Azul d'onde cada manhã partem em vinte direcções, vagon e vagon atulhados de junquillos, anemonas, narcisos, tuberosas, violetas; em Nice, em que as montanhas são de cravos; em Grasse, onde a extracção dos perfumes é tão grande que o ar parece embalsamado do olor de uma flôr maravilhosa que condensasse todos os olores; nas planices da Bulgaria, onde a Rosa em extensões immensas, a Rosa flôr do amor, desabrocha e abandona o seu perfume, agitando nos ares o inebriamento; nos "sucks" d'Oriente, em que os tubos de essencia são tão caros como as laminas damasquinadas, os veus diaphanos, os tapetes de sêda e as pedras preciosas sem polimento.

Eu meditei em Galata no Grande Bazar, no caravan-serai dos persas, — o caravan-serai da Persia, onde nasceu a palavra páraiso. Tomando chá perfumado em vidros côr de carmim, interroguei homens graves de turbante verde e face de camelia, evoquei Rech, as tulipas amaréllas, os lirios, os iris e os lilazes, Theheran e as acacias, Ispahan, patria

de Firdusi e das rosas, cidade dos jardins em que os tapetes são tecidos de turbilhões de petalas de flôres e o ceu no ocaso e na aurora se faz de cathedraes feitas de rosaceas fantasticas. E a minha illusão antes augmentou porque do perfume clamyde da terra eu entrei no sonho.

Eu vi homens graves abrirem os cofres, dizendo:

— Aqui tendes o meu thesoiro !

E mostrarem, em vez d'ouro e pedras preciosas e o dinheiro vulgar, tubos de chumbo d'onde sahiam tubos de folha d'onde sahiam tubos de madeira cheirosa, d'onde sahiam envoltos em pastas finas tubos de cristal contendo essencia de rosa, essencia de violeta, essencia de jasmin, essencia de Kiti, incenso, myrrha, sandalo e a essencia de azar-youl que significa mil flôres. E a minha illusão creceu.

Eu me envolvi em ambar, rei dos perfumes como assegura Ibn Hassan, medico arabe, o ambar que Horacio cantou por trez vezes como melhor dos tumulos, primeiro para a abelha, depois para a formiga, depois para a vibora. E esse encanto só serviu para augmentar a verdade illusoria porque senti a acção dos perfumes, porque comprehendí que os ha ethereos e acres, appetitosos e primaveris, suffocantes e frios, como ha flôres que

fazem mal e flôres que dão saude, porque senti de como as coisas mais diversas podem ter o mesmo cheiro e liguei o resedá, o marfim e o germen fecundante...

E não ri dos sonhos obscuros que crearam as correspondencias e mostraram a harmonia existente entre a lua, a prata, os cristaes, as perolas, o ambar, o sandalo e a camphora e a segunda feira, assim como entre as sextas, as turquezas e os myrthos, entre os domingos o sol e os heliotropios. E não achei extravagante o chimico Pierse creando a escala dos odores e os ramos harmoniosos como o orgão dos sabores do abbade Poncelet.

Ha perfumes solitarios como diamantinos, perfumes melancolicos que recordam outras existencias, perfumes indefinidos e vagos, perfumes esperanças, que ascendem n'alma desejos reconditos, perfumes avassaladores, perfumes soberanos. O perfume é tudo porque é a aura de cada um, a irradiação porque se faz o laço aereo das coisas, a Provocação Invisivel, a Sugestão Myrionima. As flôres abrem em perfumes para attrahir as abelhas e os outros insectos que irão levar nas antenas a outras flores o pollen fecundante; ou animaes desprehem o cheiro do amor e perfumam-se para o amor. O perfume querido dos deuses, é o enervador maior, o projector,

aquelle que no mundo acalenta, eleva, cria a imaginação — mádre da vida...

Podeis dizer que a sensualidade escorre das minhas palavras. Sim. Os sentidos são conductores. E' o cerebro que gosa. Todos os prazeres são creações cerebraes, scundados ou transmittidos pelos sentidos. Um homem simples não se sensibiliza ao perfume das gardenias. Ha homens que desmaiam pensando no cheiro da violeta. A luxuria é a intelligencia que se faz instincto, é o instincto que se intellectualisa. Nunca a sensualidade — a capacidade de sentir freneticamente, enfraqueceu. Antes exaltou. Nos poemas d'Homero os perfumes eram guardados como thesoiros e Odysseus, a Intelligencia perfumava-se — como Akille, a bravura, como Agamenon, a soberania, como Helena, a tentação. As leis sumptuarias nasceram como todas as presilhas dos codigos, da abjecção dos incapazes. Muito tempo depois de Odysseus, os sparciatas expulsaram os perfumistas porque corrompiam os oleos e os tintureiros porque desvirginavam a brancura da lã. Mataram o sonho e perderam batalhas. Quando os perfumistas voltaram elles chegaram a pintar a cara e ganharam victorias.

Rama, o mais puro heróe dos sonhos universaes, perfumava-se. Alcebiades, a perver-

são mais extranha do orbe, amava os olores. Alexandre, o radioso raio da felicidade, vivia tanto no amor dos aromatas que quando morreu o seu corpo ficou cheirando como os dos santos. Os romanos foram fortes porque viveram pelos sentidos. A sensualidade é o aguçador do espirito. E o cheiro de santidade é uma transpiração de goso espiritual como o cheiro do mais ardente e carnal goso, é a materialisação de um sonho impetuoso. O mais moço dos sentidos, o Olphato completou o homem, fel-o desejar, deu-lhe a luxuria do ar que são os perfumes, por onde lembramos, queremos, recordamos, desejamos...

Desejamos ! Os Perfumes são expoentes da Tentação e da Revelação. Plinio não pensava quando assegurou não saber quem inventou o perfume. Os perfumes são a descoberta da primeira vogal da terra, as qualidades de Eva. Adão resistiria a todas as tentações do paraizo, Adão não caminharia para a arvore da sciencia, elle que sabia mais do que os proprios anjos, se Eva não reunisse no seu corpo todos os perfumes infinitos do jardim fechado que se chamava pardés. Na aura femina, Adão sonhou, Adão imaginou, Adão viu o que não podia ver com os olhos, Adão sentiu, Adão seguiu. Os perfumes são as lanças, os raios, as correntes, as trombetas,

os vulcões que a Mulher arrasta invisivelmente no ar.

Como resistir ?

No poema de Valmiski ha um episodio que deve ser meditado — o de Kumbakarna, o gigante tremendo que fôra adormecido para não devorar o mundo. Ravena o feroz, necessitando de Kumbakarna para vencer Rama, resolve mandar acordal-o. Os raksaas rodeáram o gigante, os yatudanas produziram um ruido enorme como o da borrasca enquanto gritavam tremendamente. Kumbakarna continuava a dormir. Cançados que foram os primeiros, vieram outros com trompas. Lançaram sons estridentes nos seus ouvidos; açoiaram camellos, asnos, elephantes; tocaram timbales, tambores, conchas, deram marteladas e atacaram a golpes o gigante. Em vão. Os noctivagos então fizeram vir umas encantadoras mulheres, adornadas e perfumadas de olores celestes. E despertado pelo seu brando sussurro, pelos exquisitos perfumes, Kumbakarna abriu os braços largos como montanhas, abriu a bocca maior que um vulcão, esfregou os olhos e indagou:

— Que me querem Vossas Excellencias ?

Que poderão fazer os homens, se os monstros não resistem ? Como poderia ter resisti-

do Adão, que não era monstro nem era fe-  
roz ?...

Nós temos mais do que tudo no mundo a  
memoria do cheiro. E' a unica memoria her-  
dada, a memoriã que nos faz conhecer o chei-  
ro do leite antes de ter provado pela primeira  
vez o leite de farto odor. Os perfumes recor-  
dam o paraíso. A mulher passeia o paraíso  
para que não o esqueçamos. Cada corpo é  
um *vas odorum*. Estão todos os perfumes  
nesses corpos. Ha boccas cujo halito é o res-  
piro de uma rosa chá no desabrocho bipetalar  
do labio rubro. Ha olhos que cheiram a amen-  
doa. Ha mãos que guardam perfumes ine-  
briantes. As mulheres são o perfume dos per-  
fumes dos jardins fechados. Cada paraíso  
que passa, cada urna polida que vemos é  
uma orquestração de perfumes que desabro-  
cham invisiveis como flôres e á imaginação  
suggerem montes de jasmims, macerações de  
eloendros, tensões nervosas de cravos amarel-  
los, enervamento de sandalos e de ambares,  
risos de narcisos, excitações desesperadoras  
de tuberosas. Não ha dois corpos que expri-  
mam o paraíso na mesma eclosão de perfu-  
mes. Como ha noites de luar em que o cheiro  
do jasmim é a côr da noite, assim ha urnas

divinas que cheiram mais que a tunica da Sulamita e tem o mysterio do paraiso á noite. São as que cheiram á myrrha, á flôr da lorangeira, ao cravo quente, e parecem congelações de sandalo na forma de amphoras. Como ha dias de sol em que as flôres desmaiam e dias hibernaes em que ellas se recolhem ás urnas recordações do paraiso, abrem umas perfumes equatoriaes com visões d'aves d'azul sob um céu de fogo, guardam outras avaramente um som remoto de cheiro como as florinhas tostadas pela geada. E ha as que encofram os odores do outomno e os odores dos ocasos. E ha tambem aquellas em cuja nunca existem os cheiros estonteantes das jungles; e ha tambem as que tem o cheiro claro das rosas pela manhã, a leveza de uma escala de olores puros que são como o *magnificat* inebriante da Juventude.

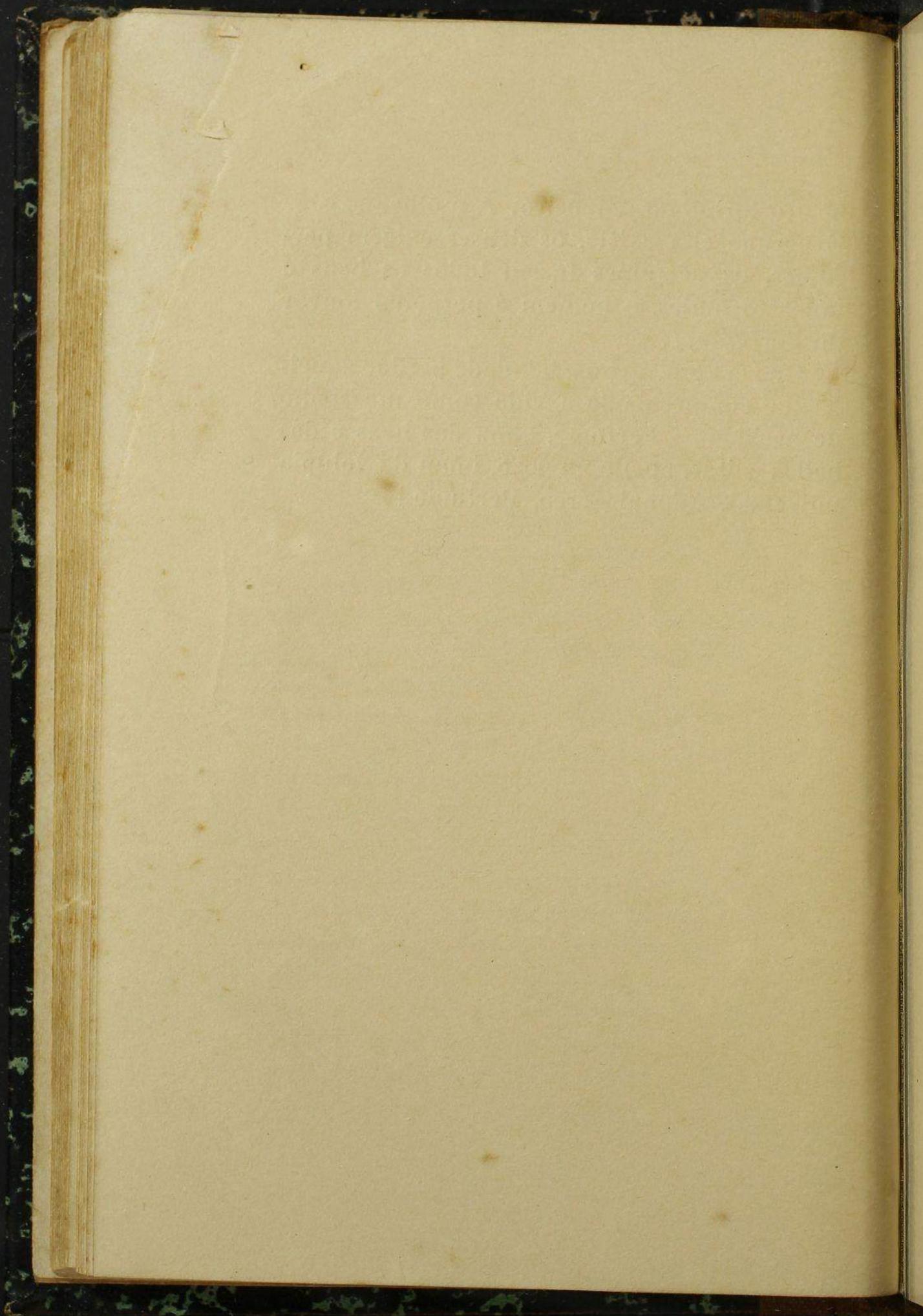
Perfume ! Todos os perfumes, despedaçam-se, cantam, agonisam, vivem na mulher feita das olencias cantadas no Shir Ashirim, na mulher que revelou os perfumes, e condensa-os e procura-os e fal-os amados.

O homem vive no desejo que a mulher espalha. O homem vive no perfume que é ancia, que é tormento, que é sonho, que é filtro; e quer, e deseja e pensa e sonha neste valle de odores, arrastado, esmagado, rodopiado no

nastro turbilhão do cheiro. A mulher existe. E porque ella existe, os deuses exigem perfumes, os perfumes fazem todos os bens e todos os males, o homem é perpetuo louvor do Perfume...

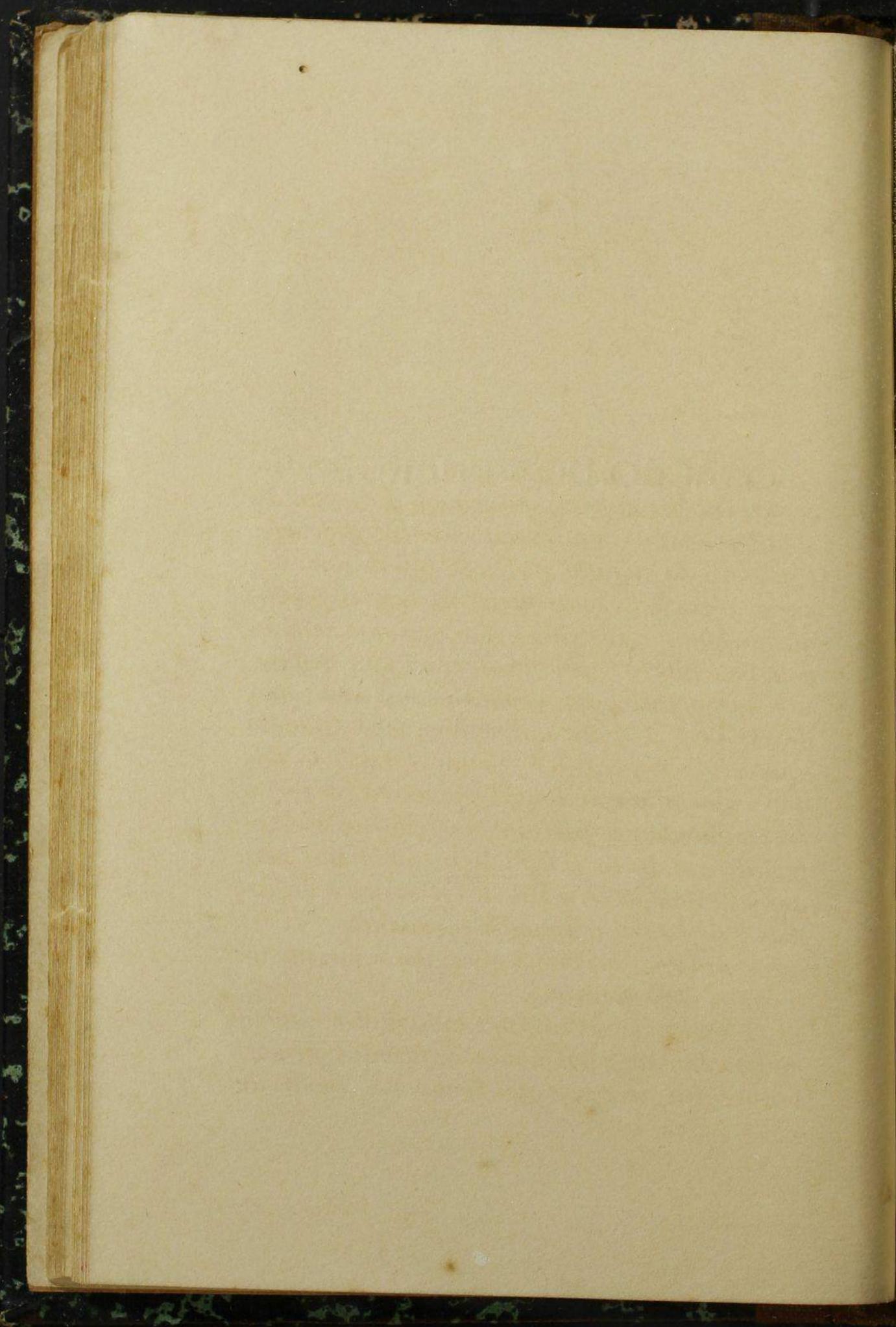
Que em teu elogio a bondade perdôe aquelle que comprehende a vida como um sonho de hashich — Perfume, alma das boas e das bellas coisas, apello ao gozo, iman da volupia universal, Adonai aereo, Perfume !

---



ORAÇÃO DOS PHARÓES

Em Buenos Aires, entre os  
directores illustres dos jornaes  
argentinos. =====



S  
I  
cen  
Me  
E' c  
cisa  
dar  
ran  
ati  
de  
ap  
de  
no  
te  
qu  
me  
te  
m  
be

Senhores:

*Ha na vida uma hora grave para os descendentes dos povos que formam a concha do Mediterraneo — mar creador da Intelligencia. E' a hora da comida. Antes de tomar uma decisão, fosse ella qual fosse, os heróes legendarios que foram reaes e os reaes que se fizeram pela gloria legendarios, comiam e bebiam até que a saciedade afugentasse a sêde que desespera e a fome que enlouquece. Quando aparecia o estrangeiro — sempre enviado dos deuzes — a hospitalidade mandava recebê-lo no lar, banhal-o, perfumal-o, vestil-o, presentear-o com farto festim, sem nada lhe perguntar. Mas ao terminar o estrangeiro de comer e de beber, o dono do lar dizia :*

*— Fala agora. Quem quer que sejas, ouvir-te-emos com attenção.*

*O habito persistiu. Do fundo da Grecia homerica irradiou por povos civilizados ou barbaros. Nas terras excessivamente novas da*

*Sul-America arde ainda a tradição. Após acolherdes o estrangeiro com a alegria nervosa das cidades e a gentileza dos homens, tendes o costume de dizer, no fim dos banquetes:*

*— Fale você agora!*

*Recapitulamos assim a vida com a mesma anciedade, neste agape em que brilha o vosso hospitaleiro sorriso.*

*Apenas ha uma diferença: sou o estrangeiro mas sem novidades. O mundo já não tem novidades, depois do descobrimento da America e do jornalismo. Americano e jornalista, entre americanos e jornalistas, a minha novidade é a vossa. Estamos todos na terra sem historia fazendo historia; e o que eu sei, vós o sabeis melhor. Não era essa razão assáz poderosa para que não vos demonstrasse o ardor da gratidão pela acolhida amiga. Antes pelo contrario. Vindo a Buenos Aires com a simples idéa de ver sem ser visto para melhor aprender e admirar, tanto me perturbou a noticia desta festa que logo o receio fez difficuldades insuperaveis a enunciação de um agradecimento modesto e eu me vi numa terra de oradores notaveis sem o termo justo e o valor das imagens para esprimir a gratidão.*

*Por que tanta emoção?*

*Americano, para comprehender sem illusões o dever da America, assáz viajei por*

terras antigas que nos deram o molde do espirito e nos dão o sangue formador do verdadeiro typo dos nossos povos no futuro. Mas onde a generosidade dos homens teve por bem dar-me acolhimento agradavel, em Portugal e em Hespanha, na Grecia e na Turquia jamais o meu coração bateu com tanta força nem a minha voz teve este augusto tremor da responsabilidade, o divino tremor da juventude deante do futuro.

Porque ?

E' bem simples a razão para a minha grata sinceridade. Este jantar reúne jornalistas. Somos todos jornalistas, a começar pelo illustre ministro das relações exteriores, joven triumphador intellectual na gloria frenetica do momento. E na vida contemporanea, na vida americana só uma força ha cada vez maior, só uma arte existe creando sem desfalecimentos: — o jornal !

Sim. No nosso excesso democratico são os governos transitorios, as administrações inconsistentes, a arte fantasia menos considerada, os deuzes, as leis, os costumes materia sem respeito discutida. Nada resiste, tudo se esbooa para de novo erguer-se no movel areal da opinião. Só fica de pé sempre, firme, definitivo, cada vez maior e mais formidavel o jornalismo pastor das almas, o jornalismo supremo,

o jornalismo tyrano, o Jornal-Rei. Surjam idéas de diamante, apareçam á luz solar creações admiraveis, desabrochem á flôr da terra sonhos portentosos, realizem os homens obras de super humano esforço. Se o Jornal não os quizer ver, sonhos, idéas, creações, esforços tudo é como se não existisse. Ha uma sentença de morte: o silencio do Rei. Sacrifiquem-se os corações, dediquem-se as almas ás causas justas, brilhe em bondade, em honradez, em genio, alguém. Se o jornalismo quer ver d'outro modo, vê, como faz do mau bom e do pessimo optimo. Um simples reporter pôde assassinar por desfastio a reputação de grandes e fazer a gloria transitoria do anonymo, para a verdade, para a mentira, indiferentemente, confundindo heróes e bonecos, frioleiras e energias.

Da Imprensa surgiu a democracia contemporanea — a plana egualdade de todos os seres, de todos os valores deante do deus unico, que é a Imprensa. E assim fez ella, para ser o Artista Omnipotente, o creador de todas as tragedias e de todas as comedias, o folhetinista da vida, e principalmente o esculptor dessa coisa vaga, amorpha, poderosa, terrivel que se chama — Opinião Publica.

A opinião que a todos apavora é tambem: a opinião que não pensa, não tem boas nem

más intenções, acompanha urrando ou aplaudindo. E' a opinião dos povos, transformavel, variavel, inconstante, capaz e incapaz de tudo, quer deante do crime, quer deante da virtude — só opinião sob a influencia dos jornaes. E, se no mundo inteiro é cada vez mais assim, na America o jornalismo, mesmo variando de ideal e mudando de opiniões, é o unico guia, o unico condutor dos povos, a vóz do oceano multidão.

D'est'arte, senhores, jornalista americano entre jornalistas americanos de outro paiz, pela primeira vez na vida, nada mais justo do que a minha emoção, este tremor da responsabilidade. Porque, talvez sem isso cremos muito somos nós os factores da futura America e do nosso querer, do nosso estado do espirito podem emanar as mais imprevisitas ações desse oceano multidão — para o trabalho fecundo como para a desordem esteril, para as competições pueris como para a união dos interesses praticos de cada um.

Sou brasileiro. Mas, depois de ser brasileiro sou sul-americano, crente no ideal do maravilhoso futuro da America Iberica. Ha meio seculo realisamos a estupenda obra do mundo que ha de dominar. E' a desesperadora luta de afirmação. O Brasil combate entre florestas immensas e os rios caudalosos. Vós guiaes

a agua e fertilizaes a planura. A Argentina dá-nos o exemplo do trabalho como o Brasil mostra a consciencia da obra a realisar. Mas ha tanto que fazer no Brasil, tanto ainda a crear na Argentina como em todos os outros paizes sul-americanos, que qualquer idéa de competição momentanea é uma criminosa infantilidade inutil, a infantilidade em guerras de generaes por causa do vélo d'oiro quando somos, temos de ser soldados da mesma hoste com o encargo e o destino de fazer aqui, na America—a terra da promissão, a chanaan das velhas raças, de crear com alegria e harmonia, com o sangue das arterias, o suor da fronte, o labor e a fé, o maior bem, a maior ventura, a maior graça: o rejuvenescimento do mundo.

O agradecimento deste amavel fim de comida, marcado com diamante no meu coração, não póde ser senão o voto ardente pelo futuro que estamos realizando. Todos os laços praticos, todos os interesses economicos, todas as attitudes do espirito ligam providencialmente os nossos povos, não permittindo dissensões e, o que é mais, não permittindo o maior dos crimes: a mutua indiferença.

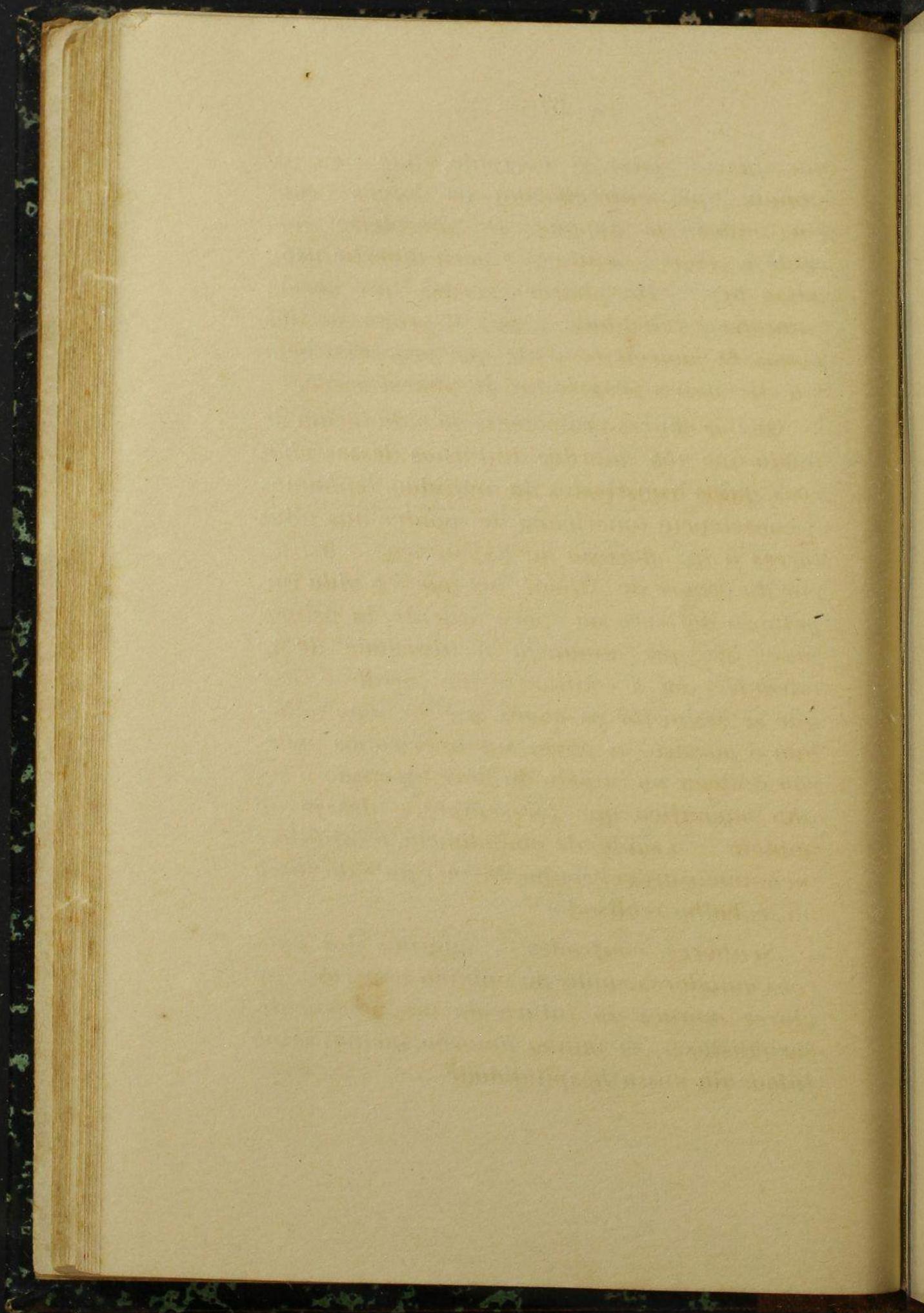
Mas ha o Jornal Rei.

Os jornaes são nas democracias os pharões da opinião, os guias da agitação sem rota das multidões. Ha pharões vermelhos

que fazem deter a corrente, que convulsionam, que entrechocam as forças cegas em ondas de sangue. O pharoleiro não sente o crime e muita vez para divertir usou dessa luz... Ha pharóes verdes, que abrem caminho á felicidade, á paz, á projecção dos povos. O pharoleiro sente que procedeu bem e a elle guia a propria luz do pharol verde.

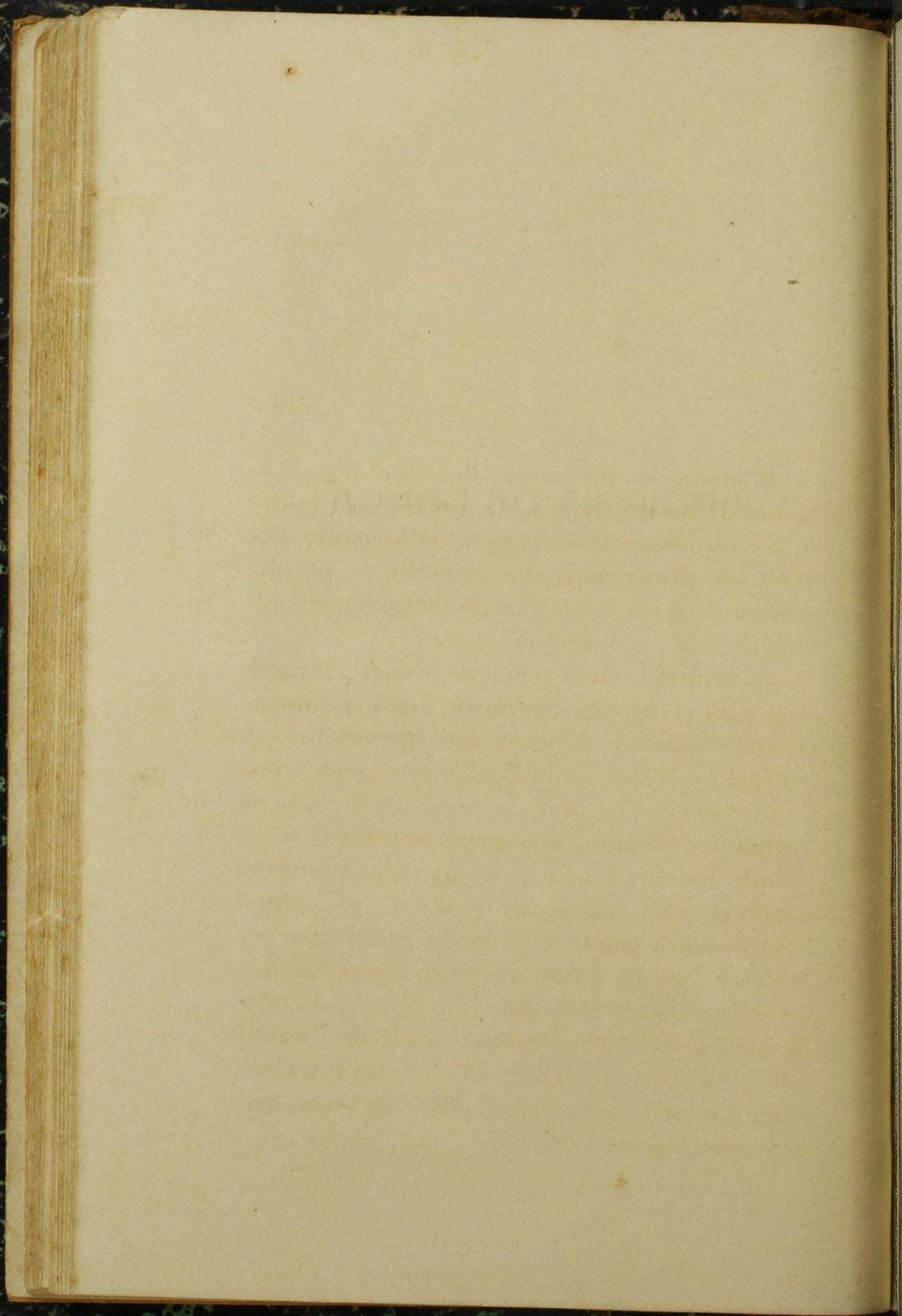
Que os deuzes protectores da vida façam de modo que nós, guardas diuturnos desses pharóes, guias transitorios da multidão, tenhamos a consciencia americana de manter nas altas torres a luz gloriosa da Esperança — luz da côr da arvore de Athenê, luz que é a vida impetuosa da terra na época ardente da primavera, luz que annuncia a liberdade de ir adeante com a confiança que fortalece. Por que se assim fôr os povos que de novo anhelam o paraíso, os povos sul-americanos poderão realisar no impeto da livre ascensão o sonho magnifico que foi sempre o desejo do homem — o sonho de abundancia, o infinito e incommensuravel sonho da energia e da força no trabalho realisado.

Senhores, confrades — guardas dos pharóes guiadores, guias da opinião temerosa, factores moraes do futuro de um continente, jornalistas — a minha emoção inclina-se ao fulgor da vossa hospitalidade.



# APOLOGIA DA DANÇA

No Rio, entre os prazeres de  
uma festa mundana. =====



As senhoras acabaram de tomar chá. Tomar chá, á hora em que as nossas avós jantavam e as nossas bisavós já tinham ceiado, poderia ser prova de maior appetite — porque afastamos para a noite duas respeitaveis refeições. Não o é, porém.

As senhoras acabaram de tomar chá por elegancia, elegancia imposta pelos commerciantes inglezes, homens que inventaram o conforto e todas as attitudes realmente contemporaneas. Terminado o ritual do chá, as senhoras e mesmo os homens sentam-se e esperam. Esperam o que? A dança. A muitos parecerá isso agudamente novo. E' velho. Esse gesto de admirar a dança entre duas comidas é o mais antigo da joven humanidade. Quando a dança resurgiu, após a tréva da idade-média, até lhe deram o nome de "entremet", na cõrte de Henry IV. O entremez era entre jantar e ceia. Sem o chá — o vosso gesto é uma reproducção.

Um escriptor, sem pensar no dogma de Pythagoras e no ouro do silencio, sempre mais valioso que a prata, invade um palco e resolve falar e resolve fazer a apologia da dança? Quantos, antes d'elle, falaram da dança? Quantos, antes d'elle, disseram maravilhas e horrores! Porque falar? Tambem o seu acto é uma reproducção.

Mas a fatalidade da especie é — reproduzir e inventar pouco. Os unicos prazeres novos adquiridos pelo homem moderno, após a calamidade esthetica do descobrimento da America, foram o tabaco e a velocidade, o prazer de fumar e o prazer de andar depressa. Ainda assim, o homem fuma para distrahir-se da corrida e corre sem pensar que fuma. São duas ebriedades contradictorias, cujos effeitos o homem nullifica, usando-as ao mesmo tempo.

Não nos entristecemos, entretanto, por estarmos aqui á espera da Dança. O mundo reproduz-se. A vida é uma série de réplicas. Amar a Dança foi sempre a prova mais luminosa do apogeu das civilisações e do supremo refinamento da intelligencia. Compreendel-a e sentil-a é comprehender a Harmonia e sentir a Belleza. Façamos como o velho Hesiodo na inicial da sua Theogonia: “Comecemos por celebrar as musas nascidas no mon-

te alto do Helicon. As musas, com os seus pés delicados, agitam-se cadenciadamente em torno do altar do filho de Saturno, perto da fonte cuja profundez ennegrece a lympha limpi-da. A sua dança leve, voluptuosa, corôa os cumes do Helicon ”.

Ellas são nove, as musas, Kleiô e Euterpé e Taleia e Melpomene e Terpsikhoré e Eratô e Polymnia e Ouranié e Kalliopé. E cada uma d'ellas, mesmo Kalliopé, que acompanha os reis, comprehende e é uma das manifestações da dança, do gesto harmonioso !

Louvemos a Dança, explicando o orgulho de estar aqui.

\* \* \*

### A Dança !

Neste paiz americano houve um instante em que foi possível duvidar da possibilidade das Musas. Aristote fazia consistir a felicidade na posse de trez cousas: os talentos do espirito, a belleza do corpo e as vantagens da fortuna. A nossa crise foi apenas a de procurar as vantagens da fortuna. Amargo minuto ! Nunca pensei nesses transes da vida humana sem um recuo de pavor. Nós empregamos os talentos do espirito e do corpo na subalternidade do ganho immediato. Não te-

mos philosophias de ensinamento, temos a balburdia aguçada da vertigem americana. O espectáculo é extraordinario — é o desespero de viver, é a demagogia do lucro, a maior furia de indagação, o maior esforço dos musculos — para a cavação do ouro rapido. Os homens não pensam em poesia.

Muita vez, vendo a ausencia das Musas, eu meditei sobre o quadro do surprehendente Gustavo Moreau — “Les Muses quittant Apollon”. Era para mim toda a vida moderna. No cume do Helicon, o Deus perfeito, sentado sob loureiros tenues, parece de uma tristeza fria, sem remissão. Descendo o monte as nove Musas, donas da Arte, descem como tangidas pela Fatalidade. As que estão mais proximas de Apollo voltam-se e olham com saudade. As que já não o vêem, na encosta, olham o céu. A que está em baixo baixa os olhos para a flauta, reliquia de harmonia. A’ frente, a primeira agita um ramo de louros.

As musas desertaram o Helicon. Sim. Mas não julguemos que para abandonar os homens, mesmo os barbaros da America, que só pensam em ganhar. Ellas emigraram do sonho perfeito para dar á vida a expressão de arte que é a realidade rythmica da existencia. E, se não conhecemos todas as filhas de Mnemosyne, duas, pelo menos, marcam a vida

contemporanea — a Musica e a Dança ! A Musica, que Homero considera irreprochavel, e a Dança, que é a irreprehensivel. Nas expressões humanas ellas são eternas, porque exprimem, na alegria ou na dôr — a faculdade de amar. Esteja triste, o homem canta e o seu passo obedece a um rythmo, e elle chora. Esteja alegre, e o homem canta e o seu passo se regula em alegria, e elle salta. A primeira Dança foi, na horda barbara, o descobrimento da propria consciencia. Homens e mulheres deram-se as mãos e gritaram e saltaram — creando a “Ronda”. Essa mesma “Ronda”, Lycurgo a transformou no “Hormus”, ligando pelas mãos adolescentes, velhos e virgens, em louvor do Olympo — a força, a ponderação, a graça pura. Essa mesma “Ronda” tornou-se o brinco dos camponios, o effeito ingenuo dos poetas, a primeira Dança das creanças. Como tudo é antigo no mundo joven ! Qual de nós pensa em Lycurgo e nas portas do Paraizo, ao ver as creanças saltarem na roda inicial ?

Qual de nós pensa no velho Homero, anterior a Lycurgo ? E Homero, que amava a Dança, que da Dança fala a cada instante e a descreveu no broquel de Achille. “O divino capenga cinzelou no broquel de Achille uma Dança semelhante á que, em Cnossus, deu a conhecer Dedalo, para prazer de Ariadne, a

da bella cabelleira. Viam-se rapazes e raparigas de mãos dadas uns aos outros, formando, com arte, passos cadenciados. As raparigas por veste mais não tinham que leve tecido; os rapazes, brilhantes do oleo do gymnasio, traziam tunicas mais solidas. Todos dançavam á roda, com o movimento que faz a roda do fabricante de potes, quando, sentado no escabello, elle a faz rodar com rapidez. Muita gente os cercava, e, ao centro da roda, dous saltadores, estudando os gestos, compunham uma Dança particular, entremeada de canto”.

As creanças — que ainda não dançam o tango argentino — fazem exactamente isso, hoje...

Mas a Memoria é um peso amargo. Para viver basta gritar e saltar, grito de dôr ou brado alegre, salto de angustia ou gesto jocundo, soluço ou riso, recuo ou impeto, tudo é musica e dança, tudo é rythmo. Os antigos gravemente estudavam a influencia da musica sobre as creaturas, ainda no ventre materno. Elles tinham a instinctiva visão da Harmonia.

Apezar de todo o industrialismo contemporaneo, a nossa epocha ainda é a epocha da Dança e da Musica. Mais. Voltamos, entre as usinas e os “trusts”, á comprehensão da Dança como expressão maior. Houve tempo em que a Dança era secundaria e prazer inferior.

Hoje ella é a preocupação principal, e como em Sparta, e como em Athenas, a Musica, quando não é o motivo que a Dança borda, é por esta interpretada. As bailarinas explicam Beethoven e Gluck, Mozart e Chopin. Os compositores russos escrevem para os bailarinos, e todas as musicas da moda que acompanham a nossa vida são musicas para dançar, musicas que suggerem passos. Oh ! a musica !

*Les rythmes sont des gammes  
De mystérieux unissons,  
Toutes les notes sont des âmes,  
Des paroles et des frissons.*

Era Rollinat quem dizia isso, o mesmo que escreveu :

*O' musique, torrent de rêve,  
Nectar aimé, philtre béni.  
Cours, écume, bondis sans trêve  
Et roule-moi dans l'infini.*

Almas, palavras, arrepios que se infiltram na nossa alma, conforme o nosso sentimento, e suggerem passos, porque a Musica e a Dança

são as urnas do amôr — a unica cousa séria, realmente séria d'este mundo. A Musica é o incorporeo, o imponderavel. A Dança é a expressão realisada. A sonata "Ao luar" dá-nos tristezas infindas, se estamos tristes, como póde nos dar a impressão do repouso seguro, na felicidade. Chopin faz soluçar, como faz sorrir. Eu já sorri, em Veneza, ouvindo Chopin, e já com elle chorei, sem que ninguem visse. Tambem já muita vez a minha alma se quebrou de dôr, ao ouvir uma valsa ou um tango que em outra occasião me haviam dado a fugitiva alegria. A Dança não. A Dança é sempre a expressão da alma, a expressão da verdade. Por isso a Musica é a ancilla da Dança — grande arte movel. E nós, depois da Grecia, depois de Roma, resolvemos, no turbilhão da nossa sciencia pratica, comprehendel-a assim.

Nós dançamos e vemos dançar e discutimos danças. De repente um cidadão aborrecido clama o escandalo:

— O Papa interessa-se pelo maxixe !

Porque não ? Felipe II dançava com os cardeaes. Nada mais catholico e apostolico. Um moralista, como todos os moralistas, obtuso, reserva-se.

— Vergonha ! A Dança é um pretexto para mostrar nudezes !

Lamentavel homem ! Só ha uma cousa realmente pura — a nudez integral. A folha de parra foi o inicio da Tentação. Sem ella não estaríamos aqui, porque Adão teria permanecido na desoladora inalterabilidade do paraizo.

E para que lutar ? O momento é da Dança e dos seus sacerdotes. E' de Nijinsky, o maravilhoso saltador, emulo, pela belleza, de Attis, cujo sangue cheirava a violeta, é de Kharsavina, a mulher feita d'azas de rosas, e de Isadora, a Divina, é de todo esse côro de dançadores, puladores, saltadores, sapateadores, de todos os paizes, de todas as raças, que passam na convulsão da epocha, a cadeia enflorada do rythmo. A epocha é de Salomé, Salomé, a pequena princeza da Judéa, Salomé, a mulher que mais tem preocupado os artistas, os pensadores, os poetas, atravez das edades, simplesmente porque sabia dançar e aproveitar-se da Dança. . .

No ardente instante nós estamos como o imperador da Judéa. O nosso unico repouso do remorso, da luxuria, da vida, é vel-a dançar. Como no poema wildeano, soluçamos:

— Dança para mim, Salomé ! Dança para mim !

E Salom' resurgida em cada corpo de dançadeira, passa em turbilhões de Salomés

— serpente, rythmo, colleio, harmonia, silencio e desejo — tudo, nada — a Dança !

\* \* \*

Esse movimento avivado de amôr á Dança, que tanto caracteriza a epocha—foi bem Pariz que o irradiou pela acção renovadora e cosmopolita. A Dança, complemento de arte, era ao que estava reduzida Terpsikoré. A bailarina era synonymo de costumes complacentes e de desintelligencia ávida. O bailado divertia a opera, o “petit rat” era um excitante para os velhos assignantes dos “fauteuils”. E um momento a gente grave da terceira Republica achou que a Dança, sendo secundaria como arte, era, como prazer, uma cousa inferior.

Miseria ! Só não gosta de dançar quem não sabe dançar. Só não admira a Dança quem teima em não agradar á propria alma !

Apezar d'isso, porém, a dança teria um periodo de treva como o da média era, se não fosse a projecção de Pariz. Podiam surgir as dançarinas philosophicas, podia apparecer, como na Russia, a religião da Dança creando uma nova musica de expressão e uma surpreendente expressão da grande arte, podia a Inglaterra renovar Sparta, na cultura da Dança; podiam todos os povos da terra exportar

as manifestações contemporaneas dos seus gestos e do seu rythmo d'alma. Nada adeantaria se Pariz, como anteriormente Athenas, Alexandria, Roma, não lhes dêsse o direito de cidade.

Pariz assim quiz. A Dança tem a sua apothese.

Um dizedor de maldades, que tenha passado alguns mezes em Pariz, poderia contar:

— Pariz soffre a mania da Dança. E' uma doença delirante. Naquella cidade todos perdem o juizo collectivamente do amanhecer ao anoitecer. A Dança é uma prova do desastroso mal. A Dança arte e a Dança prazer tartuleiam os pequenos cerebros das parizienses, que guiam o mundo. E' o imperio dos dançadores e das bailarinas. Os philosophos não são ouvidos; os poetas vendem os seus livros gratis. A voga transforma reles batedores de pés em notaveis professores e trata os organizadores de passos como se trataria o creador de uma arte perfeita. A nevrose faz com que ninguem se entenda e que a admiração não tenha limites. Pariz é uma monstruosa corbelha de extravagancias dançantes. Pariz aclama Isadora Duncan como se poderia acclamar Leonardo Da Vinci. Pariz solicita o borboletear de Maud Allain. Pariz faz o mais ruidoso escandalo esthetico de que ha memoria

em torno dos pulos do russo Nijinsky. E Pariz quer as *girls* dos theatros inglezes e accelta a metaphysica dançante de quanto doido ha e pede aos paizes barbaros danças barbaras e todo o dia mulheres insignificantes e homens vagos rotulam de novas danças saltos sem consequencia. Fugamos de Pariz. Dança-se tudo. A Dança absorveu tudo. Velhos doidos remexem o *tango*, raparigas em delirio sapateiam a *furlana*, veneraveis titulares ondulam no *maxixe* brasileiro. E ha a Dança do urso, a Dança do papagaio, a Dança do diabo, milhares de danças, inclusive o fado portuguez e a metachoréa da Sra. Valentina de Saint-Point. Horror! Os jornaes abrem espaço largo aos dançarinos, os homens de espirito discutem a sério se o *maxixe* póde ser dançado em familia. E' a decadencia como nunca se viu! E' o fim do mundo, o fim da reflexão, a agonia da seriedade humana.

Eu diria ao homem sceptico:

— Engano. E' a civilização, é o esplendor integral da civilização. Pensa V. que respeitar a Dança, dar importancia ás bailarinas e inventar danças novas é decadencia? Não. E' encaminhamento para a perfeição porque se faz de afinamento espiritual do prazer.

A Dança é o mais grave problema da vida

pensante. Quando vi pela primeira vez Isadora Duncan e fui dizer a minha admiração á sua arte excepcional, Isadora Duncan que vinha de dançar a Bacchanal de Gluk, falou-me do seu labor. Ella percorrera todas as pinacothecas notaveis do mundo para se compenetrar dos symbolos pagãos e educar a belleza das attitudes. Ella estudára o grego e o latim para sentir a fabula e a legenda. Ella estudára sciencias positivas e falava de Newton, de Kepler, da quéda dos corpos e de Laplace.

Deixei a maravilhosa creatura, como um sorriso que eu julgava subtilmente ironico e não passava entretanto de barbaria. Para dançar harmoniosamente era preciso ter noções cosmogonicas, saber a lei da quéda dos corpos, ler latim e ler grego ?

Cheguei a casa e abri por acaso Luciano de Samosata. Luciano dizia:

— “O dançarino deve ser como o Chalcas de Homero: precisa conhecer o presente, o passado e o futuro para que nada lhe escape.”

— “O mais bello elogio que se poderia fazer a um dançarino seria poder louval-o como Thucydides a Pericles, que sabia fazer o que vinha a proposito e com graça o enunciava.”

Luciano de Samosata dizia e após isso escrevia cinco paginas sobre os conhecimentos

necessarios á arte de dançar. Menos sabia Isadora Duncan...

“E’ preciso que quem vê dançar, possa, como diz o oraculo de Apollo, *ouvir o mudo e comprehender o dançarino silencioso*”. E para que assim seja ao dançarino todos os conhecimentos são necesarios.

Essas preocupações do intellectualismo da Dança não eram só na Alexandria de Luciano, mas na Roma dos Cezares. Um outro apogeu civilizador marca a apothese da Dança. No tempo de Augusto dous mimas tiveram a admiração. Pylade, liberto do Imperador e Bathylo, liberto de Mecenas. Elles inventaram danças e escreviam livros e interessavam a opinião publica. Os seus conflictos agitavam a cidade, e Pylade que sabia Platão de cór, dizia a Augusto:

— As nossas brigas interessando ao povo, fazem com que elle não veja os teus actos.

A propria extravagancia da mania de crear danças novas e transformar na grande cidade a dança de outros paizes — se aos scepticos parece decadencia, é para o prudente apenas uma replica de civilização.

Nós temos a dança do urso e a dança do kangurú, e a dança do cravo e a valsa turbilhão? Mas na Grecia tinhamos a Dança do leão, ao mesmo tempo terrivel e ridicula, a

dança da coruja, consagrada a Athenê, a dança diadema, a dança da roda e até a dança turbilhão de poeira, que era uma corrida de satyros.

Pariz adopta o *maxixe* e o *tango* e outras danças, adaptando-as? Foi o que fez Roma. Roma só teve uma dança original de Romulo: o *bellicrespa*, terrível dança de guerra. Todas as outras *saltações* eram e foram adaptações da Grecia e do Oriente, quer nas danças publicas quer nas de prazer particular.

Com a Dança uma das curiosidades é ver a oscillação das opiniões atravez dos seculos. O menosprezo em que ella viveu tanto tempo, a limitação excessiva do seu dominio, vieram originariamente de Roma. Os bailarinos eram desprezados porque faziam de bailarinas. Depois foram temidos pelos christãos — porque exprimiam deleite. O Christianismo das catacumbas foi a polé da Dança. Apenas, os executores com todos os seus ergastulos tiveram a pouco e pouco de ceder, e insensivelmente nós hoje, pensando por Pariz, voltamos a dar á Dança a comprehensão antiga.

Esse é o segredo da enorme parencia do nosso gesto com os gestos de Athenas, de Sparta, de Alexandria e da Roma de Augusto.

Um ignorante não acha arte na dança. Athenas pensava que essa bella arte nascera com o Amôr e que os deuses, no começo do mundo conquistaram os mortaes dançando. Se convidarmos um velho conselheiro para valsar, elle julgar-se-á offendido. Theophrasto como caracter do conviva grosseiro dava este traço — e quando o convidam a dançar recusa. Ha vinte annos ir ao club dançar era ir perder-se. Na Lacedemonia era um exercicio favorito.

A influencia de Pariz transformou o conceito do mundo, fazendo-o voltar ao julgamento antigo.

Terpsikoré em grego quer dizer — a que diverte. Os gregos faziam da dança uma idéa complexa. Era a reguladora de todos os passos e de todas as attitudes. Um escriptor assim a explica: “Continha todos os movimentos e todos os rythmos, dos mais simples aos mais complexos, do mais lento ao mais vivo. Tornava-se por assim dizer a lingua universal, a interprete eloquente de todas as paixões, da mais doce á mais terrivel”. Sendo assim naturalmente ellas dividiam-se. Houve depois da dança religiosa, a dança allegorica, a dança dramatica, a dança divertimento. As primeiras fizeram nascer a pantomima, a poesia muda. As outras eram secundarias ex-

pressões divinas, como o cordax, como o sikins — danças de alegria e de satyra.

Os dançarinos foram respeitados como artistas creadores pela interpretação, pela criação das danças allegoricas ou dramaticas. Luciano, o mais pariziense dos antigos, conta dos mimas prodigiosos na interpretação de legendas. E só na antiguidade encontramos o verdadeiro amôr collectivo á Dança. Só ahi vemos falar da Dança e dos bailarinos como hoje Pariz fala de Isadora, de Kharsavina e do fascinante Nijinsky.

E' que nós somos tambem o capitel de um instante da civilização. E' que nós repetimos o gesto antigo, é que nós somos a replica de um momento de maravillamento. E amar a Dança, e amar aquella que sabe dançar é o coroamento formoso da Intelligencia !

\* \* \*

— Talvez este homem falador ame por demais a dança ! dirão os que me ouvem. Sim, eu amo a dança, os dançarinos e as dançarinas. Poderia occultar essa predilecção. Mas para que ? Socrates depois de velho aprendeu a dançar. Não ha nada tão sério. Depois o meu amôr é quasi apenas carinho de intelligencia. Tanto assim que eu posso ter inimigos, mas ainda não tive alguém que

dance hostile ao meu affecto... Deve ser grande o numero de sympathias. Hoje todos dançam. Nos bailes as meninas apostam quem dança mais tempo. Os velhos já verificaram que o ridiculo é não dançar. A mocidade comprehendeu que a belleza e o amôr fazem a dança. E todos correm a ver as bailarinas.

Eu tambem. Amo as vivas, as que morreram, e mesmo talvez as que nunca tenham existido. E' certo uma doença o meu amôr. De todos os reis da Biblia, só dous ficaram meus amigos: Herodes porque gostava de ver dançar e David, que dançou deante da Arca escandalosamente para a lugubre gente hebréa. E a minha consideração é grande pela tribu sagrada dos levitas — principalmente porque, com mais meritos e mais talentos, elles inventaram varios instrumentos de corda e sopro e dançavam nos altares de Deus.

Onde o Destino me leva eu penso na Dança. Já vi danças terriveis nos sub-sólos de Berlim, já passei noites de Africa no encanto dolente das bailadeiras, já senti a emoção da czardas e o desvario das valsas sob a neve lunar dos montes de Hungria, já falei como um apaixonado com os bailarinos que a Fama enaltece em Pariz e em Londres, já andei pelos museus a espiar a apparição de Salomé e colleccionei cincoenta e trez Salomé — por-

que até em Lisboa ella lá estava, allemã, pintada por Karnac. E foram as bailarinas que me ensinaram a vida, nos trez dias de maior sensualidade da minha existencia. Sim, porque esses trez dias deram-me a comprehensão integral da aspiração humana... Eu vol-os poderia contar. Ha talvez a sensualidade?... Ella é tão profunda e tão leve em mim, que não penso sem sentir e não sinto sem pensar. E' uma permanente volupia. Porque não vol-a dizer nos trez dias maiores? O primeiro em Athenas, no museu, com as bailarinas de Tanagra. O segundo em Pompeia, deante do muro de um velho atrium, com quatro dançadeiras profissionaes, o terceiro com as celebradas sete dançarinas de Herculano.

As pequenas tanagrenses, agitando as vestes no passo que vòa com o gesto alegre da vida que ri, as pequenas tanagrenses, são aquellas centenas e centenas de figurinhas de terracota que os coroplastras de perto de Tanagra faziam á pressa porque era moda. Cada uma d'ellas fixa a graça coleoptera do gesto que se faz adejo. Cada uma d'ellas, por detraz dos vidros dos mostruarios desafia o mundo na expressão dançante do rosto alacre. Ellas vieram do passado com um bando d'azas ageis. Ellas olham-nos com o descaro innocente da alegria. Ellas esperam gracios

para dar o pulo e correr leve e airosamente, libellulas do sonho, para o futuro, para o além, para a eternidade.

As bailarinas de Tanagra são as pequenas cantharidas do amôr e da belleza inebriante. Ellas exasperam os desejos...

As quatro dançarinas de Pompeia, pintadas no velho muro de um atrium, quando dançavam em honra de Dyonisio agitaram-me de outro modo.

A primeira mostrava com prazer o pannejamento das roupagens e sorria. Como é antigo o sorriso das bailarinas! A segunda, a cabeça deitada para as costas, corôada de hera com os cabellos ao vento, esperava o grito bacchico para partir, menada esporeada pelo evoé do Deus. A terceira tinha entre as mãos o *acerra*, o cofre dos perfumes, e estava inteiramente envolta em gazes transparentes da côr verde pallido e atravez das gazes as fórmãs do seu corpo dançavam como na agua. A quarta, brandindo um thyrsos, sustinha na cabeça a corbelha de folhagens, attributos dos deuses nutrizes.

As bailadeiras de Pompeia não me deram apenas o aguilhão do desejo. Mostraram-me que o desejo attrahe, o desejo desvaria, o desejo desnuda e acaba no voto ardente das produções.

As sete bailarinas de Herculanium ficaram como os sete sons da lyra de sete cordas da tranquillidade bôa, como as sete côres da luz branca da vida. São as primeiras que se despem. Vem depois Venus, rainha das Graças, com as Horas de pés macios; marcha em seguida a outra, entre pavões que comem uvas. A quarta, de cabellos esparsos, inicia a alegria que a quinta eleva ao frenesi bacchico. A sexta, corôada de espigas, é a fartura. A setima, de branco, com o sceptro de ouro, offerta as granadas mysteriosas, symbolo da concordia. As sete dançarinas de Herculanium exprimem num gesto supremo do ideal secreto de todas as aspirações terrenas — a paz no amôr e na fartura.

Os meus trez dias de maior ensinamento eu os obtive admirando bailarinas — que talvez nunca tivessem existido. Mas a convivencia das vivas é ainda bem enorme. Phidias e Praxiteles copiavam no corpo das bailarinas as attitudes harmoniosas e cada um de nós, como Pericles, vê na sua arte — a fugitiva arte infinita do ensinamento da perfeição.

Por isso eu as louvo, louvando o momento, que as torna sacerdotisas sagradas. Por isso todos nós as louvamos e queremos. Ha nellas alguma cousa do monte das Musas. E talvez quem sabe? o nosso louvor seja ape-

nas a expressão de amôr á Deusa — que é o positivo e o innegavel amôr moderno á Dança.

\* \* \*

Sim, do nosso amôr. Porque todos nós a amamos !

Eu amo a Dança. Ella faz amar a belleza do corpo e cohibe dos excessos. Os gregos a ensinavam para que os gestos fossem bellos e houvesse nos cerebros — medida, proporção, harmonia. Se os nossos poetas dançassem, seriam de certo menos enervantes. Sophocles, dançando nú, é como o modelo d'esse exercicio de proporção mental. Os antigos fizeram-na instituição nacional. Se os nossos ministros dançassem — como talvez fizessem alguma cousa com acerto ! A Dança creava e crea a agilidade, a força e o encanto — (o que elles não têm) — e já se disse que Rhéa, a mãe dos deuses, foi quem primeiro dançou. Terpsykoré exprime a superioridade do gesto no homem como Prometheu a sua intelligencia. De todos os animaes só o homem instinctivamente dançou para louvar os deuses. E Homero dá como consolação dos deuses, aos mortaes infelizes, o goso de dançar.

Vós amaes a Dança. Ella não fala. E' a esculptura que se move narrando, é o corpo

que ondula, é a vida exprimindo o inesquecível anseio da vida. Lebonax de Mytilene denominava os que bailam creaturas de mãos sabias. “A dança, disse o alexandrino, é o espectáculo perfeito porque aguça todas as faculdades da alma, exercita o corpo, e diverte os olhos e os ouvidos. A Dança é uma lição de moral — sem o aborrecimento da palavra logar commum. Todas as sciencias promettem umas utilidade, outras prazer; a Dança é a unica que reúne as vantagens de ambas e a sua utilidade é tanto maior que se une ao prazer !

Nós todos amamos a Dança. A Dança é tudo — é a Vida sob o Rythmo, é a Terra, com os astros, com os sóes distantes, a materia do atomo ao homem sob a harmonia, que procura exprimir o segredo das cousas. A Dança é a grande expressão do desejo, inicial da vida. Dôres, tragedias, anseios, desmaios, lagrimas, pavores, risos, adejos, gargalhos, alegrias, prazeres, heroismos — parta o som de um instrumento, echo sonoro da muda harmonia secreta da terra, e todos nós iremos avante a dançar, a pular, para a guerra, para a gloria, para a morte, para o amôr — para a attracção, que move os céus e os homens. Cada dança, por pequena que seja, por futil que pareça, é um tão grande mysterio cheio

dos mysterios das raças, das religiões, das moraes transitoriaes e dos desejos humanos, que cada um de nós se sente outro ao dançar-a ou ao vel-a dançada...

A Escriptura, gravemente aconselhava: "Louvae o Senhor, com côros e danças!"

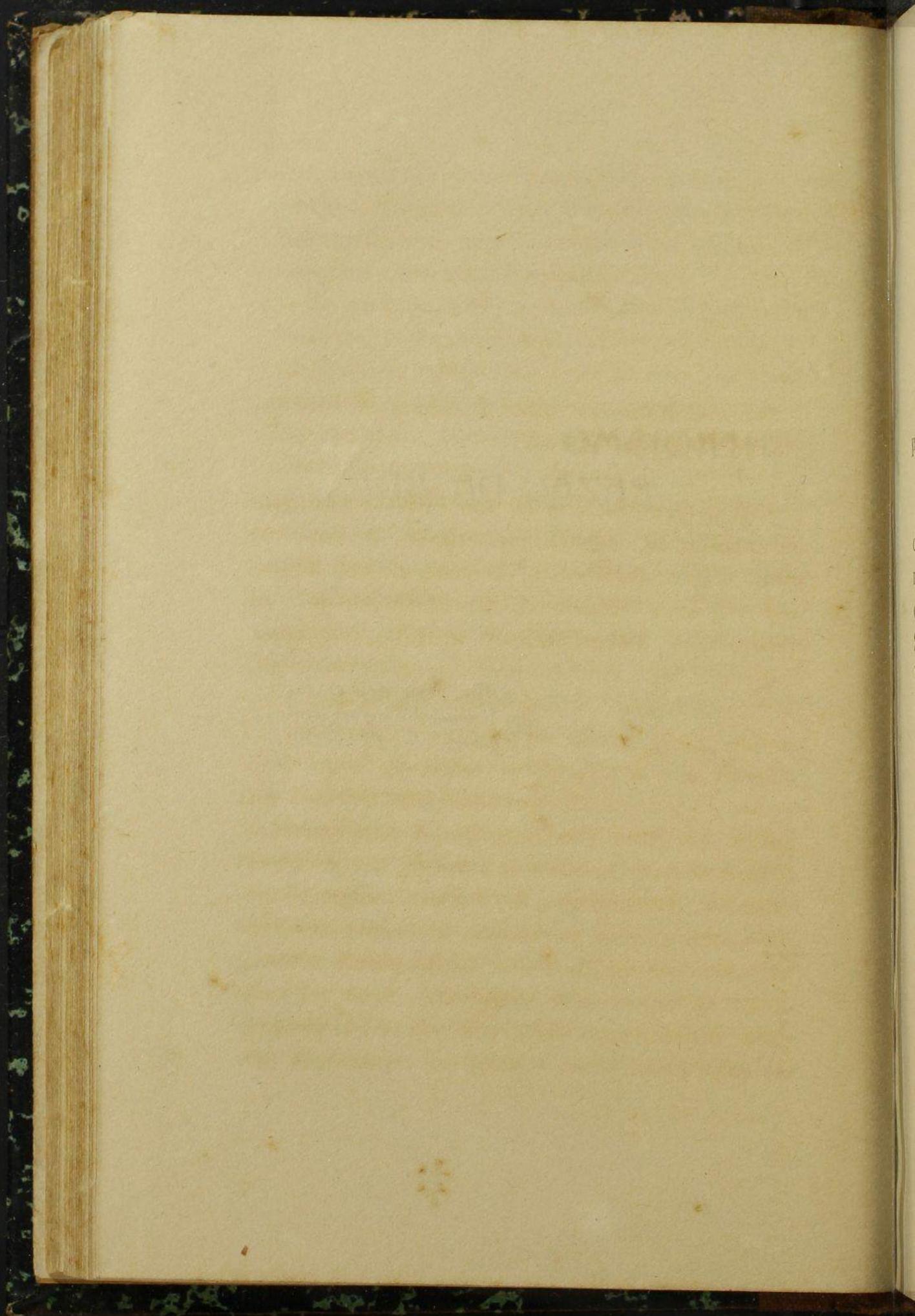
Nós somos o côro. A Dança vae surgir como uma abelha de ouro a instillar o mel das delicias. Apologia é o discurso que se faz em defesa ou justificação de alguém. Não! Não defendamos o prazer da Vida. E' vergonha defender ou justificar o melhor bem, só porque estamos aqui a reproduzir os gestos das civilizações no seu maior brilho. Antes, ao entrever a Dança, que ahi vêm, digamos como o velho Pindaro, ao Deus da Luz:

— Graças, Apollo, que nos déste a Dança, o bem que a todos ultrapassa!

---

HEROISMO —  
RAZÃO DA VIDA

No Rio, numa festa em favor  
das famílias dos heróis mortos  
na guerra. =====



Foi em Athenas, sobre o Acropole, no templo da Victoria Aptéra.

Eu ia por entre a forma varia e multipla do mundo, de cidade em cidade, de mar em mar. Vinha da Russia, descera o Mar Negro, estivera em Stamboul, mortificara-me em Salonica. O barco fazia a marcha vagarosa. Vagarosa pela inclemencia dos céus, pelo pavor ao homem. Acompanhavam-nos a tempestade, e o medo ás minas explosivas. A viagem era um bordejo anciado, com hesitações á entrada dos portos, entre receios nas costas das ilhas que surgiam, desappareciam, desdobravam aspectos desolados, sob o céu de chumbo. Mercadores de Odessa, bulgaros negociantes, gregos perigosos, allemães insolentes, criavam no barco a asphyxiante atmosphera de ignorancia satisfeita. Sem ter com quem trocar uma idéa, sem saber eu proprio integrar cada terra á vista na eternidade ho-

merica — sentia-me infimo entre homens lamentaveis num seculo de rapina, de estupidez covarde. Quando o navio ancorou no Pireu, o meu enervamento crescera. Eu ia para a maravilha, o vulgar exasperava-me. O espectaculo commum das ruas e das casas, a miseria trivial do comboio, os pseudo descendentes dos gregos a ler jornaes, os reclamos dos hoteis e dos cigarros, a multidão satisfeita e normal — a Grecia apenas essa amostra ridicula de provincia americana de quinta ordem, angustiava-me. Assim, corri pela praça ao deixar o comboio, atirei-me para uma indizivel tipoia, gritei: — Acropole ! E estava ali, emfim, nesse monte escalavrado, que parece um altar entre os altares que são os montes da Attica.

Foi em Athenas, sobre o Acropole, no templo da Victoria Aptéra.

Galgara a correr o monte, trepara numa anciedade perdida e inutil. Por que ? Por querer mais rapidamente mergulhar no passado eterno ? Pelo desejo ideal de sentir face a face a gloria da belleza ? Tudo está em sentir. Eu sentia confusamente, violentamente, em turbilhão. Eram recordações, eram sugestões, eram lembranças em golphões, o

acumulo da vida mental de um homem na aspiração do segredo abstracto daquelle monte. Subia confundindo legendas e historias, deuses e homens, pedaços de philosophos e lembranças de bocados de metópes, frases de poetas e nomes de eruditos; subia como para rever, cheio de saudade, a existencia real e contemporanea de Pericles e de Zeus, de Solon e de Homero, das Musas e dos soldados de Marathona. Subia na illusão da verdade, que é a eternidade verdadeira. Não subia. Ascendia vertiginosamente, pela escada de sol que cada um tem dentro do peito para admirar. E deante do diadema fulgurante da cidadella dos deuses, entre as columnas das Propyléas, no esplendor resistente de marmor branco e marmor negro azul de Eleusis, de repente senti-me immenso e clamei com Aristophanes:

— O' cidade coroada de violetas, entre todas esplendida e digna, tu, nossa Athenas!

Logo, porém, succedeu o abatimento. Angustiosa tristeza detinha-me os passos. Deante de mim, a projecção miraculosa do Parthenon, banhado de clara luz, ardia num esplendor irreal. A propria magnificencia aerea das columnadas propileias humilharam-me. Não entrei. Divergi. Possuido da crescente sensação de pequenez, naquelle peque-

no monte, cuja grandeza infinita era a mysteriosa grandeza da Belleza, cheguei apenas até o templo da Victoria Sem Azas, tão reduzido no luzir macio do seu marmore pentelico, que mais parecia um oratorio no extremo do precipicio. Olhei, ahi. Sob o céu feito de plumas azues, ondulavam na planicie as oliveiras de prata. O scenario era immenso á força de harmonioso e penetrante. Ao longe o recorte violeta da Argolida, a flôr de agapantho do cabo Sounion. Mais perto Phaléro, Salamina, o Agro Corintho, o Pnyx de onix dentro do diamante solar, o esplendor saphirico do golpho saronico como engastado no ouro liquido da luz... Eu estava no mesmo lugar em que Egêa anciosamente esperara a volta de Theseu, eu me curvava no sitio de onde ella se precipitara ao avistar as velas negras da desgraça. Eu estava onde o espirito perfeito da Hellade collocara, entre victorias submissas, a estatua de Athena estendendo numa das mãos o casco que é a guerra e na outra a granada sanguinea que é o fruto mysterioso do futuro. Dentro em mim soluçou a minha miseria:

— O' Athena, protectora das cidades, da linhagem dos deuses que amo; ó Athena, cujo passaro vê na noite escura, cuja lança faz surgir da terra a oliveira de verde prata, vir-

gem incorrupta, inflexível e boa, dona da Idéa — perdôa o ridiculo do semi-barbaro da America, filho de um seculo decadente. No recanto em que habitou uma das tuas formas, entre os marmores que narram a fixação ancilar das victorias em tua honra. Athena — eu recordo a viva vida do que foi, eu vejo as procissões votivas do teu povo, eu vejo os genios e os heróes, eu vejo a Belleza, eu te sinto em tudo, Intelligencia que fizeste a harmonia bella para todos. Porque deixaste o mundo, ó Sabedoria; porque deixaste sem replicas a tua criação admiravel, ó protectora das guerras, ó luz dos espiritos, amiga de Odysseus? Nunca mais a terra será como a fizeste nesse grande momento de diamante, nunca mais reencontraremos o teu austero encanto. Neste monte, que foi o cimo inicial e perfeito do mundo, é impossivel que as crenças posteriores extinguissem o teu poder, Athena, d'olhos de violeta, filha do craneo de Zeus Omnipotente...

Então, como eu chorasse, ouvi dentro, em mim outra voz, essa grave e igual. E a voz dizia ao meu desanimo:

— Não repitas frases de fraqueza. As palavras dão forma ás coisas informes. Não te humilhes. O segredo de Athena não ficou no Acropole, correu os outros cimos da terra,

é a eterna aspiração das colinas. Que importa o medo mediocre, a prudencia do Ceramico, a timidez da planicie? O segredo de Athena impele-os para o mar. O Acropole é a inicial da vida que não tem fim. A vida é sempre a mesma — é a continuidade inquieta para o futuro. A vida é a renovação. A lição que todos deviam saber de cór, é a razão do mundo, está entre dois verbos: comprehender e ousar. Lembras-te que Athena, á machadada de Hephaistos, surgiu armada de casco e elmo e broquel e lança, do craneo de Zeus? Cada homem deve ter no cerebro, armada e ardente, a imagem de Athena — para comprehender, para ousar, para vencer. Nesta cidadella fez-se o exemplo dos humanos. O exemplo durou tempo no tempo imperecivel. Mas foi tão radioso na sua continuidade, exprimiu sempre em formas multiplas — de tal forma o mesmo ideal e o mesmo instincto, que ao lebral-o os homens confundem os deuses com os humanos e os humanos de épocas diversas numa una visão de luz. Que fizeram os deuses? Combateram, interessaram-se pelos mortaes, soffreram, agiram, tiveram soffregamente a ancia do perigo. Que fizeram os homens legendarios? Combateram, soffreram, tiveram a volupia do perigo, a alma inquieta pelo amanhã. Que realisaram

os homens, que haviam inventado deuses e legendas? Elevaram ao auge a inquietação da alma, o appetite do risco — combateram, destruíram, criaram, passaram. A gloria de Athenas foi ter infiltrado no cerebro humano o espirito pathetico. Esse espirito pathetico é o elixir da energia, é o philtro da animação, é fazer de cada homem um arco retezado, é a coragem, é o heroismo. O Acropole resume heroismos exemplares, e floresce em Guerra. Este scenario que vês, está cheio de luctas. Não existiriam Pericles e Phidias, se não fosse Salamina; não lerias Sophocles e Eschylo, se não fosse a derrota dos Persas. A gloria hellenica foi ter a inquietação na alma e querer vencer sempre — ao estrangeiro, ao companheiro, ao poderoso, a todos.

Por toda a Grecia esse espirito viveu. Cada canto empapado de sangue é um alalá de victorias e de glorias. Porque todos eram heróes.

A democracia é uma realidade possivel apenas, quando se cimenta na egualdade heroica. Desde que cada creatura se julga o forte, a vida é bella. Desde que cada homem não hesita e não se apieda — a collectividade melhora. E só são destruidas as coisas que não podem resistir e por consequencias inuteis. E só elevamos a vista elevando-nos a nós mes-

mo. As melhores coisas da existencia transitoria — nascem do choque que faz o desastre e a victoria.

Os heróes nasceram em hostes deste grande e eterno sopro pathetico. Era heróe o Deus. Era heróe o artista. Era heróe o navegante. Era heróe o philosopho. Socrates foi um heróe. Abalou a fé, fazendo phrases. Aristophanes foi heróe. Defendeu as instituições, rindo. A meta de cada um era a conquista, a derrota do outro. A guerra era o unico alimento dessas energias. O sangue foi a melhor sementeira de idéaes.

Mas, não te humilhes. Eu continuei, inspirando a vida. Eu continuei no espirito de aventura dos navegantes, descobridores de novos mundos, eu continuei no orgulho dos artistas, dos philosophos e dos creadores de idéaes, eu continuei na alma de cada um, eu continuei fazendo os excepcionaes que desencadeiam as guerras para as novas florações do espirito. Não sejas fraco. Não julgues para sempre impossiveis as bellezas passadas. Toma-as como incentivo e olha o mundo belamente. Ergue-te e caminha para comprehender os heróes que fazem as catastrophes na anciedade perpetua da perfeição impossivel.

Ergui-me. Fui num arranco até ao Parthe-

non. E na gloria do tempo, olhando o espaço, abrindo os braços, aspirei largo tempo a vida luminosa. Athena, filha de Zeus, fizera a metamorphose. Eu comprehendia.

Será preciso delirar no Acropole para ter a exacta comprehensão da vida? Ignoro. Apenas sentia a virtude essencial do heroismo como o supremo bem conservador da especie, na claridade da Attica, na colina divina. Os sentimentos, para serem interessantes, devem ter sob o grilhão do momento o passado e o futuro, a recordação e a anciedade. A alma vive entre o que foi e o que será, e dores e alegrias, risos e lagrimas do presente mais fundamente se sentem pela recordação do passado e a incerteza anciada do que ha de vir.

Mas os homens de senso commum, certo sorriem. Kant definia o senso commum uma invenção subtil dos ultimos tempos, para permittir aos nullos tomar contas aos que pensam. O senso commum não comprehende — affirma a immobildade da idéa, não descobre — obumbra. E' o paradoxo da candeia, que faz treva. O monte sagrado ensinava-me o heroismo de viver. Ha noção que o senso commum dos tempos modernos procurasse mais apagar? Heroismo é — paroxismo. O

sensu communi est o entorpecimento accommodatio. Heroismo est irradiatio. O sensu communi est egoismo. Heroismo est dare. O sensu communi est reterere. Os heroes transformam o mundo, destruindo para construir. Os homines de sensu communi escondem o movimento por covardia. Quando ha sensu communi de mais, o mundo enlanguesce de molestia desanimadora. Não ha saques — ha ladroes; não ha guerras, ha assassinatos mores; não ha ferocidade, ha ignominia. E para todos parece impossivel o heroe. Qual de nós não tem ouvido phrases como esta:

— Foi-se o tempo dos heroes !

Quantas vezes não respondemos ao cidadão de pequena intelligencia, que doutrina:

— O heroismo est incompativel com o estado da civilisação !

Um sentimento curioso estatela-os diante da hypothese da guerra.

— A guerra ? E' impossivel ! Vae mudar tudo. Para que serve a diplomacia, que foi sempre o sensu communi com perfume, o expoente polido do confortavel burguez ?

E' a incomprehensão do heroismo. O sensu communi não comprehende Parcifal e elege heroe Jack, o Estripador, ou Arsenio Lupin e confunde no mesmo susto á furia cora-

josa, Cromwell, Napoleão ou o José do Telhado.

A veste do heróe, de córte phenomenal, começa a servir para os que não o são... Seja qual fôr o homem que mata muito, prompto a arremetter com raiva, esse homem é heróe. O senso commum restringe com medo. O heroismo é o flagello. Ao lado da Historia elles arriscam a propaganda.

— Nada de heroismo! Nada de triumphos! Sejamos irmãos. Abracemo-nos!

Essa deliquescencia seria o mal se a Natureza não tivesse grandes reservas para, de subito, renovar o museu universal, enchendo-o de novos feitos. As reservas podem synthetisar-se numa palavra: a guerra. Homens, mulheres, crianças, sentem de repente que ella ahi vem. Não se sabe como. Mas vem. Galopa em corcel de chamma, e a sua lança é raio que rebenta em sangue, talando os campos, rasgando vidas. Sentimentos desencontrados — a raiva, o egoismo, a furia, o pavor, o desespero, a dor, fazem um só monstruoso pulsar de odio. O arremesso não se explica, fatal, insofreavel. Então, ao ribombar dos canhões, diante dos mortos, no desvairamento da lucta — a raça crê de novo, a raça espera, e para o mundo desabrocha um novo mundo radiante.

Sim ! A guerra abate os erros do senso commun. Podemos ver claramente os valores humanos. Após a procella, a especie não diminuiu, antes caminhou, e como os pharões antigos, de montanha a montanha, annunciavam as novas tragicas, a guerra ardendo através da vida, transmittiu o seu incendio purificador, de época em época. Nós repetimos. A guerra repete-se. Eternamente. Neste momento ella desdobra o seu mais formidavel espectáculo. E' bom falar do heroismo — quando o sentimos latente na humanidade. Hontem, o senso commun repellia, clamando — a possibilidade de luctar. Hoje, o senso commun não existe. Os heróes ergueram-se. Estamos em plena epopéa. Sahimos de um bocal. Encaramos a vida.

Encaremol-a do alto. Platão, dizia: — “Quando quizermos falar dos homens, é preciso que nos elevemos acima da terra para observar do alto o que ella nos exhibe — multidões, exercitos, trabalhos ruraes, casamentos, divorcios, nascimentos, mortes, tumultos de tribunos, paizes desertos, nações barbaras, gosos, lamentações, feiras, mercados. A confusão de tudo isso é a harmonia do mundo”.

Que é o heróe ? E' a condensação das von-

tades de uma raça — é o paroxismo do querer, da energia, da coragem. Antes de tudo a coragem é o nervo do mundo. Os antigos consideravam-na uma das quatro virtudes cardeaes. Socrates chamava-a a sciencia do que é preciso fazer no perigo. Milhares de annos depois de Socrates, Emerson considera o heroismo um terceiro sexo, o sexo do espirito. O heróe é o predestinado, aquelle que sentindo mais o risco permanente da vida, segue a fatalidade de transformar essa vida. “Comprehender o poeta é orgulhar-se de viver; comprehender-se o poeta é aspirar vida melhor”. Os philosophos são poetas. Para comprehender o Heróe é preciso, entretanto, o perigo latente, a imminencia perpetua do desastre — a guerra. A guerra é a projecção dos heróes. A Grecia sentia a cada passo o desastre. Era um povo de heróes, produzindo os super-homens transformadores que lhe fizeram a continua mocidade. O heroismo é o sal da terra, disse Carlyle. Os saes são os maiores conductores de electricidade. Os heróes fizeram-se da polarização de toda a electricidade esparsa. Roma viveu no perigo, e emquanto assim viveu era um povo de heróes. Onde ha perigo, ha epopéa. Onde ha destruição ha super-força de vontades. Onde ha desastre, há o crescer de todas as energias

humanas, ha heroismo. O heróe é o representativo da affirmação vital das raças.

E' feroz ? E' o cyclone ? E' o horror ? O instincto das multidões deifica-o. Ha noção mais poderosa que o temor respeitoso pelo heróe, nas multidões ? O heroismo é como o poder divino. Todos o temem, sem tentar comprehendel-o. A idéa vem das origens. Heróe é palavra sagrada. Nasceu com a vida. Os gregos deram-na a principio com parcimonia. Na "Illiada" só os guerreiros a têm. Na "Odysséa", os reis e os filhos de reis. O direito de possuir o titulo magnifico foi a dilatar-se com o tempo. Mas a qualidade é sempre e cada vez mais venerada. O heróe é como um deus nascido de humanos. Não o podendo julgar, os homens cream-lhe o culto. Os poetas que são as vozes dos povos, o attestam. Pindaro já emprega o termo com a significação ritual com que tambem investia a palavra virgem — hoje, aliás, tão pouco ritual. O culto dos deuses foi seguido do culto dos heróes, como genios tutelares, que, após a morte, vão aos astros. Antes da philosophia de Carlyle, os rapsodhos cantam os heróes e os povos têm o seu culto.

Assim o heróe fica espantoso, tutelar e indefinido.

O primeiro heróe, entre os deuses e os ho-

mens, os gregos fizeram Heraklés. Esse modelo do heróe ficou para sempre no animo dos povos. E o Hercules, que, os homens, os gregos fizeram Hercules, segundo Diodoro da Sicilia, não era um mas doze. Esse mytho foi o exagero de um ser real. Vemol-o epileptico, delirante, com assomos subitaneos de força, matando a cada passo bichos, monstros, mulheres, creanças inoffensivas, e julgando-se virtuosissimo, puro e capaz de tudo.

Todos os heróes na alma popular, são moldados nesse heróe problematico. Coragem, intrepidez, genio destruidor e géneroso, assomos de colera — o paroxismo dos sentimentos. Os poetas que coordenam os cyclos epicos guardam-lhe o maravilhamento. E' assim Achilles. E' assim Agamemnon, são assim os heróes das legendas homericas. São assim as grandes figuras do cyclo medievo. A realidade esplende na legenda. Figuras reaes ficam deuses. Figuras legendarias tornam-se reaes. Vêde os cavalheiros do Graal, vêde Parcifal, vêde todos os deuses da epopéa wagneriana. Elles são freneticos no paroxismo dos sentimentos. Vêde os cavalheiros do Rei Arthur; vêde Ronseval, Bivar, Aymerillot, os cavalheiros errantes; Rolando — que é a França heroica.

Rolando combate como Heraclés, como

Achilles, como Heitor, como Enéas. Nos versos de Hugo revivem em apothese os seus combates. Elle é invencivel. E quando a sua espada, a Durantal, se quebra na luta com Olivier:

Roland sourit "Il me suffit  
De ce bâton" Il dit et déracine un chêne.

Os heróes mais reaes mesmo — Cesar, por exemplo, até agora o maior homem, mais homem do mundo; os heróes mais recentes; e Napoleão, a legenda os fixa de modo maravilhoso.

E' possivel ter uma noção exacta de Napoleão pelos versos populares de Béranger e pelas lendas que as avós contam aos netos em cada canto da França? E' possivel crer na existencia normal de Jeanne d'Arc? Ella foi o desejo de Deus. A simplicidade popular poetisa o principio admiravel da coragem. Cada verso é um espanto, cada raça conserva a mesma comprehensão mythica do Heróe. Que é, por exemplo, o Porphyro dos cantos akriticos da Grecia moderna?

A reproducção de Hercules no periodo byzantino. Um dos cantos diz assim:

— "No primeiro dia exigiu a espada; no segundo tomou da lança; no terceiro pediu de

comer; e no quarto disse não temer ninguém, nem João, o Doido, nem Nicephoro, nem Porphyro I — que o mundo temia. Quando o rei soube disso, ficou descontente e mandou o exercito ao encontro de Porphyro.”.

O exercito não o descobre. E' elle proprio que clama:

— Sou eu Porphyro !

Os soldados prenderam-no, cozem-lhe os olhos com tres especies de fios de sêda, amarram-no com sete cadeias.

— Arrastem-me pelo mundo inteiro e depois levem-me á casa de minha irmã.

Os soldados furiosos, começam por ahi. Quando a irmã ia para lamentar-se, Porphyro abre os olhos e rompe os fios, estende as mãos e os pés e quebra as cadeias, e á entrada mata mil e á sahida dois mil. Quando volta não encontra mais a quem matar. E, como diz o canto “a sua excellente irmã estava encantada”.

Essa noção do heróe peculiar á massa é definitiva — trate-se de Jeanne d'Arc ou de Carlos Magno, de Napoleão ou de Sigfried, do Godofredo de Bouillon ou de Vasco da Gama. Os mythologos fazem derivar arbitrariamente a palavra heróe de Eros, o amor, para mostrar que o heróe é o fructo do amor dos deuses pelos homens. Os homens, tornam-nos

legendarios, e não os podendo explicar, dão-lhe as mesmas qualidades, o mesmo principio de virtude, cultuam-nos com vontades de Deus; como as excepções freneticas do excesso da vida. Mais. O effeito do heróe é tão desconcertante que no momento da sua apparição, ninguem acha essa apparição possível — para que o futuro exagere e a torne maravilhosa. Na comprehensão do mundo, o passado heroico cresce phenomenalmente. Os soldados das Thermopylas ou de Salamina são para os homens de hoje tão phenomenaes como Achilles ou Heitor. Carlos Magno tem mais fantasias que Enéas, o problematico fecundador da raça latina. E como o pasmo é a Grande Equatorial applicada á vida do que foi, o cerebro limitado das multidões vê grande tudo e confunde os heróes maravilhosamente como as proprias secretas energias da Vida.

O heróe fica exemplo. O heróe é o unico ideal que não mudou na terra. Os deuses podem desapparecer e desapparecem. O culto da força que impelle e ergue, existe sempre visceralmente em cada homem. O mesmo ser que temia Zeus e sacrificava a Moloch, a Diana ou á Igreja Catholica, ri hoje de Zeus, de Moloch, de Diana e da Igreja Catholica. Mas

não ri de Themistocles, não ri de Saladino, não ri de Lourenço, o Magnifico. Os heróes continuam integraes. Tudo muda. O seu culto persiste. Tudo se transforma. A fé na coragem continúa. O homem sente obscuramente que ella é essencial á existencia da especie, que a obra humana é a resultante de dois factores de equal valor: vida e coragem. Sem coragem não haveria a vida. Ella é como a saude dos povos. E' a intelligencia, que fez descer o homem da arvore e logo firmar-se num páo para olhar o céu e defender-se, a intelligencia que o atirou ás conquistas, aos combates, ás descobertas, ao esplendido desejo de vencer e possuir, não é mais que a obra germinativa da coragem na vida.

Os povos são como as terras. Nas epocas em que não vemos o heroismo — é inverno. Entristece o aspecto desse lado. O senso commum neva sobre o sólo. Não nos assustamos: Debaixo da neve germina a nova colheita... Essa continuidade do culto á coragem, é simplesmente maravilhosa. Onde quizermos descobrir o povo com aspirações — lá está a educação da coragem, lá está o culto do heroismo. Ao ler Plutarcho, esse archeologo de almas, admiramos o animo dos homens de Sparta. Elles viviam numa especie de manobra militar permanente. Quando não era a guerra —

eram os exercícios nos gymnasios, eram os jogos nos stadios, que excitam a emulação. Em qualquer festa publica os cidadãos dividiam-se em tres córos. Os velhos diziam:

— Tivemos todos, na juventude, coragem !

Os rapazes respondiam:

— Não duvideis. Dignos de vós seremos.  
Experimentaet !

E os petizes, brotos da primavera, chilreavam:

— Vós, ides ver, mais coragem teremos e mais gloria !

Era uma estupenda projecção de energia. Nesse ambiente, em que mesmo os heróes de outras terras inimigas se faziam respeitar, rebentavam victorias. Os guerreiros generosos morriam certos de que em si, nem a vida nem a morte, são bens dignos de inveja. Mas que é bello morrer com virture. E projectavam-se nos astros, entrando na eternidade.

Julgamos esse sentimento diminuido. Não. Elle revive. Continúa de ser a inspiração das collinas. Que foi Roma, até o periodo hibernal da decadencia ? O maximo poder realisado pela religião da coragem. Desse estado de furia obediente ao interesse da collectividade surgiram os mais diversos heróes e surgiu a constituição do direito, que é o codigo do heroismo para os que não são fortes.

E depois de Roma, onde haja vida em estado de gloria, crepita o mesmo fogo, aneia a mesma chamma, arde a mesma sarça sagrada. Ao lembrar as ficções miraculosas do Livro dos Livros, deante do espectaculo do mundo, eu não posso deixar de sentir em replicas repetidas a mesma imagem. Os povos caminham em anciedade, e são os heróes que nos sinais da existencia recebem de Deus as taboas guadoras. Por isso talvez os heróes antigos diziam confabular com os deuses, ouviam-nos antes das batalhas. Por isso o instincto devinatorio fez os heróes christãos representantes de Deus na terra, convencidos de que essa preferencia os tornara mais fortes.

Nenhum povo teria realizado a sua obra — se não fosse a intelligencia do milagre da coragem na ancia permanente deante do futuro. Nem Carlos Magno da barba florida realisaria a França. Nem Jeanne d'Arc a defenderia. Nem Napoleão a dilataria. Nem Mohamet II teria tomado Constantinopla, nem as cruzadas seriam possiveis, nem Saladino e os arabes realisariam o espalhar heroico da sua fé.

O passado parece maior? Sem esse erro, eu caminhei pelo mundo, e vi a mesma continuidade do culto. Que faziam os povos, antes

da Grande Guerra ? Preparavam-se. Quando o senso commum assegurava a impossibilidade de conflicto, os mexicanos batiam-se com a ferocidade das hordas de Alarico, quando a verdade era envolta na roupagem sentimental, a Italia sentia necessidade de aprestar a sua força; quando mais se mentia mais apocalypticamente se tornava a eterna tragedia balkanica, enquanto entre o arabe e o europeu Marrocos era a repetição dessa lucta entre christãos e sarracenos — que vem da profundez remota da Edade Media. Mesmo em pequenos povos, alguns ha tempos em estado lethargico eu sentia a germinação dos côros triplices das festas de Sparta. Quando o senso commum com toda a sua importancia obtusa decretava: — Portugal é um paiz liquidado, uma vez em Coimbra á noite eu encontrei sobre a ponte que corta o Mondego, um bando de petizes. Não cantavam fados. Gritavam:

— Pela patria ! Pela patria. Eu sou Nun'Alvares ! Vençamos ! Gloria ! Gloria !

Brinco de creança ? Não. Era a germinação. Portugal acordou e reintegra-se no mundo.

O senso commum assegurava a decadencia sceptica da França. Como em Athenas, sob o riso, em Paris, a anciedade existia. Nunca, entrei num cabaret extravagante e para os

nescios immoral que não encontrasse um velho cançoneteiro de cabelleira ou uma pequena mulher a cantar canções patrioticas tão ardentemente applaudidas que as paredes pareciam abrir-se a deixar ver a theoria luminosa dos heróes nacionaes a apontar na sombra — a Lorena.

Illusão ? Não. Era a germinação.

O senso commum jurava que com o seu desenvolvimento industrial a Allemanha já-mais provocaria luctas. Muitas fabricas trabalhavam, muitos allemães negociavam nos quatro cantos da terra, e as cidades estavam em progresso. Apenas caricatura gorda e gluttona de Sparta esse povo vivia em manobras militares.

Fanfarronice ? Não. Preparação !

A Allemanha é o caso mais dramatico da loucura heroica suggestionando um povo inteiro.

O senso commum esquecia a Grande Necessidade — o Destino. A Allemanha estava á espera. E como esse povo, todos os outros povos, das creanças aos velhos, anciavam, esperavam, na desesperada espera do desastre que está no ar. Era preciso o heróe que é a

convergencia das ancias terrenas, o desencadeador das catastrophes.

Esse heróe veio. E' Guilherme. Elle tem todas as qualidades — é o epileptico superior, é o doido consciente. Cesar organisou largo tempo o plano de tomar a propria patria para ser senhor do mundo. Elle pensou em alargar a patria para ser senhor da terra. E nós vemos, como no tempo de Bonaparte, como no tempo de Carlos da Suecia, como no tempo de Alexandre, o divino, o espectáculo da leva instantanea de heróes, onde julgavamos encontrar apenas negociantes e lavradores em exercicios insolentes de parada militar. Elle cuidou quarenta annos o seu sonho louco, e no dia da realisação — todo o trabalho parado de subito, a charrua abandonada, as fabricas fechadas, os balcões desertos, os homens seguem para a morte obedecendo-lhe á loucura.

Ao mundo era impossivel continuar na anciedade. Guilherme da Allemanha tem o valor philosophico de desencadear a tragedia da remodelação, affirmando a vitalidade da especie. Face a face as coragens chocam-se. Os heróes morrem com o fim dos incendios que atearam. A coragem não é privilegio, mas a razão de ser do homem. A sua projecção encontra as forças vivas da outra raça, ou-

tros heróes. Os de apparencia humilde fazem-se demonios. E nós vemos ao seu grito milhares e milhares de gritos responderem, ao brilho da sua espada crivar-se o ar de florestas de gladios, ao ronco dos seus canhões, trovões de milhares de canhões atroando o mundo.

Graças aos deuses, Guilherme, mentindo, agindo, clamando, negando, affirmando, e obedecido — resolve a angustiosa situação universal. Sem elle continuaríamos inquietos, a desconfiar de tudo. Agora não mais. São patentes os valores.

Não ha mais receio. A terra abebera-se de sangue. Mas as raças reproduzem como nunca os prodigios da sua vitalidade. Ha crueldades horridas? Os allemães queimaram Louvain, tornaram em escombros a cathedral de Reims? Mas os persas arrazaram o Acropole e outro mais bello surgiu no monte augusto. Atila tornava calvo o sólo por onde passasse a pata do seu cavallo, e por onde passou Atila florescem hoje cidades. A guerra é o instincto, o mesmo instincto, que guiava o rei de Thebas ou o soldado de Cesar. Cada um caminha para a victoria, todos almejam acabar para continuar. Como ter piedade? A questão é vencer. Da grande loucura lucida desabrocha o heroismo. Certo eu

não falo para os homens que duvidam do Homem e teimam em sustentar o erro. Elles lembram-me Diogenes que tendo resolvido viver em liberdade para provar essa liberdade foi viver dentro de um tonel, ou aquelle extravagante Pyrrho, que tendo negado a existencia exterior das coisas, para provar as suas opiniões batia com a cabeça nas arvores e dava encontrões nos outros — que aliás via perfeitamente.

Athena fez-me pensar. Ella é Mulher. Athena fez-me crer. Na alma dos mythos ha a prodigiosa essencia divinatoria do homem. Athena não é a inspiração heroica, o palio da vida, senão porque exprime simbolicamente, synthetisa na sua austeridade, o maior dos heroismos, o immenso heroismo do apoio, do incentivo, da esperança, da dedicação, o extraordinario heroismo de acreditar no homem: o Heroismo da Mulher. Antes de Athena, a primeira Mulher acreditou. E antes e durante e depois e para sempre todas as acções heroicas, todas as transformações do mundo realisam-se graça ao seu poder confiante e humilde de crer. Vemos as convulsões do orbe, vemos a furia dos batalhões entrechocando-se, vemos o frenesi dos heróes. Esquecemos o stoicismo da suavidade, o outro mundo que é a razão do nosso por accredi-

tar em nós com belleza. Basta que ellas murmurem. Meu filho ! Meu pae ! Meu amante ! Exprimem sempre o mesmo pensamento de fragilidade que pede heroismo, dizem sempre: meu homem ! E deante dessa fé permanente — o homem julga-se capaz.

Se a Mulher quizesse, não haveria coragem. Ella fez os heróes. Se a mulher quizesse, o mundo seria uma abjecção. Ella fez os santos, ella transformou as crenças. Se a Mulher quizesse, o homem seria um bruto. Ella fez o homem crear a belleza e trabalhar para fazel-a sorrir.

Coriolano foi grande. Foi maior a mãe de Coriolano. Pericles foi enorme. A seu lado havia Aspasia. Lear enlouqueceu por que as filhas o abandonaram. A todas as guerras da terra a Mulher deu o seu consentimento e ainda agora, na ultima transformação a Mulher comprehendeu, deante da selvageria perpetua, que é preciso ainda matar, que é preciso o sacrificio do amor, da paz, da dedicação para afastar o perigo da barbaria para uma epoca melhor. E ainda agora, em Paris, sól do universo, escondendo as lagrimas, ella sorri á passagem das tropas, ella ri á partida dos comboios, ella atira flôres — aos paes, aos filhos, aos noivos que a Morte leva.

Deante da inexoravel fatalidade da guerra, amargamente podemos pensar o fim do mundo como o rabbi Abeni-Fzza, — vasio sob o olhar de sangue do astro de nome Sahil. E teremos a visão dos versos de Lecomte no Astro Vermelho:

Par l'espace sans fin des solitudes nues  
Ce gouffre inerte, sourd, vide, au néant pareil,  
Sahil, témoin suprême et lugubre soleil  
Qui fait la mer plus morne et plus noirs les nues  
Couve d'un œil sanglant l'universel sommeil.

Ce qu'on rêve, ce qu'on adore, et ce qui ment  
Génie, Amour, douleur, desespoir, haine, envie.  
Terre et ciel — rien n'est plus en l'antique moment  
Sur le songe oublié de l'homme et de la vie  
L'œil rouge de Sahil couve éternellement.

Apenas é o contrario. A fatalidade ordena a guerra para a renovação da vida, e os sonhos do homem brotam em acções nas guerras, para o futuro.

Certo, a guerra é apenas um aspecto do heroismo. Mas, sendo uma resultante de outros heroismos e a germinadora de outras acções heroicas, é a unica de immediata comprehensão. A massa vê o heróe pelo choque visivel que é a lucta; o homem superior pelo espirito que elle incarna.

Assim para a massa a guerra alcança uma série de principios rudimentares. E' a decisão. E' a ostentação das qualidades collecti-

vas. E' a defesa de um por todos e todos por um, é a defesa da patria. E' o campo immediato á realisação dos sonhos mais ambiciosos. E' a apuração dos sentimentos baixos. Os egoismos, os crimes, as ignominias redime-os o risco da vida. A victoria está acima do bem e do mal. O homem sente-se na sua plenitude. O heróe é a aguia dessa victoria. A Revolução Franceza começou antes dos soldados com a Encyclopedia. Para o homem simples ella se iniciou na batalha que eguala, fraternisa e liberta. Cada homem jogava a vida para o triumpho. Soldados voltavam generaes. Napoleão foi o expoente, foi o heróe. Conquistava o mundo e levava-os a vencer. Nós outros julgamos Napoleão a realisação de uma obra que é como a de Alexandre, como a de Cesar, como a de Carlos Magno: um apice em que se chocam as vontades de um mundo antigo, de um novo mundo. Todos os heróes para os povos exprimem guerra. Elles, entretanto, sejam os duques italianos, sejam os conquistadores byzantinos, sejam os super-homens occidentaes, condensam as mysteriosas vontades do Universo, e do seu poder destruidor nascem os novos mundos.

Para o espirito que vê de cima, si a guerra juvenilisa as raças — a capacidade de guerrear é apenas a feição basica do heroismo.

A terra é uma plantação de heróes. Carlyle definiu esses homens cimos. O heróe é o que destróe trazendo o elemento novo. Em todos os aspectos humanos vêmos taes homens acompanhados de uma grande sombra feita das multidões que admiram e seguem.

A vida é assim uma inebriante corrida para o futuro. E nós comprehendemos Pascal quando dizia sombriamente: — O passado e o presente são os nossos meios. Só o futuro é o fim. Não vivemos, esperamos viver. E nós assim comprehendemos a indiferença pela morte e esse sentimento da fatalidade, do *Fatum* romano, do Destino grego, que faz todos os homens da terra pensarem como no proverbio arabe: — no dia em que tiver de morrer não ha nada que me salve; no dia que não está marcado nada me fará morrer.

Nitzsche definio: “o heroismo consiste em fazer grandes coisas ou em não fazer alguma coisa de modo grande, sem ter na lucta com os outros o sentimento de estar deante dos outros. E’ o sentimento do diamante. Mas como o diamante tem mil facetas, como todas as côres quebram-se nos prismas dos seus angulos — o heroismo é diverso e multiplo.

E’ heróe o philosopho. Derruba os deuses e as velhas moraes carunchosas. Ha frases que

valem por bombas de dynamite e cargas de baioneta. Aristote abalou a Acropole. E' heróe o artista. Michel Angelo amassando as tintas em furia e trepando ao tecto da Sixtina para assustar o orbe com as suas Sibyllas é tão formidavel como o maior guerreiro. E' heróe o poeta. Shakespeare vale mais ao mundo que os guerreiros da Inglaterra. Dante deu-nos toda a tragica anciedade do orbe. E' heróe o sabio. Pasteur é o titan do infinitamente pequeno. E' heróe o santo. Rugindo como Iokanaan em Jerusalem ou como Savonarola em Florença, immovel como os estylistas do deserto, doce como S. Francisco em Assis — elle transforma, modifica, melhora. São heróes os principes e os condotieri na Italia. Da sua coragem esplendeu o Renascimento. Cesar Borgia era um genio bravo. O colleone é um nume. São heróes todos os apices — o extremo, seja bom ou máo, porque transforma e consequentemente melhora. E' heróe o egoista que só pensa na propria gloria e sem o desejar redime. E' heróe o máo, a furia odienta. Muita vez ao seu rancor nascem sacrificios redemptores. E' heróe o que possui um grande amor. Christo, abrindo os braços destruiu um mundo inteiro.

E' a moral dos cimos. Os heróes são as estrellas guiadoras das raças. Quando a terra

enlanguece e o senso commum é o mofo da armadura humana, um grande clarão abre-se nos céus e as multidões tornam a encontrar na guerra o seu perdido espirito heroico.

Certo, nem todos o podem obter — para se fixarem na eternidade. Mas é dever comprehendel-o. Só não sente o heroismo o sujeito legislativamente moral e perfeitamente inutil, vindo ao mundo, como disse o Florentino, só “per fare tame”. O que Athena ensina, no monte inicial, no Acropole, não é a capacidade de ser um exemplo — mas a certeza de que a vida é uma successiva replica e que nós, na eterna inquietação, devemos caminhar no mesmo esplendido ardor.

Vivamos bellamente, vivamos como heróes. Para vermos a vida bella é necessario que cada um acredite em si mesmo, tenha fé em ser o primeiro. E’ tão heróe o soldado como o general, tão heróe o obreiro como o inventor, tão heróe Vasco da Gama como os obscuros anonymos que com elle se atiraram a fazer recuar o gigante Adamastor do cabo das Tormentas, tão heróe o fundador de cidades como o que constróe um muro, tão heróe o rei dos belgas como o soldado infimo que morre matando pela sua patria...

A vida fulgura entre a lança de Athena e a graça de Prometheu !

Olhemos os cimos com a consciencia de nós mesmos. O mundo recomeçará eternamente coisas mais bellas.

Não recuemos, não nos humilhemos. E' impossivel recuar. O homem só póde medir o tempo para a frente. Não deploremos guerras — a Dôr, a Furia, a Morte. Prometheu, preso á tortura, deixou-se interrogar pelas Okeanides.

— Que fizeste mais pelos homens ? — indagaram ellas abatendo o seu vôo humido.

— Impedi que os mortaes pudessem prever a Morte.

— E como ?

— Dando-lhes á alma as cégas esperanças.

Sim ! As esperanças, o maior bem — o iman de milagre do futuro, mysterioso. Prometheu, que nos deu o fogo que é o incendio, o raio, a morte, o vapor, o calor, a vida, o purificador e o propulsor, o aniquilador e o fixador do homem — fez mais, deu-nos as cégas esperanças. Cada homem para vencer crê em si mesmo. Tudo na vida continúa. A vida é um perigo por que é uma continua espera. O homem espera. Arrasa, mata, organisa, esta-

belece, melhora, tomba, ergue-se. E espera. Espera mais. Espera sempre. O heróe de Nietzsche é cégo de esperanças. Esperamos a noite para esperarmos o dia. A grande obra é affirmar-se na anciedade. Tudo na vida diz combates e esperanças, diz morrer e resurgir — o turbilhão que é o esboço da aggregação, a pedra que é a cristalisação, a arvore que individualisa, o animal que se move, o homem que pensa. E pensar é querer ser mais no grande medo pathetico das catastrophes. A alma do homem é como a onda do mar, como o vagalhão do oceano, uma eterna agitação insoffrída e verde.

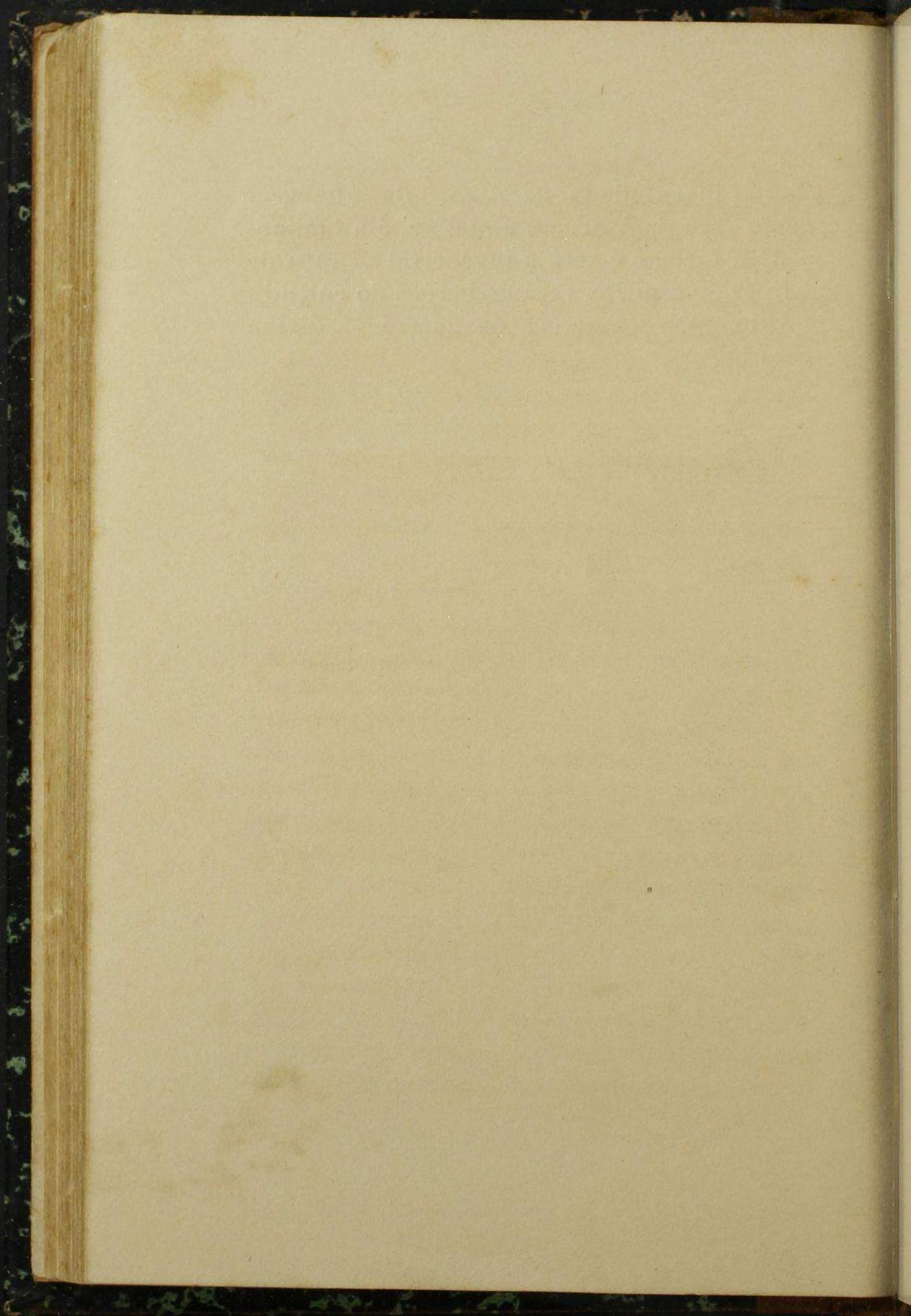
Nas pelejas, entre as destruições, nos hospitaes pensando as feridas, nas planicies galopando sobre os cadaveres, como na paz deante das alegrias comprehendamos a lição do Acropole, comprehendamos o heroismo como elle é: Presente de Athena, — a Intelligencia frenetica da Vida; Dativa de Prometheu, — a radiante esperança de eternamente vencer.

E' o segredo da Humanidade. E' a victoria da Especie. E' a razão da Vida na marcha formidavel para o Amanhã.

E neste momento, o maior momento heroico de todos os tempos, em que no mundo explodiu a epilepsia de Guilherme, tenhamos fé e alegria. Ninguem mais póde duvidar da

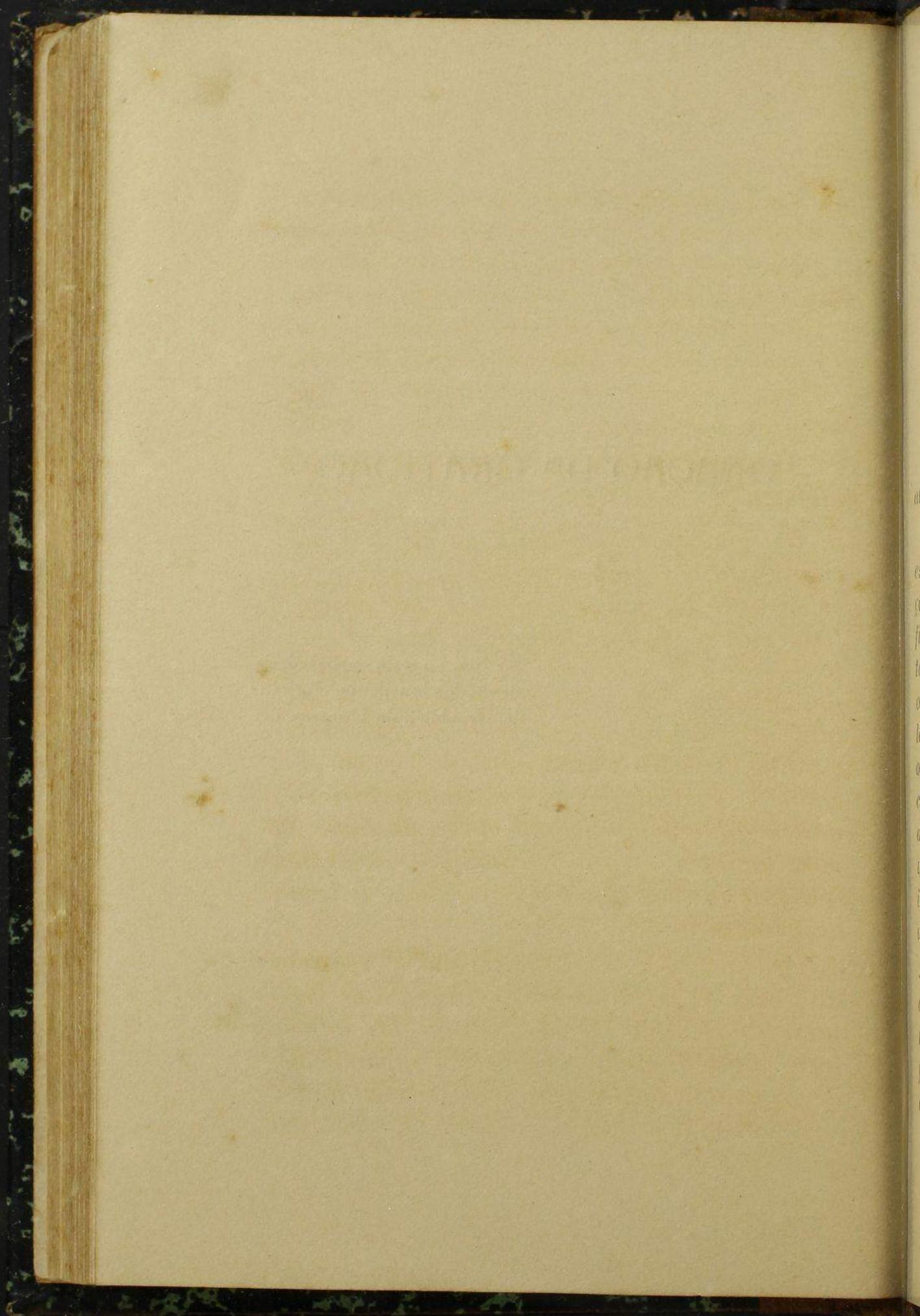
eterna juventude latina. A raça da Intelligencia, a raça de Athena é a mesma, é a luminosa, é a forte, é e será a invencível — raça de heróes do espirito, raça de heróes do entendimento, raça de heróes da guerra — divina raça !

---



# ORAÇÃO DA GRATIDÃO

No Rio, na festa de agradeci-  
mento dos brasileiros ao gesto  
da Republica do Uruguay. —



*Ante vós inclino-me como um portador aturdido.*

*Os homens de sensibilidade do meu paiz escolheram-me para acompanhar com a força ardente das palavras a offerta que procura fixar na memoria do tempo um profundo gesto vosso. A consciencia da responsabilidade obscurece-me. Na floresta da magia vocabular, entre os milhares de palavras que criam o sonho, fazem a illusão, adoçam o existir, incitam á guerra, ferem, louvam, glorificam, destróem — palavras, revelações da alma na vida humana — procuro attonito, as exatas imagens que vos digam a sinceridade delicada deste momento.*

*..Fôra a missão de entusiasmo e tivessem as frases de acompanhar o tilintar dos cristaes, o vozeio da alegria, o trom das salvas, fôra a obra de simples replicas d'apparencias, de vocabulos ligados para miragens rutilantes — e talvez me ajudasse o exagero, rhetorica*

*do sentimento. Tudo, porém, quanto fôr de fragor, tudo quanto accentuar estridencias, ha de diminuir a carga preciosa que vos trago. E tonto, pasmo, aturdido e perdido, cheio de pena e temor, eu desejaria entretecer uma oração em que as palavras tivessem a simplicidade e a brancura dos sentimentos muito simples e muito puros. Porque não falo da Intelligencia sempre capaz de illudir, não falo d'actos politicos em que a esperteza pode mascarar-se de generosa — falo e louvo do coração, que pede para coroar-lhe a acção palavras angelicas e toda a gamma plumosa das emoções no extase da suprema verdade que é sempre e irrevogavelmnte a capacidade de bem sentir.*

*Bem sentir !*

*No poema de Homero, em certo momento de coleras dos deuses, Zeus, o maior, lança, tremendo, um desafio terrivel: — “Suspendam uma cadeia d'ouro do alto Ouranos e todos — deuses e deusas — predei-vos a ella. Não arrancareis jamais, apezar de todos os vossos esforços, Zeus o moderador supremo. E se eu quizer amarro-vos todos e mais o mar e mais a terra, e, prendendo essa cadeia ao céu, suspender-vos-ei a todos. Tanto estou acima dos homens e dos deuses !”*

*O poder de sentir, a força da sympathia é*

bem o Zeus dos homens, o equilibrio congregador, o dom de ver, de ligar, de crear, de produzir. E mysteriosamente, mesmo nas maiores convulsões em que os homens se trucidam e as furias andam soltas, é o coração que regula a vida humana, é o coração que vê além do egoismo para o bem da especie — tanto está acima das competições e dos odios.

Nem sempre os homens, os povos, as raças sentem bem. Afastaram-se do gulf-stream arterial da Bondade. Mas os deuses querem que alguns homens e alguns povos sigam o curso da vida trocando suavemente a força de bem sentir. Assim caminham para o futuro o Uruguay e o Brasil entre os povos da America. E eu aqui a falar venho trazer-vos mais um testemunho agradecido desse sentimento consolador.

Que fizestes vós? Vistes o flagello nosso e tivestes um espontaneo gesto de consolo. D'homem para homem esse gesto é simples humanidade. De povo para povo é sementeira de indissolvel amor.

Vistes o flagello!

Que é elle? Na orgia de riquezas desta terra em que se estende o gladio do Equador, faz-se da epilepsia do sól. Na zona em que se forjam os homens d'aço para a conquista do inferno amazonico, o sól abate como um cas-

figo da natureza. E' a morte na luz. As chammas despejam-se do céu, irradiam, allucinam, afogam, suffocam, queimam, estorcem, matam. Os prados verdes viram pó de fogo, as arvores esgalham para o ar os esqueletos dos ramos, as plantações sumiram-se, os homens olham com angustia os espaços, as mulheres bracejam, as creanças agonizam, e na poeira ericada como um pello de leão o gado muge sedento e rezes tombam entre rezes mortas que os corvos estraçalham. E' preciso comer. Não ha mais o que comer. Desesperados, a mastigar raizes, as creaturas sentem na garganta os dedos de fogo da sêde. A agua é o sangue da terra. A terra é cadaver sob o fogo do céu. Seccaram as fontes, seccaram os rios, seccaram os açudes. Não ha agua. Não ha mais agua. O sertão inteiro retorcede-se na fornalha. Despojada de vidas, esturrada, a terra arqueia a ossatura horrida no desespero de combustão. Tudo queima, tudo está calcinado, tudo é fogo. O céu sem nuvens é um concavo tampo d'aço na candencia de labaredas azues. A atmospherica compacta, feita de milhões de sopros de maçaricos e de halitos mornos como o suor das labaredas — abafa, anniquilla, prostra. De tanta luz, o ar estraleja em refrações de mil pedaços de espelhos. Os olhos sentem a dôr de ver. Os olhos vêem ver-

melho, vêem sangue, vêem fogo. E' a grande praga. A luz veste a terra de um sudario de cinza amarella. E' preciso fugir! Fugir do sól, fugir da luz, fugir da immensidade adusta. Não ha soccorros possiveis, não ha nunca a tempo soccorros sufficientes contra o horror periodico. As herdades abandonadas, os povoados vasios, o lares desertos. E pelas estradas correm em bandos as familias semi-nuas tiritando de fome e de sêde na braza do ar.

Dos seios bambos das mães caem mortas as criancinhas; infantes extenuados rolam em convulsões á beira dos caminhos; velhos tropegos baqueiam mordendo o pó. Não ha preces, não ha resignação, não ha energias. Ha desejo de viver, de correr para deante, de sair da fogueira, de fugir da angustia. Com o estomago empalado entre a fome e a sêde, esqueleticos, loucos elles arrastam-se deixando pelas estradas fios de cadaveres. Do alto, sem parar, o sól soturnamente, immenso, côr de sangue, entorna sobre a terra aludes de lava, e no surdo, horrifico silencio das torrentes de chamma a morte braceja de foice em punho como a alma assassina da luz...

O vosso paiz viu esse flagello que ha varios mezes transforma as populações do nordeste brasileiro em turbas de atormentados de epopéias; o coração do Uruguay sentiu o horror

*tantalico desse pedaço da nossa terra sob o vitriolamento do sól. Esse mal que nós continuamos a julgar impossivel de impedir de subito mas que desprevinidamente não remediemos com tempo, confrange o coração de quantos têm piedade. No momento entretanto em que, deante do desastre europeu, a America se faz crente de um espirito de cohesão continental, no momento em que começamos a julgar possivel o espirito americano, a vossa patria teve, á parte dos interesses e dos egoismos, o gesto espontaneo, o desejo instinctivo, immediato de um consolo ao soffrimento. E o vosso governo com o applauso do vosso povo, não se limitou ás provas allegoricas de piedade — tirou de si proprio e mandou alguma coisa para lenitivo dos nossos irmãos.*

*Podeis dizer que mandaste uma gotta d'agua para transformar o deserto em oceano. Sim. Todos os nossos esforços seriam tambem pequenos se almejassemos tão immensa tarefa. A gratidão não vem da importancia da lembrança, vem da pureza consoladora do gesto. Edgard Pöe disse um dia: “Como não perecem os pensamentos, não ha actos sem resultados infinitos. Movemos as nossas mãos e damos vibração a atmosphaera que as cerca. A vibração estende-se indefinidamente, de modo que o impulso dado chega a todas as*

partes da terra e do ar". Os movimentos d'alma têm também a sua mathematica moral. É para os espiritos subteis comprehender a infinita extensão dos movimentos delicados.

O vosso gesto colectivo de immediato consolo destaca a alma uruguaya — como qualquer acção heroica. Foi primeiro masculino. Deu não como fraqueza mas como aperfeiçoamento proprio, não como abandono mas como stoicismo, não como caridade mas como o sentimento que se cristalisa nos principios fortes creadores do homo sum de Terencio e da profunda sonoridade da caritas humanis generis de Cicero. Foi depois — de irmão, de verdadeiro e velho amigo, o grito espontaneo de piedade fraterna, o gesto do saldune. Vale mais no seu pequeno esforço que os tratados artificiaes, os banquetes esmagadores, as declarações prolongadas...

E' preciso bem sentir para comprehender o quanto dizem os gestos intimos e espontaneos. O da vossa patria não diz só a solidariedade vaga, diz aquelle mesmo destino que por tantos annos nos ligou, diz os combates em que pelejamos unidos e a camaradagem de muitos lustros, diz o passado feito de generosidades, diz o povo, a gente de uma terra vendo com amizade a gente, o povo de outra terra. A sympathia, poder compositor da vida,

continuou uma attitude antiga. Para corresponder á prova tão espontanea de carinhos, os brasileiros amigos do Uruguay desejaram entretanto marcar num pequeno objecto mais este momento de transfusão de sentir. Os pequenos objectos soldam as amizades grandes. Este, sem valor, se faz pezado de intenções. E' pobre e nelle palpita tudo quanto temos de raro e puro e bom; é insignificante, e irradiam nelle as graças da amizade e da gratidão; é nullo e nelle se irmanam na mesma liga d'ouro os votos da raça dos trinta e trez e da raça de Osorio; é nada e nelle se fundem os nossos corações.

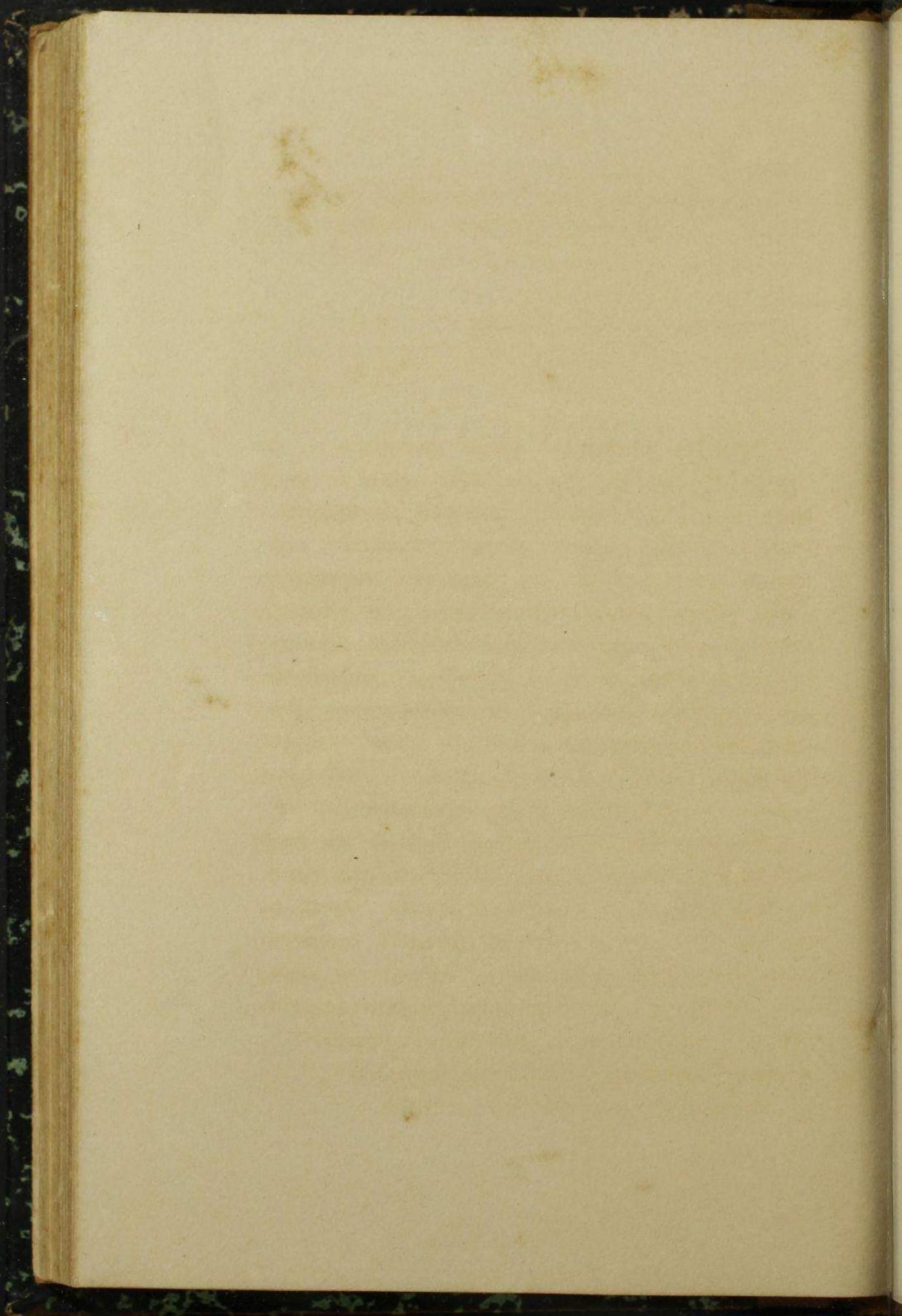
Por isso ao vol-o entregar para que o transmitais ao governo do vosso paiz, á capital da vossa terra como um ex-voto da nossa solidariedade, eu sinto as palavras tremulas. São sempre vãs e inuteis as palavras quando os corações se communicam no acorde luminoso da amizade...

Salve !

---

# PORTUGAL - BRASIL

Para dois povos da mesma  
raça, no momento dramático  
da guerra. =====



“Minhas senhoras; meus senhores — No momento em que decidi falar nesta festa de amor senti, de repente, um grande abalo. A festa é de dedicação e de solidariedade, organizada por artistas que são tão brasileiros como portuguezes, patrocinada por uma revista de arte, que realisa o idéal de irmanar nas suas paginas as expressões mentaes dos dois paizes. Teria prazer motrar-lhes, mais uma vez, o meu coração, que ama e venera Portugal. Mas, a festa dava-me a visão sangrenta das batalhas, trazia-me o rumor dramatico das luctas, e, como remate de cada combate, desfeito o fumo dos canhões, juncados os campos de mortos e feridos, uma outra visão — a da hoste de branco, tendo na testa uma cruz de sangue — hoste de amor, hoste de bem e de altruismo, a pensar os feridos, a cuidal-os, a dar-lhes o lenitivo, a grande força irradiante da bondade. E eu pensei na cruz e pensei na mulher.

Um escriptor profundo e melancolico já disse que não é no céu e na terra, mas em nós mesmos que muita coisa existe de que não cuida a nossa vã philosophia. Profundo mysterio guia as acções dos homens. E nada mais extraordinario que a acção dominadora dos symbolos pelo proprio homem creados, essa verdadeira idéa fixa que é a idéa de um sentimento através as idades, através os dramas sociaes, através as religiões, fazendo de um mesmo symbolo eternamente a mesma prova de bem ou de mal, a mesma marca, o mesmo vexillo de idéal, o mesmo padrão das almas. Eu pensei na cruz e na sua continuidade, na cruz que nasceu com o homem, possuidora da força do bem. Mysteriosa historia de um symbolo — quem a fará um dia? Ha milenios a cruz já existia na India e era o symbolo do fogo e do sol, do alimento universal. Mudaram-lhe varia vez a fórma. Cada povo tinha a sua cruz. Israel fazia della o fim dos males, o castigo maximo. A cruz na India, a luz do dia, era em Jerusalém o começo da noite eterna para os que pretendiam ennegrecer a divina claridade da vida. Talvez o symbolo morresse, acabasse. Mas a imaginação humana é limitada e o Destino determina para o mundo a fatalidade do renascimento dos symbolos que erguem os ho-

mens. Na noite da cruz pregaram um homem chamado Jesus. Era o maior coração da terra, era o coração a pensar bondade, justiça, doçura. Pregavam o homem e o sangue esguichava, corria pelo monte, formava caudal nos vallados e crescia em enchente, espraiaava-se até a linha do horizonte, limite sempre longinquo da falaz esperança. De modo que quando os homens, olhando o céu, gritaram: amanhece ! era o sangue de Christo morto na cruz que tingia o firmamento, era o sol em que de novo se metamorphoseava a cruz.

Como explicar a mysteriosa, formidavel força do symbolo ?

Os homens são dotados de intelligencia para ter a pretensão de explicar o Destino. Não no explicam as mais das vezes. Complicam-no, desesperando-se mutuamente. A cruz tornou-se um signal mysterioso de reconhecimento dos christãos, espantou os romanos, foi motivo de schismas tremendos só por causa da maneira de fazer o seu signal. Os homens tambem explicavam a adoração por ella, não por ella, mas porque nella morrera Jesus. Os homens acabaram por pretender descobrir a cruz especial, feita de lenho, para o contentamento de uma imperatriz octogenaria, transformando esse lenho de acaso em

reliquia de milagres. Acima do entendimento terrestre, porém, a cruz continuou na sua influencia astral, com a mesma divina significação.

Que é a cruz ? E' a bondade superior, é a acção guiadora, é a luz, é o sol. Conforta, dirige, allumia, esplende. O seu milagre é ser o bem contra o mal, a claridade contra a treva. A sua força é ser pelos fracos, igualmente dividida pelos que a procuram como o é o calor das fogueiras e a luz do céu. Mas, luz, ella é actividade; fogo, ella é purificação; milagre, ella é contra o mal; força, ella é o combate, o combate dos corações por tudo quanto é bom.

Insensivelmente os homens tomaram o seu signal como uma lanterna de reconhecimento na treva convulsionaria e como a armadura inconsutil do soldado. Santo Ambrosio deu-lhe a feição combativa: "Fazemos o signal na frente porque pensamos em Christo, no coração, porque o amamos, no braço porque o defende". E Tertuliano, na sua obra "De Corona Militis", mostrando-a como a crença militar, escreveu: "Caminhando, saindo, entrando, vestindo-nos, calçando-nos, no banho, á mesa, accendendo as luzes, deitando-nos — em todos os actos imprimimos na frente o signal da cruz. Se reclamares obstinadamente

uma lei tirada da Escriptura para essas disciplinas e usos, não a encontrarás, mas indicarte-hão a tradição que é o autor, o costume que os confirma e a fé que as observa”.

Desde que a Igreja foi um facto, ainda os homens, dominados pelo seu poder, diversamente della se serviram. Uns fizeram-na insignia de caridade e sob a sua guarda fundaram ordens religiosas. A primeira existiu no tempo de Santo Cleto.

Dezeseis seculos depois, fundava outra em Liége, Theodoro de Celles e Paris chamava os seus sacerdotes no tempo de S. Luiz de irmãos hospitaleiros. Dezeseis seculos depois, Querin instituiu uma outra tambem para as mulheres que curam os doentes, e essas mulheres, sendo obrigadas a principio ao voto triplice, puderam deixar de o fazer. A cruz immunisava-as com a bondade activa.

Mas emquanto a concepção da cruz era assim generosa em alguns e evoluia e multiplicava-se, o interesse mercantil, o interesse da raça, interesse da Igreja, ligados ao fanatismo, creavam o grande drama das cruzadas, oito grandes investidas do Occidente contra o Oriente no espaço de duzentos annos, e a humanidade devia sentir nos colossaes desastres dessas oito cruzadas a cruz capaz de guiar para civilizar todo o Occi-

dente, dando victorias para instruir e derrotas para esclarecer. Quando as cruzadas cessaram, os povos occidentaes eram outros e viam de outra maneira a vida. Nada tinham conquistado senão pelo espirito, pelo conhecimento. Do momento do egoismo a cruz abandonara-os. Tomada com erro como talisman invencivel do interesse, desapparecera, deixando em seu logar o scepticismo e a duvida.

Que importava ? Mesmo contra a vontade dos homens já sem fé, a cruz continuou militar como o pensava Tertuliano e como o disse depois Innocencio IX. Todas as ordens militares creadas no seculo passado foram cruces, da cruz branca da Toscana á cruz de ferro da Allemanha. E o espirito do symbolo, o espirito de armadura do soldado, caído justamente no cumprimento do seu dever, era erguido pelas mulheres, era tomado das ordens da cruz, pelos corações femininos, os unicos que choraram de amor e de dôr aos pés de Christo. Uma dedicada mulher, Miss Nightingale, atirou-se na batalha da Criméa a cuidar particularmente dos feridos. Na França notaram ao mundo a necessidade desse auxilio nas guerras. Algumas creaturas inspiradas pensaram scepticamente na Convenção de Genebra para se realizar um contrato de

todas as nações, contrato em que o serviço de feridos e ambulancia seria considerado neutro. Os governos, contra todas as expectativas, concordaram; as sociedades fundaram-se em varios paizes sob as insinuações da commissão dos cinco de Genebra. Estava feito o batalhão que acompanha as guerras. A idéa vingava, as mulheres a erguiam.

As mulheres ! Maeterlinck dizia: A alma está-lhes ao alcance das mãos. Ellas estão promptas noite e dia a responder ás mais altas exigencias de uma outra alma, e a parte da mais humilde não se distingue da que dá a rainha. Aproximemo-nos das mais pequenas e das mais orgulhosas, das que são distrahidas e das que sonham, das que riem ainda e das que choram; porque ellas sabem coisas que nós não sabemos e têm uma lampada que nós perdemos, habitam mesmo ao pé do inevitavel e delle melhor conhecem os caminhos familiares. “Com a certeza espantosa” ellas tomaram a grande obra que se chamava apenas de auxilio aos feridos. Mas, de repente, sem que se saiba até hoje quem se lembrou do nome, depois da Convenção de Genebra, depois do accordo dos paizes, outro dia, em 1868, afastada a hypothese de Deus, afastada qualquer idéa de igreja ou de religião, num seculo de descrença e de imperti-

nencia, uma voz disse: a obra da Cruz Vermelha.

Por que ? O mysterio da obsessão do symbolo, cuja significação era afinal explicada pela mulher — cruz balsamo, cruz superior aos odios, cruz combatendo a morte com os cuidados e os carinhos, cruz padrão de todos os bons em auxilio dos sus soldados, cruz de sangue na fronte das mulheres para que as suas mãos purifiquem, dulcifiquem, curem, resuscitem. E, sem distincção de raças, de cores, de deuses, no Kamtchaka e na Africa, entre os turcos ou entre os lutheranos, entre os indianos ou entre os polares, nas cinco partes do mundo, cada paiz tem a sua Cruz Vermelha, o seu exercito sagrado, a sua hoste carregando as Arcas que são as ambulancias, os seus batalhões de dedicação, a alma e a dedicação das esposas, a alma e a ternura das irmãs, a alma e o carinho das filhas, a alma e o coração das mãis, turbilhão vital dos povos, a alma da patria fazendo sobre os seus filhos dignos o signal do sol, o signal da cruz, o signal do sangue do maior coração do mundo !

E foi nisto que de repente eu pensei com grande abalo do meu sêr, quando resolvi falar-vos. Altiva ou humilde a minha voz nada adiantará. O ruido dos corações deve aba-

fal-a. Porque neste momento, mais do que em nenhum outro no Brasil são as mães, são as esposas, são as filhas brasileiras que se debruçam para o ancestral veneravel, desejando o bem dos seus filhos no auxilio ás mães, ás esposas, ás filhas portuguezas, aos corações do coração de Portugal que, para crear o seu exercito da Cruz Vermelha — sacerdem, tremulas de enthusiasmo, as bandeiras gloriosas das cinco chagas e correm para a Força, sob o baptismo divino desse sangue duplamente transfigurador. Cada grito nosso, cada auxilio nosso é ternura, é assombro. A cruz é a expressão do amor. Ella vive agora em cada frente de mulher portugueza como a dupla flôr dessas almas, pelo idéal da abdição feminina e pelo idéal que Portugal fez outr'ora seu para augmentar o mundo !

---

Minhas senhoras, meus senhores — Talvez haja quem ainda hoje sem meditação tenha a volupia das palavras e as pronuncie pelo prazer simples de as pronunciar.

Eu temo a Palavra. Della se póde dizer o que David disse de Jehovah nos seus psalmos. E, parafrazeando o Rei que preferiu dançar a falar diante da Arca, podemos repetir:

— A palavra é misericordiosa porque mandou as dez pragas.

— A palavra é magnanima porque póde matar.

— A palavra é boa porque arruina quantos nella não acreditam.

Eu creio na palavra e no seu archanjelico poder. E por isso cada vez mais ás palavras que digo procuro entregar a sinceridade dos meus sentimentos e das minhas idéas. Palavras leva-as o vento... Algumas que eu utilizo vão tão cheias de dôr, de pena, de esperança, de sangue, do desejo, que me dá a vaidade para julgal-as por terra. E então eu as repito uma sobre a outra, sempre a mesma com outras muitas para o espedaçamento do vento. E torno a repetil-as. E insisto, com a fatuidade de que ellas venham um dia, monte ou marco, a fazer alguém dizer: Quantas palavras e quantos sentimentos para erguer uma idéa justa ! Ha quasi trez lustros, num trabalho incessante e polyforme, desde o meu primeiro artigo até agora, no conto, na chronica, na impressão mundana, frivolo ou grave, enthusiastico ou triste, ha na minha obra um desejo unico na sombra de uma palavra fundamental. Essa palavra é: patriotismo.

Ella vive na satyra aos costumes ridiculos, ella suspira na exposição dos snobismos, ella

anceia no elogio dos homens que julgo capazes, ella quer nos grandes momentos, ella protesta no commentario aos que a desnaturam. Nos periodos mais crueis é ella que chora a minha raiva sem lagrimas.

Por que ?

Num paiz de immigração varia, num povo ainda por crystalizar as suas differenciaes, o meu patriotismo é fazer a minha Patria igual ás maiores sem copial-as, é sermos nós mesmos para sermos fortes. Não ha patria sem historia, não ha amor da patria sem tradição, não ha povo sem raça. E o presente para caminhar e crer no futuro, isto é, na eternidade ascencional do seu esforço, precisa apoiar-se no passado, como a frecha que se finca no arco para projectar-se no espaço. E' preciso lutar, defendermo-nos e começar por amar a Raça. A raça ! A raça é tudo. Um grande poeta, Antonio Correia de Oliveira, escreveu deliciosamente:

A Patria o que é ? — Uma arvore frondosa  
Erguida á vida livre e luminosa.

E' seu tronco uma raça;  
São as familias os seus verdes ramos  
Em que em si mesmo se arredonda e abraça;  
Homens somos as folhas pequeninas  
Que a luz do Pensamento respiramos;  
E as almas dos Heróes, almas divinas  
Dos Santos e dos Poetas — são flôres;

São a côr, o perfume  
São o Fruto de luz quem em si resume  
Toda a seiva desta Arvore de Amores.  
Acaso podem ventos destruidores  
Algum dia affrontal-a  
Como barbaros, rudes lenhadores.

Podem despedaçal-a  
— Espalhando no chão  
Seus ramos, suas folhas, suas flôres

A Patria ha de voltar á nova vida  
Da vida dos seus mortos renascida  
Ficará inda de pé seu tronco: á Raça  
Inda ficará a Terra...

A nossa terra immensa e rica ! Varias raças nella se debatendo para a criação de um progresso — progresso da personalização dessas raças. Lucta feroz em que afundamos... Póde haver creaturas nascidas no Brasil com a fantasia de, sendo brasileiros, ser por essa ou aquella patria "leader". Innocua futilidade de espiritos vãos. E não encontrei ainda nenhum que pensasse, que amasse, que fosse homem sem a felicidade de dizer:

— Mas ha uma raça, que é a nossa: a portugueza. Mas ha um passado que nos liga ás lendas gregas e aos periplos fenicios: o portuguez. Mas ha uma vida que é commum aos dois povos, ramos do mesmo tronco: Portugal !

Um grande homem brasileiro, Euclides da

Cunha, tinha aliás esse sentimento quando certa vez dizia:

— Precisamos pensar, escrever, fazer propaganda ! Cada vez ha mais estrangeiros na nossa terra. Assim desaparece a raça; assim desaparece a lingua. Só ha uma salvação: mandar vir mais gente de Portugal !

Esse orgulho da raça e da lingua, quem o não tem, quem o não deseja conservar? Os povos são redobradamente fortes quando já tenham organizado a historia de um pedaço da terra, creando uma lingua nova. Portugal foi feito da ternura dos heróes, da pureza de alguns santos, e para pôr em ordem a lingua desses homens, eternizando os seus feitos, brotou nessa terra um poeta entre os maiores maior. O Brasil surgiu de Portugal no seu momento de ouro, como mais um continente que Deus dava á raça para eternizar-se. Nós somos como ramos do mesmo tronco. E devemos-nos mutuamente o mesmo amor igual.

Dahi esse secreto élo, que insensivelmente nos prende, brasileiros e portuguezes. Dahi a certeza que mutuamente mantemos da nossa lealdade. Dahi esses ensinamentos com que, indirectamente, nos phenomenos sociaes e politicos nos influenciámos.

E' preciso mesmo accentuar a ternura

commovida de Portugal pelo Brasil. Todos os nossos feitos para cá do Atlantico, ás intelligencias lusitanas foram motivo de louvor. Em todos os transes, em todas as difficuldades, como em todas as alegrias, os portuguezes não estiveram só aqui, trabalhando, prosperando, multiplicando-se; estiveram tambem em espirito lá no paiz onde originariamente a raça assentou as raizes. Nas questões diplomaticas, como para salvar sem diplomacia brasileiros infelizes na guerra civil, elles mantiveram esse amor de sangue. Basta ler a historia; basta recordar; basta ter estado em Portugal para sentir o encanto inebriante dessa amizade sem desfallecimentos.

Antes de ler a historia, antes de ter idade para recordar, eu ameí Portugal. Mas devo confessar que foram os portuguezes do Brasil e as minhas viagens a Portugal que me ensinaram patriotismo, o orgulho da minha raça e da minha terra.

Nenhum dos senhores ignora que o Brasil presentemente não é uma escola de patriotismo. A rapidez dos progressos, o appetite dos prazeres, a facilidade da vida, a mistura das raças, turbilhões de estrangeiros, e as influencias de expressões de alguns paizes deram-nos uma geração, sem duvida, elegante, mas talvez mais estrangeirada aqui que nos Estados

Unidos, do “far-west” a Nova York, e em Paris, da “rive gauche” aos cafés do “boulevard”. A irritação proveniente dos appetites insatisfeitos creou os excessos de opinião destruidora e uma febre de descrença. Não ha um brasileiro que não fale mal do seu paiz. E’ bonito ! E não almeje viver fóra d’elle... Eu via os portuguezes que aqui mourejam. Illustrados ou simples trabalhadores, com capacidade para discutir ou simplesmente para sentir, elles amavam, continuavam a amar o seu paiz, o “ninho meu paterno” do poeta. Dez, vinte, trinta annos de ausencia, que importa ? Elles têm Portugal dentro do coração. Eu sentia, ao falar-lhes, a palavra commovida dos mentaes, ou a lagrima que comprehende sem palavras dos d’alma virginal. E o tocante era ver que esses homens sinceramente amavam e respeitavam o Brasil como um prolongamento da sua propria terra.

Serão todos assim ? indagava eu. E fui a Portugal e lá tornei com delicia varia vez, porque lá, mais do que aqui, eu senti as qualidades dessa raça cheia de reservas de saude da alma, porque lá eu tive a impressão plumosa do carinho e da forte bondade. Os portuguezes que voltam á patria falam tanto do Brasil que acabaram por chamal-os brasileiros. Os portuguezes que nunca vieram ao

Brasil são o proprio enthusiasmo por nós. Desde a minha chegada á terra da belleza, em que tudo é de belleza sensual e communitiva, eu senti esse amor tão puro e tão bom.

E' você brasileiro ? Pois seja bem vindo ! E sorriem as creaturas do povo, e abrem-se os lares e ha em cada gesto uma caricia.

E' você brasileiro ? Então a transformação das cidades, o progresso ? E são perguntas como aos que chegam de ver um irmão distante. E' você brasileiro ? Faça um bom juizo de nós, que amamos a nossa terra e amamos o Brasil. E os politicos, como os grandes poetas, pensam no Brasil e cantam o Brasil. Eu guardei as palavras de Guerra Junqueiro :

— A sua terra é uma terra em formação, cujo brilho futuro ninguem poderá saber qual seja. Tão grande se annuncia. Ella se faz como se fez o sol para esplender. O momento é de ascensão... Mas o seu problema é o da criação de uma nacionalidade, de um povo que vibre e pense de accordo, de norte ao sul, da alma do Brasil. O Brasil deve pensar na sua hegemonia futura, no seu typo definitivo. Os governos devem crear a unidade do typo. Preciso é misturar as raças para que ellas não formem verdadeiras colonias federa-

das. Eu amo o Brasil porque é a terra da esperança, a terra onde a bondade póde ser prégada, porque nessa immensa extensão de terra vive Portugal e augmenta e cresce; porque nessa magia de luz desdobra-se a lingua portugueza, porque cada portuguez vê no brasileiro vencedor o filho feliz coroado de louro...

E se o maior poeta contemporaneo falava assim vendo o Brasil, o Brasil mentalmente, eu assisti ás ovações ás nossas bandeiras, ás manifestações populares, aos enthusiasmos que vão até a dar nomes brasileiros ás diversas ruas e praças.

Mas senti que o portuguez é assim pelo Brasil — porque continúa a ser um dos povos mais patriotas, mais cheios de fé, mais certos do triumpho. Para o grande homem, como para o humilde lavrador, melhor que tudo ha no mundo Portugal. E' o lar, é a terra, é o sonho, é o amor, é a vida. Portugal foi, é, tem de ser, será. E' uma certeza que está na voz, que está nos olhos, que está nas mãos de cada homem. E' uma certeza tão forte que communica ás arvores, communica aos rios, communica ás fontes e aos céus e aos astros esse infinito e certo amor, de tal fórmula que, ao passar a fronteira ou ao chegar a aguas lusitanas, aos nossos olhos parece que

o céu mais doce, que as aguas mais macias e as arvores suaves e toda a natureza dizem em silencio o amor de Portugal — a mais formosa das terras, seio nutriz de gente bella, de gente forte, de gente boa...

Portugal ensinou-me assim o peso estranho da palavra, que mais dores, mais penas, mais soffrimentos, mais anhelos, mais amores, mais esperanças resume; Portugal ensinou-me assim a força da palavra Atlas, da palavra que evoca a visão da eternidade das raças, da palavra em que se ligam em sangue e idéa as aspirações tumultuarias dos homens, da palavra patriotismo. Graças aos deuses, eram da minha raça e cheios de amor pela minha terra os involuntarios exemplos do grande sentimento, os meus professores da energia que mantem a vida dos povos ! Ensinaram-me a amar o passado como o presente e a crer na minha terra sem fraqueza, como elles crêm na sua. Ensinaram-me a crêr na sua patria como elles na nossa. E ensinaram-me, sem rhetorica, sem excesso, para que, respeitando as palavras que matam e arruinam, eu só pronunciasse aquellas em que possa fluidificar a consciencia da minha sinceridade.

Neste instante, os brasileiros voltam-se em auxilio para a Cruz Vermelha de Portugal.

A minha bocca, em louvor e animação, não quer dizer senão entusiasmo. Mas, por sobre cada palavra, como a luz do sol arde o reflexo de uma outra palavra, profunda e immensa, a unica, a fundamental: — patriotismo ! Porque para o brasileiro com o orgulho de ser brasileiro, falar de Portugal é falar da raça, é falar da origem, é falar do proprio sangue, é falar como da propria patria.

---

Minhas senhoras — Meus senhores — Não tenhamos illusões. Eu falo e a vossa alma pensa na guerra. Apenas a maioria olha as calamidades, as destruições. Os milhões de vidas ceifadas pelos engenhos terriveis, o trabalho sem braços, o fim, a horrida desgraça. E' possivel limitar assim a guerra quando ella se dá accidentalmente entre dois povos em delirio destruidor. As grandes guerras são, porém, etapas de transformação, a violenta transmutação dos valores do mundo. Os povos mediterraneos, possuidores do espirito enthusiastico e creador, sempre tiveram esse inimigo — o norte. Roma resistiu até a destruição á avalanche do norte. A França centralizou a defesa nos tempos modernos contra o norte. Os dois espiritos, o mediterraneo e o germanico, não se puderam nunca compre-

hender, desejando ambos o dominio — um, despreoccupado e heroico, contentando-se com o que é seu; outro tenaz, formidavel, fanatico a frio, consciente do seu poder, querendo dominar tudo, transformar tudo, moldar á sua feição a terra.

Ha quasi cincoenta annos o mundo esperava o choque. Elle deu-se. E' a humanidade inteira em lucta, e, como em nenhuma outra guerra anterior, os traços differenciaes dos povos se accentuam nas hostes: de uma parte, todos aquelles mediterraneos ou herdeiros adoptadores dos sentimentos e idéas celticas. De outro, os que toda vida desejam dominal-os ! E' um combate definitivo, de que ninguém escapará, mesmo não entrando na lucta. Guilherme II provocou o choque. E' a fatalidade, a razão da transformação. Em ferro e sangue e fumo e morte, o mundo muda. Terminada a guerra, elle será integralmente outro. Nunca houve um momento tão tremendamente angustioso na historia, tão tremendo e tão angustioso que, como a sentil-o chegar, annos antes, a humanidade inteira, desarticulada, aqui assustada, ali feroz, acolá em apresto, mais adiante em furia decadente, prenunciava o innominavel momento.

Ha quanto tempo a impaciencia, o desejo de acabar, a anciedade das raças? Foi Sera-

veja o primeiro symptoma do ruir do mundo velho ? Não. Seravejo foi de subito a mecha do incendio geral. Antes foram as guerras, foram as luctas fraticidas, na America, na Asia, na Europa, foi a batalha do Mexico e foram as chacinas balkanicas. Antes foi principalmente o estado dos espiritos, os poetas a incitar os valores e as coragens, os jornaes em delirio, os politicos desvairados, os povos tentando revoluções e reivindicações tumultuariamente, a loucura que não poupou nem a Inglaterra e fazia o mundo conflagrado, es-traçalhando-se em espirito na peninsula balkanica. Antes, foram a negação, o desanimo, o desespero, o desaparecimento da tradição como na China, o desprezo pelo passado e o appetite de vassalagem como na Turquia, o sonho socialista destruidor das defesas da patria como na França, o turbilhão das raivas lividas em convulsão. O cyclone annunciava-se. A Grande Guerra é o cyclone.

Portugal, porém, sentiu o cyclone. E apresentou-se. Na transformação do mundo era preciso salvar-o. Se os poetas são os guias mo-raes dos povos, o nervosismo, a anciedade, o desejo violento de prégar e de guiar, o animo transformador é caracteristico nos grandes poetas do momento, como Antonio Correia de Oliveira, como Affonso Lopes Vieira. Um

destes, aquelle que ficará como a expressão forte do impeto formidavel — João de Barros — erguia no seu poema “Anteu”, um hymno desesperado á continuidade da raça. E em plena transformação dizia ao paiz, em um dos seus poemas:

Québra as amarras,  
Navio triste, adormecido junto ao cáes !  
Não ouças mais,  
A voz nervosa, a voz chorosa das guitarras  
Nas mãos inquietas dos marujos, dos arrhaes !  
Québra as amarras!... Vem no ar um arripio  
Do amor vendido nas tabernas, sobre o rio.  
Amor brutal, que mal abraça logo esquece,  
Amor sem dôr, beijos sem prece,  
Beijos que movem, que magoam—mas não pendem...  
Deixa o Passado junto ao cáes, ó meu Navio !

Toda a sociedade portugueza, todo o povo pensava assim, sentia assim. Engano o de muita gente, julgando Portugal desilludido e fraco, a cantar fados e a pensar nas glorias mortas. Eu mesmo, nesse erro, exclamava:

— Mas, por todos os deuses ! o passado só existe quando é o elixir vital da gloria que avança ! Não ha glorias perdidas. Ha derrotas que se não contam quando nos sentimos com vida, e victorias que só devem servir de incentivo a outras victorias maiores. Evocar o Gama como se elle estivesse morto ! Os ex-

cepçionaes estão sempre vivos e presentes no mundo; são os guias da raça. O Destino dá a cada portuguez a ancia de aventura, a herança rutila do Gama. Em cada obscuro emigrante soluçante á prôa de um barco, em cada pescador da Terra Nova, em cada heróe da Africa inhospita — ha vivo, contemporaneo e futuro, um marujo do Gama, levando a outras terras a raça portugueza, a lingua de Portugal, a pureza physica e moral dos filhos de Portugal. Não citemos Camões sem a noção do presente. Os grandes poemas epicos são os guias das raças privilegiadas. Os gregos ouviam Homero para vencer e para agir. Salamina é uma resultante da Illiada e Atheneia o expoente maravilhoso da confederação guerreira diante de Troia — onde os barcos de Odysseu eram os unicos vermelhos...

Mas nunca, dizendo isso, foi tão leviano o meu julgamento! Eu dizia o que elles já tinham feito...

Portugal realizou a Republica numa vigilia de armas da Intelligencia. Emquanto por cá, as revistas de anno arvoravam apotheoses com o velho Portugal a chorar, seu passado dentro de umas grandes barbas comicas e os jornaes ingenuos reproduziam a Torre de Belem e o retrato de Camões a proposito de diferentes acontecimentos, que nada tinham nem

com a Torre nem com Camões; dava-se lá, com a Republica, o apresto da juventude guiada por varões cheios de ardor novo, vibrando dessa divina ambição, força das patrias jovens, desse divino Querer que é o verbo de Portugal. A Patria seguia o poeta vidente, abandonando todas as tristezas e todos os vícios:

Noite na terra, venenosa, entorpecida,  
Luxuria, engano —  
Fica enroscando o corpo velho da cidade,  
Desenganando uma vez mais o amor humano...  
Enfuna as velas, não hesites de saudades!  
Quem foi ao leme que te guie com firmeza.  
— Vais para o Sol, para o Amor, para a Belleza?  
Não interrogues o silencio da anciedade!  
Parte sósinho, ébrio de tudo quanto ignoras.  
Nos horizontes vão romper novas auroras  
Que nem sequer tu poderias suspeitar...  
A lua clara illuminou o teu caminho...  
Quebra as amarras, ó meu navio, vai sósinho  
Vai para o Mar!

---

Senhoras ! senhores ! — A grande massa dos brasileiros — o paiz onde a bondade póde ser prégada, na frase de Junqueiro, comprehendeu num impeto immediato a formidavel gravidade do momento historico. Paiz da America, paiz neutro, nem por isso os seus filhos deixaram de estar, desde o primeiro instante, ao lado dos paizes de livre arbitrio,

de independencia e de civilisação. O movimento foi dos intellectuaes, foi do povo, foi das mulheres. Não temos odios; temos o sentimento da defesa. Em nenhuma outra terra com tanto calor essas provas de solidariedade foram tão continuas.

E as mulheres brasileiras para as tornar perfectas deram o seu auxilio á organização dos “comités”, ás obras da Cruz Vermelha, a todos os paizes alliados.

A entrada de Portugal na lucta não podia deixar de acendrar mais o nosso amor á causa da defesa universal. Hoje uma parte do Brasil está na lucta.

— Nós somos e devemos ser por Portugal, pelo seu patriotismo.

— Nós somos e devemos ser por Portugal como uma reciproca, porque còmosco esteve sempre esse povo.

— Nós somos e devemos ser por Portugal, porque somos no Novo Continente o herdeiro da sua lingua e do seu passado, o mais glorioso passado dos povos da terra.

— Nós somos e devemos ser por Portugal, porque o mesmo sangue nos bate nas arterias e as mesmas qualidades nos estimulam á vida.

— Nós somos e devemos ser por Portugal, porque pertencemos ao mesmo tronco, por-

que não se escolhe a raça, porque a sua raça é a nossa raça — que nos illustra e devemos continuar a dignificar.

Eu senti um grande abalo quando resolvi falar-vos, pensando na cruz que é sol e é sangue redemptor, pensando na mulher — porque nunca uma voz, propalando a união indestructivel de dois povos, encontrou no momento pathetico esses grandes esteios do amor universal fundidos na obra branca que acompanha os combates, porque nunca o nosso amor precisou ser affirmado assim, profundamente.

Eu acreditei sempre na fatal transmutação da guerra. Eu pensei sempre que della advirá a rectificação da alma das raças. Tenho de louval-a agora — desde já — porque reuniu todos os portuguezes com o mesmo desejo em torno da patria sagrada, e porque é a occasião de mais uma vez ligarmo-nos em accôrde unisono, brasileiros pelos portuguezes, mostrando-nos patriotas, certos do futuro, fieis á nossa raça.

Tudo se transforma neste apice de sentimentos. Esta mesma casa de espectaculos, de risos e de despreocupaçào tem um ar augusto. Ha aqui corações vibrando. Os deuses vivem dentro dos homens e onde está um homem com a consciencia da sua patria, está

um templo. Nós nos reunimos para levar um pouco de auxilio á obra que será das mulheres portuguezas. Ellas estão, sem lagrimas, por traz dos batalhões que se formam. Cada um pensa os versos do doce poeta :

Se fores o porta-bandeira,  
Soldado que vais á guerra,  
Nem que te cortem os braços  
Não na deixes ir á terra.

Cada um de nós tem a esperança do soldado:

Bandeira das Cinco Chagas,  
Se Deus a visse no chão,  
Viria do céu á terra  
Erguel-a por sua mão.

Porque atraz dos soldados, bentas duplamente do sangue da cruz e do sangue das chagas da bandeira, as mulheres portuguezas serão os archanjos de Deus que dão a justiça e escorraçam a morte.

Senhores, senhoras — por tantos motivos somos irmãos, que no silencio de cada um dos nossos corações, arde perpetuo o voto de que este instante de transfusão se eternize, seja qual fôr a terra de amanhã.

Alma do Brasil, Alma de Portugal, sêde na

vida eternamente os ramos fraternos nascidos do mesmo tronco imperecível. Sêde a Força, sêde o Esplendor, sêde a Coragem ! Mas conservai esse mutuo amor, nascido da mesma Raça, Raça de gloria tão forte agora como outr'ora, Raça Portugueza !

# PATRIOTISMO

Ne Rio, em louvor de um  
gesto. =====

OMITTOIT

“Meus senhores — Venho falar-lhes aqui de patriotismo. Simples palavras. Patriotismo é uma coisa muito séria, muito grave e muito pouco explicavel. O dramatico do momento contemporaneo, evita ao meu decoro, um crime infelizmente sempre bem recebido pelas platéas de facil enthusiasmo: o da banalidade estridente. Banalidade só a das cigarras, que julgam fazer o verão, quando o verão as faz e não as vê. E nenhum de nós vai pensar por isso em repetir, com grandes gestos e a voz dos momentos solemnes, velhos motivos de historia heroica.

Por trás deste velarium está prompto a reger um bando de jovens ardentes o homem em torno do qual esta festa é sentimental e nobre.

Esse homem é uma expressão de patriotismo. Não o conhecia, quasi não o conheço. Ha varios mezes um amigo pediu a minha

presença e o consecutivo elogio á apresentação de um orpheon.

-- Imagina tu que os rapazes são uma revelação ! Em poucos mezes, o Rosa fal-os cantar Wagner a secco !

— Bem. Mas quem é o Rosa ?

— E' meu amigo. Typo de primeirissima. Sabe mathematica, sabe philosophia, sabe linguas, e tem uma grande paixão pela musica.

Maestro, compositor, a arte fica para os intervallos, porque o Rosa trabalha quasi o dia e a noite.

— Deve ganhar muito.

— Fica com o necessario para não morrer definitivamente de fome. Todo o dinheiro do seu trabalho honrado manda-o para saldar compromissos da familia. E' exquisito.

Fui applaudir o Orpheon e observei que o exquisito Rosa era um homem magro e severo. Nunca mais o vi.

Declara a Allemanha guerra a Portugal. Todos os brasileiros deviam estar pró-Portugal por sentimento, pela raça e pelo perigo que é a Allemanha na absorpção do que elles chamam já: a Allemanha Antartica. O entusiasmo corria as ruas. Vozeria, cantos, a "Portugueza", no adejar multiplo dos pavilhões verde-rubros. A cidade certas noites

era um orpheon espontaneo. E o meu amigo, numa esquina :

— O diabo é o Rosa...

— Que aconteceu ao Rosa ?

— Os frades de S. Bento tinham-no convidado para leccionar. Setecentos mil réis. Após a miseria e o trabalho mortal — o conforto, o respeito, a calma para poder trabalhar.

— Os frades demittiram-no ? Allemães !

— Não. O Rosa, eu já te disse, é um exquisitão. Rompeu a declaração, e o Rosa logo escreveu uma carta não accitando o logar. Continuou na miseria — patrioticamente.

Eu fiquei calado. Mas quando de novo vi aquelle homem magro dentro de um fato preto, tão tímido que parece andar sempre desconfiado de que o olhem, tirei-lhe o meu chapéu com um grande respeito. Simples, modesto, ignorado, com o orgulho do seu saber, republicano desconhecido da cabotina-gem politica — aquella creatura luctara, amarelecera, emmagrecera, tivera fome. E no momento em que se ia sentar á farta mesa para ter pouco depois o brinde fatal aos seus talentos, deixara a mesa, esquecera o futuro brinde — gloria e conforto, idéaes do artista, — e voltara á sombra sem uma estridencia,

porque dentro da sua alma havia na pureza romantica e grave — a patria...

Que melhor motivo para ferir um cerebro que sente pensando? Que maior exemplo de uma das formas da razão da virtude essencial? O meu coração batia. Quando soube desta festa corri aos desejos dos seus organizadores. E' tão bom admirar os que merecem ser admirados! E mais do que isso, armado do exemplo sensível eu que pensei em vir conversar com os homens, collaboradores da festa, e dizer-lhes antes de levantar o panno:

— A maior razão da vida está por acaso, agora, nesse homem. Falemos para meditar no patriotismo...

\* \* \*

Patriotismo! Já algum dos senhores procurou explicar esse sentimento? Ha milhares de definições, e nenhuma serve. Cada um de nós tem uma idéa dessa qualidade, e todos a possuem de modo diverso: o servo e o sabio, a mulher e a creança, o explorador e o virtuoso, o politico e o artista. Por que o homem bronco defende a sua patria? Pelo lar, pela terra, pela tranquillidade, pela atmospherá moral que o impelle? Talvez. Muita vez o homem bronco saiu da sua terra ainda creança e prosperou noutra, convencido de que não

vale a pena tornar ao berço natal. Ha, entretanto, de repente, uma commoção, e eil-o esquecido de tudo, contra o seu inimigo, a favor da sua patria. Por que? O politico levou a vida inteira a abusar de grandes palavras para servir ao proprio egoismo. O politico, como o jornalista, conhecendo os homens de perto, tem o desprezo pelos sentimentos. A fatalidade arma, porém, o acontecimento dramatico. E, eis o politico sem mentira, tremendo, querendo, vibrando. Por que? O explorador passou a vida rolando a sua infamia, voraz, canalhamente. Patria, é uma pilheria. O destino arma o desastre da guerra. Elle continúa canalha, mas com o desejo de victoria da sua collectividade. Por que? As mulheres temem as campanhas sangrentas, o troar dos canhões. As pobres nas aldeias acompanham o filho soldado, como se lhes acompanhassem o enterro. As senhoras na cidade são tão delicadas, que um gesto aspero as faz chorar. Vem a guerra. Ellas são o nervo da guerra, vibrando de enthusiasmo e de dedicação, multiplicando carinhos, heroínas do amor corajoso. Por que? Por que esse sentimento irreprimivel, fundamental, superior a todos os outros? Patriotismo! Em todos os tempos elle é o mesmo, em todas as almas elle vibra fatalmente, hontem, num passado

remoto, hoje, num presente afflictivo. Tudo no mundo póde variar, e tem variado. Mas, como os desejos egoisticos da reproducção e da cubiça, o amor da patria mantem-se como aureola do homem.

A grande guerra é disso extraordinario exemplo e lição profunda. Nunca o homem foi tão sabio como agora. E, consequentemente tão vaidoso, tão máo, tão pernicioso nas suas relações. A vida tornou-se uma exploração egoistica, e a vangloria das intelligencias foi ao extremo de considerar a guerra impossivel e perfeitamente ridicula a idéa de patriotismo. Estavamos num fim de mundo. Nos grandes paizes, para acirrar a defesa dos proletarios contra os patrões, prégava-se o principio de que só o dinheiro iguala, e fazia-se no proprio exercito a propaganda contra a estupidez de defender a patria. Nunca as mulheres foram tão futeis, nunca os artistas tão vãos, nunca os philosophos tão descuidosos, nunca os politicos tão estupidos. A moda era abolir o mais antigo sentimento generoso do orbe. O mundo inteiro civilizado concordava, dançando o tango, essa marcha funebre da loucura universal. Falar de patriotismo entre grandes homens? Era obter um lamentavel diploma. Falar de patria aos malandros, cujo numero augmentou indefinidamente?

Era inutil. Falar ás mulheres e aos rapazes ? Para que ? O mal era, de apparencia, tão profundo, que nem aos homens do povo se podia propor a palavra sem ouvir brutalidades. O principio geral synthetisava o idéal: gozar a sua vida o melhor possivel, sem pensar nos outros. Essa immoralidade delirante foi a causa de todas as abundantes immoralidades, que expunham á corrupção frenetica.

De repente, porém, a guerra, a horda barbara, o castigo. E philosophos, sabios, mandros, politicos, homens broncos, mulheres, intelligencias, ignorancias, o tango universal sentiram o impeto da marcha, o amor colectivo pela sua patria, pela sua raça, pela obra dos antepassados que é preciso conservar. Cada creatura sceptica, desencantada, voraz ou perversa, ardia n'alma a necessidade heroica, a mesma necessidade. As opiniões mudaram como nas magicas. A humanidade, despojada de vaidade, desvestida de futilidade, resurgiu no estridor da batalha. Como na Lacedemonia, as mulheres dizem aos filhos: morre ou volta victorioso. O erro é lavado em turbilhões de sangue. E um grande sopro de amor viriliza o mundo.

Patriotismo ! Cinco mezes antes essas populações pensariam jámais encontrar-se no mesmo grande accorde ? Cinco mezes antes os

fantasistas, os desequilibrados, os parasitas, os exploradores poderiam crêr na prophécia de se verem na trincheira, homens de verdade, batendo-se por esse amor inexplicavel da patria ?

Nos muros de Ecbatana dizem que Pythagoras viu os signaes das fórmãs essenciaes das coisas. Na guerra de agora os erros da vaidade descobrem a essencia mysteriosa da conservação: o signal patriotismo...

\* \* \*

E ninguem sabe que é patriotismo ! A sciencia póde explicar tudo. Como dizia em versos Bartrina, a sciencia explica e traduz as letras mortas dos seculos, marca hora ao apparecimento dos astros, define, liga, projecta a especie e até mesmo, auscultando a alma do homem, póde dar como razão não termos amigos nem amores sinceros. O homem é um tecido de egoismo... Só não se póde dizer, porque cada homem, mesmo pensando não a ter, mesmo não a querendo ter, tem essa vibração sub-consciente que se chama patriotismo.

Podemos, apenas, tentar aproximações, para chegar a reduzir todos os egoismos humanos ao formidavel egoismo Amor. E ahí,

dentro do amor, dentro da reprodução, do instinto que mantém a especie, encontramos o radium altruístico, o unico sentimento generosamente colectivo, o unico sentimento que força o homem a se dar sem lucro, mixto de respeito, de fetichismo, de idéalismo, letra de uma palavra interminavel, differencial das raças, consciencia immanente do dever que obriga o sacrificio á incognita que nos fez descendentes de um mesmo sangue. E' grande, é profundo, é immenso...

Ha, naturalmente; cavalheiros para os quaes tudo é facil e que amontoam definições a respeito. Assim o patriotismo é ensinado como se ensina direito e rhetorica.

— Morrer pela patria é a morte bella ! exclamam.

Mas ninguem se bate pela patria, só porque pela patria. Ao contrario.

— Só a patria parece a eternidade: precede, succede...

Mas ninguem se bate pela patria só porque ella precede e succede. Bate-se, sim, pelo mysterioso presente.

— O patriotismo é a defesa da nossa terra, da nossa familia.

Mas os parias moraes, os exilados, sem terra, sem familia que continuam a amar a patria ?

— O individuo isolado não passa de uma abstracção.

Mas não ha individuos isolados fóra dos seus paizes !

O patriotismo é um nivelador porque iguala todos, é um consolidador porque faz a treva dos odios e muita vez liga no mesmo acto generoso homens que antes ou depois se es-traçalhariam de boa vontade; é um exaltador, porque ninguem friamente deixa uma terra onde está a ganhar dinheiro e a ser considerado, para ficar sem uma perna, sem um braço ou sem a vida. O patriotismo não se exterioriza de um só modo. Ha patriotismo que não parece patriotismo, como o de Alcebiades. Ha patriotismos como o das Thermopilas e patriotismos como o de Xerxes chicoteando a onda. Ha patriotismos tranquillos, latentes, e patriotismos heroicos e patriotismo em covardes. Com o sentimento do amor, o unico sentimento que existe em todos os homens é esse.

Admiramos o facto excepcional, os heróes. E' preciso limitar para comprehender. Das guerras humanas guardamos algumas duzias de generaes e as nações. Mas nessas collectividades é que arde a espantosa revelação multiforme de patriotismo, o impeto altruistico, a fraternização. Não é preciso ser o heróe. A

coragem é um accidente. Póde nascer de um excesso sanguineo como de um grande medo. Não é preciso odiar. Os homens atiram-se pessoalmente sem odios. Em muitas guerras, antigas e modernas, nos momentos de treva, dizem historiadores, os soldados trocam cumprimentos para horas depois bayonetarem-se numa furia delirante.

Não se esquecem dentro das patrias os egoismos, as represalias, a expressão moral do lodo homem — que com elegancia o lodo homem resolveu chamar politica.

Mas, então, por que ? dirão. E' profundamente idiota ter patriotismo !

— Não. Apenas superior ao nosso entendimento. Porque é a força que Deus espalhou na terra, o sentimento differencial, razão de ser da vida dos povos. Está em cada globulo do sangue e está no ar que respiramos. Remy de Gourmond explicou o catholicismo como o desejo da liberdade. Os santos diziam: o nosso reino não é deste mundo e os humilhados, os escravos deixavam esmagar as patrias porque a delles estava no céu. Mas, embora as competições, as miserias, a escravidão, continuassem ainda mais afflictivas, o sentimento de patria tornou-se na idade média mais agudo, mais feroz que nas proprias republicas gregas.

E dessas guerras surgiu a divisão geographica, moral, intellectual do mundo moderno. Os socialistas, segundo o agudo e admiravel escriptor, usaram do mesmo processo dos martyres, agitando as classes proletarias. Para que patria, se a terra toda é nossa e a felicidade igual só virá quando formos todos obrigatoriamente irmãos? Era uma campanha que parecia vencida. Graças ao eterno barbaro do norte, cada homem, de um momento para outro, mostrou a inanidade dessa literatura de "meeting". Ha coisas que a intelligencia escuta, a boca fala e a alma, mesmo á força, não faz.

Na machina-homem vibra esse elemento, cuja composição chimica e cujo resultado physico, todos nós temos de ignorar. Nessa mysteriosa composição ha uma percentagem de um certo gaz. A constituição chimica póde variar. O gaz patriotismo existe em todas as almas como o gaz religião e o gaz amor. O gaz religião vive em Santa Thereza de Jesus como em qualquer imbecil vaidoso que assegura não acreditar em coisa alguma e vae ás bruxas. O gaz patriotismo existe em Achilles, em D. João de Castro, como nos rapazes dançadores de tango, como no maior crapula imaginavel. Os que não são heróes pódem troçar, pódem rir, pódem ser caboti-

nos. O gaz está dentro da alma socegado. Se não ha motivo, nunca se manifesta. Mas, quando menos se espera, á pressão externa, o gaz age e ou o corpo se agita ou o patriotismo o asphixia.

No grande momento actual, o que é para notar precisamente é o estado moral dos que não entram na guerra. Nas nações belligerantes os convulsivos aspectos dos velhos, das mulheres, dos estropiados, das creanças. A humanidade guardou exemplos de coragem legendaria e as attitudes magnificas de certas figuras. Mas casos maiores tornaram-se agora communs. A mãe dos Gracchos, a mãe de Coriolano têm nas senhoras, que ainda outro dia pareciam creanças a papaguear, réplicas muito mais notaveis. Meninos, que julgavamos incapazes de reagir a um insulto, desejam continuar, mesmo feridos e estropiados, na lucta. Mulheres substituem o homem nas cidades e vão com elles na cruz de sangue, batendo-se contra a certeza da morte, muita vez, e batendo-se por carinho e dedicação com a propria morte. Creanças, que ainda na vespera brincavam no recreio dos lyceus, querem ir para a guerra.

— Com exercito desorganizado e a frioleira desenfreada, todos esses povos estão no

papo! pensava a estupidez calibanesca do grande estado-maior allemão.

A kultura póde accumular indigestões de saber. Mas não vê. Não póde ver. Não viu que a trama organica de uma nação está na virtude occulta, no gaz que eleva todas as almas, no patriotismo. Como vencer a vontade divina ?

Como quebral-a, quando o momento a faz liga de ferro, prendendo todos os homens como saldunes ?

E se dentro dos paizes em guerra o estado moral é assim, fóra, em paizes distantes, a analyse desse sentimento basico é ainda mais para meditar.

\* \* \*

Eu considero a grande guerra o renova-mento do mundo. Eu considero a grande guerra o momento em que o homem torna a se ver homem, com os profundos encargos da sua herança. Não ha mais futilidades. Os elementos virtuaes explodem a irradiação do patriotismo. Na America procuro o segredo do dom superior, á espera da falha, entre os homens estrangeiros que são a maior parte da população urbana. Vi os italianos parti-

rem para voltarem alguns estropiados e contentes.

— Estás contente?

— Paguei a minha divida de sangue !

Mas que divida se nascera sem pedir e emigrara para viver ?

Conversei com portuguezes jovens. Nenhum só teve o riso, o ar de mofa.

— Chega a minha chamada e eu vou...

Fóra os que não esperam chamada e vão logo, sem noticia nos jornaes. Ainda outro dia acompanhei um que punha sangue pela bocca.

— Mas estás a morrer.

— Antes de morrer quero ser util á minha patria...

Por que ? Pobre adolescente forte apesar de morrer !

Esses são os sãos explicadores do inexplicavel sentimento. Mas, no meu alarmado estudo, encontrei tambem o patriotismo remorso, o patriotismo que escapou a Dante, numa creatura de paiz belligerante que, no principio da guerra, socialista por pose e canalha ambicioso por indole, vendeu-se á Allemanha e da capital da sua patria espiava e mandava informações. Souberam disso.

Elle, porém, intelligentissimo, Arsenio Lupin trahidor, desapareceu a tempo, embarcando disfarçado em Amsterdam num navio hollandez, que o trouxe ao Rio. Está ahi. Não lhe digo o nome. Mas é de certo a figura mais dramatica que eu conheço. Com a distancia, o horror da sua abjecção tornou-se nitido. Vive nas ruas, á beira dos boletins de guerra, collecciona os jornaes. A's vezes não se contém e sóbe ás redacções, á noite, indagando. Os dinheiros da trahição mandou-os aos poucos, em pequenas porções, para os hospitaes de sangue.

— Não é possivel ! não é possivel ! faz, debatendo-se, á noticia de catastrophes.

A sua idéa de covarde é a patria. Julga-se o culpado, o unico culpado. O patriotismo dentro d'elle abriu como num monturo um heliotropo. Tem medo de voltar para ser justificado, tem medo de ir para uma legião estrangeira. Mas, pallido, tonto, desvairado, o seu desejo é a victoria da sua patria, e aos soluços, quando me deixou entrever o horror, a idéa que lhe queimava o cerebro era nunca mais poder ver a "sua" terra...

— Nunca mais ! Nunca mais !

Porque no mundo os homens podem ter todas as faltas. Mas nelles existe sempre uma

qualidade que quando não é gloria é castigo  
— patriotismo...

\* \* \*

Para falar desse sentimento que é a razão de ser do mundo e quando pretendem esquecer-o resurge em ondas de sangue, eu não desejaria, como exemplo, dramas convulsivos, arroubos adolescentes, impetos ferozes, victorias, figuras historicas. A minha ambição era, como o fazia um philosopho elegante, mostrar o sentimento no seu mais intenso aspecto espiritual.

Por trás deste panno está um homem que estudou sciencias e supportou dos homens apenas ingratições e a indifferença, que é peor do que a ingratição. Integralmente desconhecido, desoladoramente falho de dinheiro, obscuro por entre a turba com o appetite da exhibição.

E' portuguez. Nunca foi aos jornaes brasileiros discutir a politica da sua patria. Nunca entrou em manifestações innocuas. Nunca deu vivas ! Grave, severamente grave. Ao vel-o na rua, faz-se tão apagado que nem mesmo acontece o que soe acontecer com os palermas vistosos — nem mesmo indagamos:

— Quem é aquelle cidadão ?

Entretanto, elle resumiu, elle synthetisou uma porção de casos em que, para valor nosso, se mostra a alma portugueza. Fez mais: homens bem empregados — eu o sei— deixaram casas allemãs e foram para outras casas. Elle, que nunca tivera o emprego em casas importantes, elle, esfalfado do labor, elle, artista, recusou tudo para estar digno com a sua consciencia — a consciencia que é o acervo das noções do bem conquistadas pela especie.

Platão amaria esse homem. Plutarcho e Tacito tel-o-hiam acolhido. E Shakespeare, que foi depois de Homero o segundo revelador da alma humana, falaria dessa alma, entre as tragedias dos seus heróes.

Graças aos deuses elle é portuguez. Digamos com egoismo, nós portuguezes e brasileiros. O segredo da existencia de Portugal, dessa expressão de terra, pequena e encantada, onde um materialista poz o paraíso e um poeta viu nos seus cinco valles a pressão dos cinco dedos de Deus — é a saude do seu povo, a saude physica que o faz bello e forte, a saude moral que lhe faz a saude physica e lhe procura o equilibrio. O portuguez, heróe ou humilde, guerreiro ou aventureiro, tem como gloria os tres dons supremos: o amor, o temor de Deus e a fé na patria. E de tal fórma os confunde, que o vigor do amor, o respeito

de Deus e a certeza na sua terra se confundem num só tocante e irreprimivel impeto: patriotismo. Onde elles estejam, Vasco da Gama ou qualquer um sem nada de notavel, elles estão com Portugal no coração, fazendo Portugal. E tão nobremente o faz o heróe na lucta, como o asceta renunciante em torno do qual eu falo.

Para a minha Patria, que é tão herdeira das virtudes da raça como os portuguezes contemporaneos, mas que tem a defender na immensidade do solo a perfeita constituição da nacionalidade, o patrimonio da lingua e essas mesmas virtudes espontaneas da raça no “gulf-stream” dos intereses universaes, sob a ameaça das invasões migratorias de povos de exploração dominadora; para a minha patria, sem a cohesão da patria portugueza, e sem a immediata ligação tradicional; para a minha patria, cujos sentimentos a politica e a irreverencia das pequenas intelligencias procuram anniquilar; para a juventude da minha terra, eu desejaria repetir o que em toda a minha obra fugace é calor, o que, depois da guerra me fez falar á mocidade em São Paulo e aos portuguezes no Rio:

— Ninguem explicará o sentimento patriotismo. Elle é, entretanto, a razão de ser do homem, e a sua nobreza na escala animal.

Sejamos como os povos que assim o comprehendem. Melhor é comprehender e intensivar um nobre sentimento incoercível que o occultar entre despreoccupações.

Eu não duvido do nosso patriotismo. Desejo apenas que, em vez de sentimento occulto, elle seja o deus unico confessado e proclamado. A terra é nossa. A raça é nossa. Quebrar-nos a raça, porém, é tomar-nos a terra.

A grande guerra é a maior lição do mundo, a lição na qual, em caudaes de sangue, se repõem os valores essenciaes da vida. Portugal está vivo pelo radium latente do patriotismo. Não morrerá jámais. Reflectamos nós, que temos formidaveis deveres !

Herdeiros tambem da divina qualidade que a raça aprimorou outr'ora, tenhamos os exemplos como guias, para a nossa cohesão, antes que seja tarde. Patriotismo é impeto. Leva um pobre rapaz a morrer para o voluntariado. Patriotismo é dor. Faz o heroismo das mulheres. Patriotismo é o sentimento obscuro do dever para com o mesmo sangue. Patriotismo é generosidade. Despeja as bolsas pelos que morrem e sofrem por nós, sem que saibamos porque no intimo temos a certeza, de que é "por nós". Patriotismo é escrupulo, é dignidade d'alma.

Faz o maestro Rosa recusar um emprego, porque no mesmo dia a sua patria rompe em guerra com a patria dos que lhe vão retribuir o trabalho honesto. Patriotismo é o instincto da defesa, é o reflexo do gladio do archanjo á porta do paraiso que, para cada um mesmo desgraçado nella, é a sua patria. Patriotismo é a integração do homem em si mesmo para a irradiação das supremas virtudes: a coragem, a fé, o amor do proximo, a solidariedade, o respeito pela formação do seu proprio eu. Patriotismo é egualdade: é querer a sua patria egual ás maiores para ser egual a todos. Patriotismo é luz do céu, erguendo os homens unidos para a defesa de uma abstracção que é o ideal da felicidade da raça. Patriotismo é fatalidade, é destino, é a diferenciação do homem, é o maior mysterio da alma.

Que os deuses permittam, a nós, portuguezes e brasileiros, não esquecer jámais que a nossa mãe commum cultivou, para descobrir mundos, vencer nas guerras e ser forte, e ser linda e ser boa, dentro do coração, essa flôr maravilhosa. E que, nos grandes momentos dramaticos do mundo, pelos seculos em fóra, em outros theatros, em outras cidades, possam ser feitas festas humildes e modestas como esta, em torno de um heróe modesto

que, como arma, tem uma batuta, mas que com ella realisou um gesto supremo.

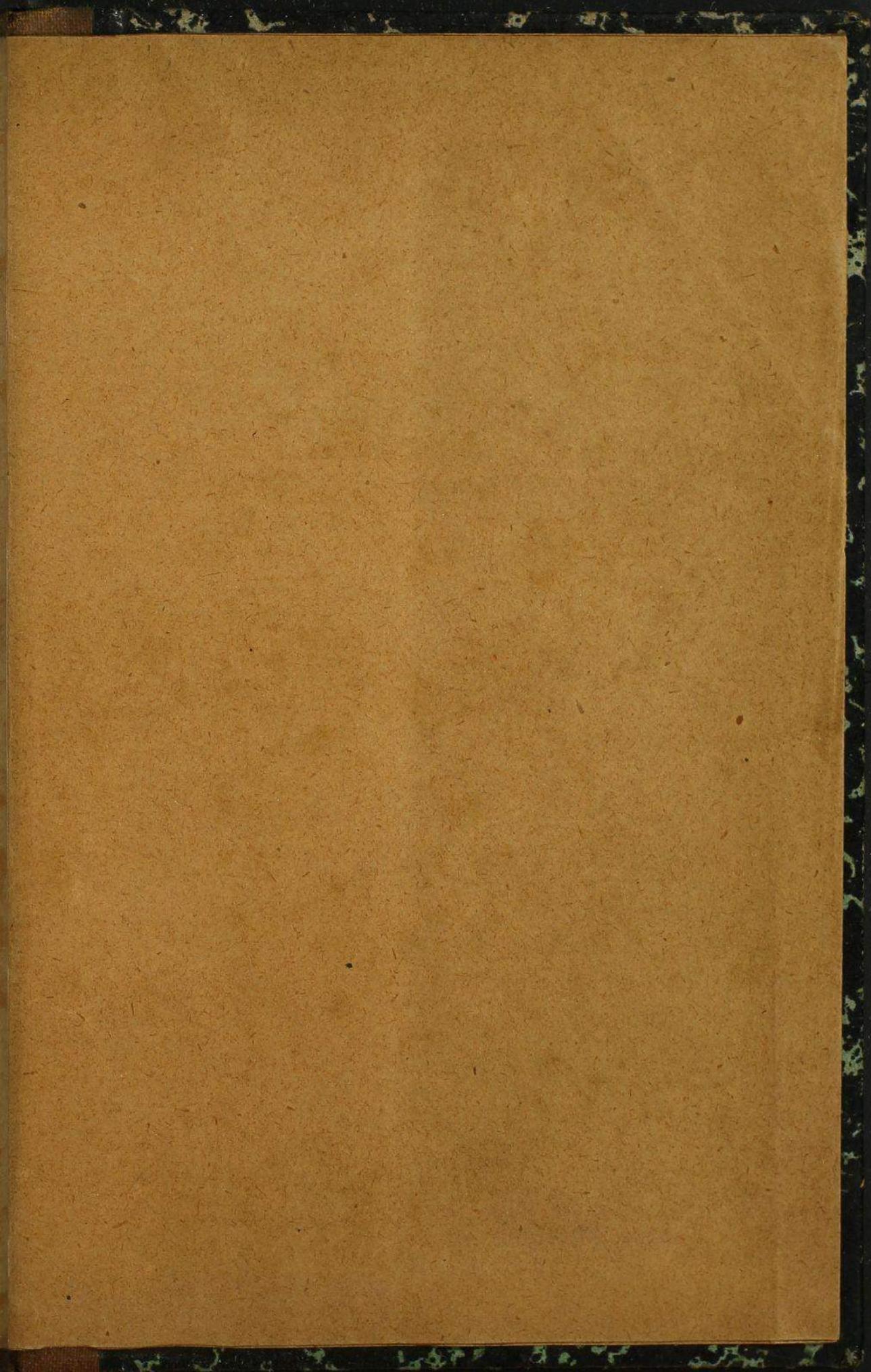
— Que festa é esta ?

— Festa de patriotismo.

— Coroam o heróe ?

— Os heróes luctam nas hostes. Coroamos aqui o sentimento da patria, o sentimento de ver de ser patriota !

E, se pudermos dizer isso aos curiosos nos seculos futuros, poderemos ter a certeza de que arde, irradia, esplende, fulgura, cohesa e forte e nobre, a raça admiravel, a minha, a tua, a nossa raça, graças ao dom divino do patriotismo !



00800

